

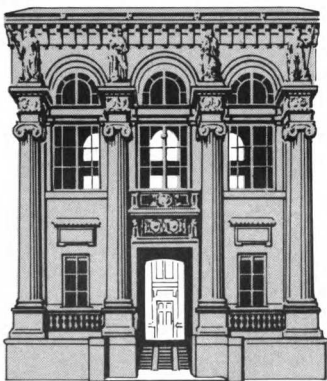


2.569

E-12

P-2

# TAYLOR INSTITUTION LIBRARY



ST. GILES · OXFORD

100

~~V4. II. P1789~~

~~[cupboard 2]~~

Vel. Fr. II A. 1855









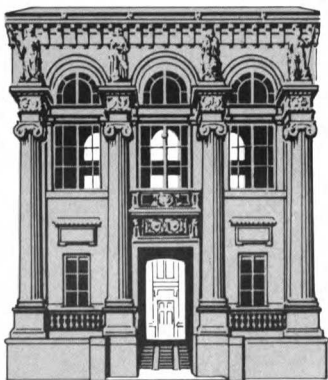
# HENRIADA.

2.569

E-12

P-2

# TAYLOR INSTITUTION LIBRARY



ST. GILES · OXFORD

~~V4. II. P1789~~

~~[cup board 2]~~

Vel. Fr. II A. 1855









# HENRIADA.

ACADEMIC

**HENRIADA**  
**POEMA ÉPICO,**  
**COMPOSTO NA LINGUA FRANCEZA**

**P O R**

**Mr. DE VOLTAIRE,**  
*Traduzido, e illustrado com varias notas*  
*na Lingua Portugueza*

**P O R**

**THOMAZ DE AQUINO**  
**BELLO E FREITAS,**  
**MEDICO FORMADO**  
**PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.**



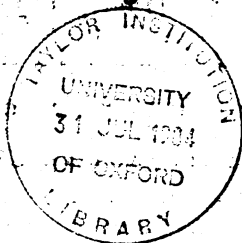
**P O R T O,**

**NA OFFICINA DE ANTONIO ALVAREZ RIBEIRO**  
**A N N O M. DCC. LXXXIX.**

*Com licença da Real Meza da Commissão Geral*  
*sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

*. . . . . Incedo per ignes  
Suppositos cineri doloso.*

**Eu caminho por cima do fogo escondido  
debaixo da enganadora cinza.**



**Foi taixado este livro em papel a 400 reis  
Meza 26 de Novembro de 1789.**

***Com tres Rubricas***

# P R E F A Ç Ã O

## D O E D I T O R.

**H** Um dos primeiros Poemas Epicos , que se conhece na Europa , he sem contradicção a Henriada de Monsieur de Voltaire.

Este grande homem , nascido para elevar todos os generos de Poezia ao maior auge da perfeição , soube com dexteridade moderar n'este Chefe d'obra o fogo do seu enthusiasmo , e sujeitallo escrupulosamente ás mais exactas regras da Epopéa , sem prejuizo algum da parte dos ornamentos , e daquellas riquezas de imaginação , que concilião successivamente a admiração , o amor , e todos os mais sentimentos , de que são capazes as almas sensiveis. N'huma palavra; tudo he grande , maravilhoso , e interessante n'este Poema , o unico , de que se gloria a Nação Franceza. A grandeza do Heróe , e da acção affás memoraveis na historia , forma a do assumpto ; A vivacidade das imagens , a nobreza dos pensamentos , e a rapidez de hum estylo sempre elegante , e harmonioso , forma a grandeza , e o caracter do Poeta.

A

A preciosidade de huma obra similhan-  
te , que n'este ramo de litteratura a todos  
serve de instrucção , e a muitos tem servi-  
do de modelo , fezprehender a Bello a  
presente traducção como amante da Poesia  
Nacional , só a fim de aperfeiçoar o bom  
gosto das Musas Portuguezas , e de inspi-  
rar pelo menos á mocidade estudiosa , por  
via das primeiras noçoens d'ella na propria  
lingua , a importancia , e fecundidade das  
suas bellezas originaes.

Como porém no contexto do mesmo  
Poema se encontraõ algumas censuras , que á  
primeira vista parecem temerarias , he pre-  
ciso prevenir o Leitor menos intelligente ,  
com os motivos , que formaraõ o seu ob-  
jecto.

A Corte de Roma , que no decurso de  
muitos seculos velou unicamente pelo bem  
espiritual do Christianismo , passando de-  
pois a estender as suas vistas politicas sobre  
os interesses temporaes da Europa , e a to-  
mar parte nos negocios della , irritou de  
maneira os Soberanos , de quem se quiz  
fazer arbitra , que daqui se originaraõ os  
infinitos males , e desordens , que nos re-  
fere a historia.

He verdade, que alguns Papas mais acla-  
rados , e pacificos , seguindo systema di-  
ver-

verão, mantiverão no seu Pontificado as coisas em socego, porém Sixto V., cujo caracter turbulento he bem conhecido, teve tal influencia nos calamitosos Reinados de Henrique III. e Henrique IV; que os francezes lhe attribuem huma grande parte das funestas desgraças, que experimentarão durante as guerras da Liga. Sobre as suas maximas, e intrigas, he pois que recae a censura do A., o qual se escrevesse dos successos do nosso tempo, não deixaria de louvar a circumspecção, e conduta dos ultimos Pontifices, que cheios de luzes, e inteireza tem feito reviver o desinteresse, e a virtude dos seculos primitivos.

Declama tambem o A. contra o pernicioso systema, que seguirão então alguns Ecclesiasticos, e Regulares em seduzir, e manter os Povos na rebelião ao seu legitimo Soberano, e sobre tudo contra a monstruosa doutrina, que espalhavaõ a favor do Regicidio; mas estas opinioens absurdas, que só grassarão nos seculos da ignorancia, e barbaridade, estão hoje condemna-  
das severamente pela Igreja, conforme com a auctoridade do Apostolo, que tanto nos recommenda a obediencia, e fidelidade para com os Principes, e superiores. (1)

Ora

(1) Ep. ad Rom. cap. 13. v. 1. 2. 3.

Ora he certo, que assim como a virtude da parte senão communica ao todo, igualmente o vicio não pôde contaminallo. A Jeraquia Ecclesiastica, porque em fins he de homens, viu muitas vezes sair do seu seio alguns individuos, que, afastando-se dos solidos principios do Evangelho, se precipitaraõ, e a outros commigo em erros enormes: Mas v. g. porque os Heresiarcas Luthero, e Galvino sahirão do Sacerdocio, e fôraõ os corruptores de grande parte da Europa, deixaremos nós de ter em menos respeito, e veneraçãõ, hum Estado, e corporaçõens, de que tem emanado tantos bens á Igreja? Este seria hum absurdo indigno da racionalidade do homem!

Finalmente em todas aquellas passagens, onde o A. discorre com liberdade ( sem embargo de ser isto hum Poema ) se acharão as notas competentes; assim como sobre a imputaçãõ, que elle, e quasi todos os Estrangeiros fazem ao supremo Tribunal do Santo Officio, nas quaes se manifestaõ os errôneos sentimentos da maior parte dos Escriptores, que fallão n'esta materia.



# HISTORIA ABBREVIADA

*Dos acontecimentos , em que se funda a Fabula  
do Poema da Henriada.*

**O** Fogo das guerras Civis , que arde as primeiras faíscas no governo de Francisco II. , e abrazou a França na menoridade de Carlos IX. , supposto entre os Povos tivesse por fundamento a Religião , ella com tudo não era mais , que hum mero pretexto , de que se servião os Grandes. Catharina de Medicis , Rainha Mãe , aventureira mais de huma vez a conservação do Reino por manter a sua auctoridade ; armando o partido Catholico contra o Protestante , e os Guizas contra os Bourbons , só a fim de opprimir hums pelos outros.

França tinha então por desgracia sua , muitos Senhores poderosísimos , e por consequença fedidiosos : os Povos se havião tornado fanaticos , e barbaros por esse furor de partido , que inspira o falso zelo dos Reis ainda meninos , em nome dos quaes se assolava o Estado : e o infeliz Reinado de Carlos IX. se fez notavel pelas sangui-nosas batalhas de Dreux , de S. Denis , de Jarnac , e de Montcontour. As Cidades mais opulentas érao tomadas , reconquistadas , e saqueadas alternativamente pelos partidos oppostos : faziaõ-se morrer os prisioneiros de guerra nos mais exquisitos , e inventados supplicios : humas , e outras Igrejas se reduziaõ a cinzas pelos Reformados , e pelos Catholicos ; e se olhavaõ os envenenamentos , e assassinatos , como vingança de inimigos habeis , e astutos. A

A funesta noite de S. Bartholomeu poz o cumulo a tantos horrores. Henrique o grande entaõ Rei de Navarra , na flor da sua mocidade , e Chefe do Partido Reformado , em que tinha nascido , foi alliciado á Corte com os maiores Senhores da sua facção , onde o cazaraõ com a Princeza Margarida , irmã de Carlos IX. Entre o regosijo d'estas nupcias , e no meio da mais profunda paz , quebrantando a fé dos juramentos mais solemnes , dispoz Catharina de Medicis essa horivel carnicaria , de que se deve perpetuar a memoria ( por mais affrontosa que seja para o nome Francez ) a fim de que os homens propensos sempre a enredar-se nas disputas da Religiaõ , vejaõ a que excessos os pôde conduzir o espirito de parcialidade.

Vio-se entaõ n'huma Corte , que se jaçtava de polida , huma mulher celebre pelos seus attractivos , e descripção , e hum Monarcha de 23 annos ordenarem muito a sangue frio a mortandade de mais de hum milhaõ de seus Vassallos ; e esta mesma Nação , que hoje não pôde sem tremer de horror lembrar-se d'este crime , o commetteu entaõ com transporte , e zelo , tanto assim , que mais de cem mil homens foraõ assassi- nados pelos seus compatriotas ; e sem as prudentes precauçoens de algumas virtuosas personagens como o Presidente Jeannino , o Marquez de Saint Herem , e outros ; ametade dos Francezes dego- lava a outra ametade.

Como Carlos IX. não viveu muito tempo depois do S. Bartholomeu ; seu irmão Henrique III. abandonou o Throno da Polonia , para vir reabyf- mar a França em novas desgraças , das quaes sô

a livrou Henrique IV., tão justamente denominado o Grande pela posteridade, que he quem unicamente pôde dar este titulo.

Voltado Henrique III. á França achou nella dois partidos dominantes: hum era o dos Reformados, renascendo das suas cinzas mais violento que nunca, e tendo á frente o mesmo Henrique o Grande, a esse tempo Rei de Navarra; o outro era o da Liga, facção poderosa, e formada lentamente pelos Guizas, bafejada pelos Papas, fomentada pela Hespanha, augmentandose todos os dias pelo artificio dos Ecclesiasticos, e consagrada na apparencia pelo zelo da Religião Catholica, mas tendendo efficazmente para a rebelião: era seu Chefe o Duque de Guiza, chamado o Balafre, Principe de huma reputação brilhante, cujas qualidades eraõ maiores, que boas, e que parecia ter nascido para mudar a face do Estado n'estes tempos de perturbação, e desordem.

Henrique III. em vez de suffocar estes dois partidos debaixo do pezo da auctoridade Real, lhes deixou criar forças pela sua fraqueza, e julgou dar hum passo muito politico em se declarar Chefe da Liga, da qual nunca foi senão hum escravo. Elle se vio compellido a fazer a guerra pelos interesses do Duque de Guiza, que intentava destronizallo; contra o Rei de Navarra seu cunhado, e seu herdeiro presumptivo, o qual só cuidava em estabelecer a auctoridade Regia, conhecendo muito bem, que obrando assim para com Henrique III., a quem devia succeder na Coroa, trabalhava ao mesmo tempo pela sua propria utilidade.

O Exercito, que Henrique III. enviou contra

ma o Rei seu cunhado , foi batido em Coutras ,  
em cuja batalha morreu Joyeuse seu privado ; po-  
rém o Navarrez não quiz tirar outra vantagem da  
victoria , que a de reconciliar-se com o Rei , e  
por isso ainda que vencedor pedio a paz , a qual  
o Rei vencido se não atreveu a acceitar com me-  
do do Duque de Guiza , e da Liga. N'este mes-  
mo tempo desbaratou Guiza hum Exercito de Al-  
lemaens , e estes successos do Batalhé , humilhá-  
rão ainda mais o Rei de França , que então se  
juizgou vencido pelos da Liga , e pelos Reforma-  
dos.

O Duque de Guiza deslumbrado pela sua glo-  
ria , e forte pela fraqueza do Soberano , veio a  
Pariz a pezar das ordens em contrario ; e foi en-  
tão o famoso dia das Barricadas , em que o Povo  
expulsou as guardas do Rei , e o Monarcha se  
vio obrigado a fugir da sua Capital.

Ainda fez mais Guiza. Obrigou o Rei a cele-  
brar os Estados geraes em Blois , e tomou tão  
bem as suas medidas , que estava a ponto de se  
senhorear da auctoridade Real , por consentimen-  
to dos que representavaõ a Nação , inda que de-  
baixo da apparencia das mais respeitaveis formali-  
dades. A urgencia do perigo despertou em fim  
Henrique III. , o qual mandou matar no Castello  
de Blois este inimigo pernicioso , e seu irmão o  
Cardeal , mais violento , e mais ambicioso ainda  
que o mesmo Duque.

Acconteceu então á Liga o mesmo , que tinha  
sucedido ao partido Protestante depois do S. Bar-  
tholomeu ; isto he , que a morte dos Chefes rea-  
nimou o partido. Os Ligados tiraraõ a mascara ;  
Pariz fechou as suas portas ; não se cuidou senão  
em

era vingança , olhando todos para Henrique III. como para hum assassino dos defensores da Religião , e não como para hum Rei , que tinha perdido Vassallos rebeldes.

Vendo-se então Henrique III. acossado de todos os lados , foi-lhe finalmente forçado reconciliar-se com o Navarrez : Unidos estes dois Principes , vierão acampar diante de Pariz , e aqui he que começa a Henriada.

O Duque de Guiza deixava ainda hum irmão , que era o Duque de Mayenne , homem inopinado , porém mais habil que activo , o qual se viu de repente á testa de humma facção , que conhecia as suas forças , e estava animada pela vingança , e pelo fanatismo.

Quasi toda a Europa entrou n'esta guerra. A celebre Isabel Rainha de Inglaterra , que professava a mais alta estima ao Rei de Navarra , e que teve sempre humma extrema paizão de o ver , o soccorreu muitas vezes com gente , dinheiro , e Navios ; e foi Duplessis Mornay , o que passou a Londres a solicitar estes soccorros.

Da outra parte o ramo Austriaco , que reinava na Hespanha , favorecia a Liga , na esperança de recolher alguns despojos de hum Reino dilacerado pelas guerras civis : Os Papas combatião o Rei de Navarra não só pelas excommunhoens , mas por todos os artificios da politica , e pelos limitados soccorros de homens , e dinheiro , que a Corte de Roma póde fornecer.

Com tudo Henrique III. hia a senhorear-se de Pariz , quando foi assassinado em S. Cloud por Jacques Clemente , o qual commettera este parricidio na apprehensão , de que obedecia a Deus ,

e obtinha a Laureola de Martyr : esta morte não foi só o crime d'este Religioso fanatico , mas o de todo o seu partido , cuja opiniaõ publica , e a crença dos Ligados era , que se devia matar o Rei , se elle estivesse mal com a Corte de Roma. Assim o clamavaõ os Prégadores nos seus sermoens ; assim se imprimia em todos esses livros miseraveis , que entaõ inundavaõ a França , e que apenas se descobrem hoje em algumas livrarias , como monumentos curiosos de hum seculo igualmente barbaro nas letras , que nos costumes.

Depois da morte de Henrique III. , o Rei de Navarra, Henrique o Grande reconhecido, e acclamado Rei pelo Exercito , teve a sustter todas as forças da Liga , de Roma , da Hespanha , e o seu proprio Reino para conquistar. Elle bloqueou, e sitiou Pariz em differentes occasioens. Entre os grandes homens , que lhe foraõ uteis n'esta guerra , e de que se faz mençaõ n'este Poema , se contaõ os Marechaes d'Aumont , e de Biron : o Duque de Bouillon &c. Dupleffis Mornay teve a intima confiança d'este Principe até que este mudou de Religiaõ. Elle o servia com a sua pessoa nos Exercitos , com a sua pena contra as Excommunhoens dos Papas , e com a sua grande arte de negociar , buscando-lhe soccorros de todos os Principes Protestantes.

O principal Chefe da Liga , era o Duque de Mayenne ; tendo depois d'elle a primeira reputaçaõ o Cavalheiro d'Aumale , moço Principe , conhecido por aquella fereza , e valor brilhante , que distinguiaõ particularmente a casa de Guiza. Elles obtiveraõ muitos soccorros da Hespanha ; porém aqui só se faz mençaõ do famoso Conde d'Egmont

d'Egmont , filho do Almirante , que conduzio 1400 lanças ao Duque de Guiza.

Deraõ-se muitos combates ; dos quaes o mais decisivo , e o mais glorioso para Henrique IV. , foi a batalha de Ivry , em que o Duque de Mayenne foi vencido , e o Conde d'Egmont morto.

No decurso d'esta guerra , o Rei se namorou da formosa Gabriella de Estrée ; mas sem que o seu valor se corrompesse junto d'ella , como testemunya a carta , que se acha na livraria do Rei , na qual elle diz á sua amada = Se sou vencido , vós bem me conheceis para crêr , que não fugirei ; porém o meu ultimo pensamento será em Deos , e o penultimo em vós. =

Finalmente ommittem-se muitos factos consideraveis , que não tendo lugar no Poema , o não devem tambem ter aqui. Não se falla na expedição do Duque de Parma , que só servio a retardar a quêda da Liga ; nem do Cardeal de Bourbon , que foi por algum tempo hum Rei fantastico debaixo do nome de Carlos X.

Basta dizer-se , que depois de tantas desgraças , e dessolaçoens , Henrique IV. se fez Catholico , e que os Parisienses , que aborreciaõ a sua Religião , e respeitavaõ a sua pessoa , entraõ o reconheceraõ por seu Rei.

Handwritten text, mostly illegible due to extreme fading and noise. The text appears to be organized into several paragraphs or sections, with some lines being more distinct than others. The overall layout suggests a formal document or report.







*Francisco. fec. Porto.*



# HENRIADA.



## CANTO I.

### ARGUMENTO.

*Henrique terceiro, unido com Henrique de Ecurbon Rei de Navarra contra a Liga, havendo já começado o bloqueio de Pariz, envia secretamente Henrique de Bourbon a pedir soccorro a Isabel Rainha de Inglaterra; o Heroe sofre hum tormento, e aportando a hum Ilha, n'ella encontra hum velho Catholico, que lhe vaticina a sua mudança de Religião, e a sua subida ao Throno. Descreve-se a Inglaterra, e o seu governo.*

**E** U canto o Heróe, aquelle que na França  
Reinou, já por direito de conquista,  
Já por lei, e razão de nascimento,  
Que dos proprios trabalhos aprendera  
A governar, e bem que perseguido,  
O perdaõ soube unir sempre ás victorias,

A

Con-

Confundio a Mayenne , a Liga , o Ibéro ;  
E foi Senhor , e Pai de seus Vassallos,

Tu , augusta verdade , dos Céos desce ;  
Tua força , e clareza em meus escriptos  
Derrama , porque entraõ os Reis attentos  
Lhes prestem seus ouvidos : só tu podes  
Annunciar-lhes o que elles saber devem :  
Aos olhos das Naçoens só tu declaras  
Das suas divisoens os máos effeitos :  
Dize , quanto a Discordia há produzido ;  
Quanto as nossas Provincias há turbado ;  
Conta do Povo as mágoas , e infortuniqs ;  
E numéra dos Principes os erros :  
Vem pois , falla , e se he certo que algum dia  
A fabula se unio aos teus accentos ,  
E com maõ delicada a tua augusta  
Frente ornou , se illustrou com suas sombras  
Da tua luz os raios , tu comigo  
Permitte-lhe , que vá sobre teus passos  
Para mais adornar tuas bellezas.

Com froxa maõ Valois (a) sostinha as redeas  
Do Estado fluctuante ; as Leis sem força                      Se

(a) Henrique III. Rei de França , huma das principaes personagens deste Poema, he n'elle nomeado por Valois, apelido do ramo Real , donde esse procedia.

## C A N T O I.

2

Se viaõ , os direitos confundidos ,  
 Ou diga-se gares , que elle não reinava;  
 Não era mais o Príncipe glorioso  
 Nos combates instruido (b) desde a infancia ;  
 Que a Europa respeitou pelas victorias ,  
 E que a Patria livrou de oppressões tantas :  
 Valois , de quem do Norte os Póvos vendo ,  
 E admirando as inclitas virtudes ,  
 A seus pés offertavaõ os diademas ;  
 Tanto brilhou no emprego menos digno ,  
 Como então se eclipsou no mais excelsa :  
 De intrepido Guerreiro elle se torna  
 Hum Rei fraco : no Throno adormecido ,  
 E entranhado no seio da moleza ,  
 Da Coroa o pezo , como que o opprimia.  
 Quéluz, (c) e d'Espernon, Saint-Maigrin, Joyeuse,  
 Mancebos voluptuosos , que reinavaõ  
 Debaixo do seu nome , corruptores  
 Politicos de hum Rei affeminado ,  
 Só cuidavaõ no luxo , e nos prazeres ,  
 Precipitar seus languidos lethargos.

Sobre este abatimento então dos Guizas

A 2

A

(b) Henrique III. sendo Duque de Anjou commandou os Exercitos de seu Irmão Carlos IX. contra os Protestantes, e tinha ganhado aos 18 annos da sua idade as batalhas de Jarnac, e de Montconour.

(c) Eraõ estes os mancebos, os favoritos de Henrique III.

A rapida fortuna levantava  
Toda a sua grandeza; elles formavão  
Em Pariz a orgulhosa, a fatal Liga  
Da fraqueza do Rei rival ufana;  
Os Povos, vís escravos só dos Grandes,  
Com pertinaz cegueira perseguião  
O seu Senhor, seguião os tyrannos;  
Os amigos infieis, e corrompidos  
O abandonarão logo, e pelo Povo  
Do amedrontado Louvre foi expulso;  
O estrangeiro aos rebeldes prompto acode;  
Tudo acabava em fim, quando apparece  
O virtuoso Bourbon, (d) que de hum guerreiro  
Ardor cheio, se eleva, e restitue  
Ao seu Principe cego a luz perdida;  
Reanima-lhe as forças; elle o arranca  
Do centro da vergonha para a gloria,  
Do encanto dos prazeres para a guerra;  
Aos muros de Pariz ambos se avançãõ,  
Roma se assusta, os Hespanhóes já tremem;  
E a Europa, interessada nas contendas,  
Sobre a Patria infeliz se poem á lerta.

Em Pariz a Discórdia entãõ se via

Exci-

(d) Henrique IV. Heróe d'este Poema, he aqui chamado indifferentemente, ou Bourbon, ou Henrique.

Excitando aos combates a Mayenne ,  
A Liga , o Povo , a Igreja : alli bradava  
Do alto das suas terras pela Hespanha ,  
Que soberba viesse em seu soccorro :  
Este monstro impetuoso sanguinario ,  
De seus proprios Vassallos he inimigo ;  
Das desgraças dos homens elle nutre  
Cruel os seus desígnios ; quasi sempre  
Do seu Partido o Sangue as mãos lhe tinge ,  
Nos corações habita , que corrompe ,  
E com tyranno imperio em fim castiga  
Esses mesmos delictos , que elle inspira.

Da parte do Poente , junto ás margens  
Floridas , onde o Sena , circulando ,  
Se auzenta de Pariz , lugar que he hoje  
Delicioso retiro , onde triunfão  
As artes , e se ostenta a natureza ,  
Theatro , que então foi , sanguinolento  
Dos mais feros combates , seus soldados  
Valois , o infeliz Rei , prompto juntava :  
Da França sustentaculos ferozes  
São ahi mil Heróes , se pela Seita  
Divididos , conformes á vingança :  
He nas mãos de Bourbon , que commettida  
A sua sorte se acha ; este ganhando

Os .

Os toraçoes de todos , unte a todos ;  
 Ao seu poder o Exercito sujeito ,  
 Outro Chefe não tem , nem outra Igreja :  
 Luiz , (e) Pai dos Bourbons , lá d'esse seio  
 Dos immortaes , fixava as ternas vistas  
 Sobre elle , pois só nelle o esplendor forte  
 Da sua geração variava ;  
 Seus erros sente , seu valor estima ,  
 Com a Coroa devia hum dia honrallo ,  
 Mas illustrado o quer : No em tanto Henrique ,  
 Por caminhos occultos , que elle mesmo  
 Desconhecia , á summa gloria afeende :  
 Luiz , d'essas alturas , lhe prestava  
 O soccorro , porém esconde o braço ,  
 Que estendia por elle , porque estando  
 Da victoria Senhor , não conseguisse  
 Com o menor perigo menos gloria.

Junto ás suas muralhas mutuamente  
 Já os dous Partidos tinhaõ balanceado  
 Mais de huma vez as sortes ; já furiosa  
 A carnagem nos campos assolados  
 Davaõ a ver da coleta dois mares ,

Quan-

(e) S. Luiz IX. do nome Rei de França ; tronco, de que  
 nasce o ramo dos Bourbons.



Quando a Bourbon Valois este discurso  
 Dirige interrompido dos suspiros, „  
 „ A que ponto o destino hoje me humilha ;  
 „ Vós o estais vendo ; a minha injuria he vossa ;  
 „ Ao seu Principe opposta a Liga infame ,  
 „ Contra elle erguendo a fronte sediciosa ,  
 „ No seu furor a ambos nos confunde ,  
 „ Nos persegue ; já não nos reconhece ;  
 „ A mim , que sou seu Rei , Pariz resiste ;  
 „ E a vós , que o deveis ser , se não sujeita :  
 „ Sabe que as Leis , que o merito , que o sangue  
 „ A este lugar , depois de mim , vos chamaõ ,  
 „ Por temer desde já vossa grandeza ,  
 „ Do Throno , em que vacillo , vos exclue :  
 „ Da Religião na celera terrivel  
 „ Fataes excommunhoens (f) se vos fulminaõ ;  
 „ Roma , que leva a guerra a toda a parte  
 „ Sem soldados possuir , nas mãos da Hespanha  
 „ Há posto os seus trovoens : á fé faltaraõ  
 „ Os Vassallos , parentes , e os amigos ,  
 „ Todos me fogem , todos me abandonãõ ;  
 „ Ou se armaõ contra mim ; o Hespanhol chega ;  
 „ Que enriquecido vem com minhas perdas  
 „ Os meus Campos talando já desertos :

A'

(f) Henrique IV. Rei de Navarra havia sido solemnemente excommungado por Sixto V., e declarado incapaz de succeder na Coroa de França.

„ A' vista pois de tantos inimigos ,  
 „ Que ultrajar-me desejaõ , o Estrangeiro  
 „ Em meu soccorro á França se convoque ;  
 „ Da brilhante Rainha dos Inglezes  
 „ O coração ganhai muito em segredo ;  
 „ Sei que entre elles , e nós , immortal odio  
 „ Unir-nos raras vezes nos consente ;  
 „ Emula de Pariz foi sempre Londres ;  
 „ Mas depois das affrontas , com que eu vejo  
 „ Minha gloria murchar-se , já não tenho  
 „ Mais Vassallos , nem Patria ; eu aborreço ,  
 „ E quero punir Póvos tão odiosos ;  
 „ Qualquer , que me vingar , eu o reputo  
 „ Pôr Francez a meus olhos ; nesta empresa  
 „ Eu não occuparei algum d'aquelles  
 „ Meus agentes occultos por inertes ;  
 „ A vós sômente imploro ; sendo vossa  
 „ Huma palavra basta porque eu tenha  
 „ Na minha dita os Reis interessados :  
 „ Ide pois a Albiaõ , que o vosso nome ,  
 „ Fallando ahi por mim , immensas tropas  
 „ Eu vejo me conduz ; meus inimigos  
 „ Vencer espero pelo vosso braço ,  
 „ E amigos me darão vossas virtudes. „

Fallou , e o Heróe activo , que zeloso  
 Da sua gloria , teme o dividilla ,

Ou-

# C A N T O I.

Ouvindo-o se occupou de huma dôr justa :  
 Sentia os doces tempos agradáveis  
 Ao seu coração grande , quando forte  
 Só com o seu valor , sem mais soccorro ;  
 Fazia com Condé (g) tremer a Liga :  
 Mas de hum Rei foi preciso que cumprisse  
 Os designios ; suspende em tanto os golpes ;  
 Que a sua mão vibrava : assim deixando  
 Os loiros , que colheu sobre estas margens ;  
 A partir d'estes campos já se esforça ;  
 Os soldados attonitos ignorão,  
 Qual seja o seu intento , esperaõ todos  
 Ver , a que se destina o seu retiro ;  
 Elle parte. Entre tanto a criminosa  
 Cidade o crê presente , e sempre prompto  
 A ir sobre ella ; o seu augusto nome  
 ( Que era do Throno o mais seguro arrimo )  
 A aterrava , e por elle combatia.

Já os Campos Neustriannos atravessa ;  
 Nenhum de seus validos o acompanha  
 Senão Mornay , (h) Mornay seu confidente ;  
 Mas nunca adulator ; virtuoso apoio

Do

(g) Era Henrique Principe de Condé , filho de Luiz morto em Jarnac.

(h) Duplessis Mornay , o mais virtuoso , e o maior homem do partido Protestante , era chamado o Papa dos Hugonotes.

Do erro, e do seu Partido ; que no zelo ;  
E na prudencia insigne , servio sempre  
Com igualdade á sua Igreja , e á França ;  
Censor dos Cortezaens , da Corte amado ,  
Contrario a Roma , mas de Roma accoite.

Onde entre dois rochedos o mar brama ;  
E quebra as suas ondas espumantes ,  
Feliz porto ao Herôe Dieppa offerece ;  
Ao embarque se apressão com ardencia  
Os marinheiros : feros dominantes  
Das ondas são as Náos , que estão já promptas  
A voar sobre as liquidas planicies :  
Nos ares prezo o Bóreas impetuoso ,  
Sópra o benigno Zefiro nos mares ;  
Levão ancora , a terra já lhes foge ,  
Descobrem logo as praias desejadas.

O astro maior do dia de repente  
Se escurece ; o ar se turba , o Céu troveja ;  
O mar bramir ao longe já se escuta ;  
Sobre as vagas fataes soltaõ-se os ventos ;  
Os raios sintilando estão das nuvens ,  
O fogo dos relampagos , o abysmo  
Das ondas espantosas a ver davaõ  
Por toda a parte a morte aos marinheiros:

O Heróe , a quem cessava hum mar furioso ,  
 No perigo não cuida , só nos males  
 Que são da Patria ; a ella volta os olhos ,  
 Nos seus vastos projectos culpa os ventos ,  
 Que lhe embargão assim os seus destinos :  
 Tal , e menos brioso , Cesar , (1) quando  
 Nas ribeiras de Epyro disputava  
 O Imperio do Universo ; ás ondas crespas ,  
 Aos impetuosos ventos entregando  
 O destino da terra , e o dos Romanos ,  
 Já a Pompeo , já a Neptuno desafia ,  
 Sua fortuna oppondo á tempestade.

Deos então ; esse Deos, que he do Universo ;  
 Que sobre os ventos vóa , e excita os mates ;  
 O Deos , cuja ineffavél , e profunda  
 Sabedoria forma , exalta , e abate  
 Os Imperios do mundo , do seu Throno ;  
 Que na altura dos Céos em luzes brilha ,  
 Se digna sobre o Heróe fitar seus olhos :  
 Elle o guia ; elle ordena ás tempestades ,  
 Que a Náo levem ás praias que estão perto ;

On-

(1) Julio Cesar estando em Epyro , se embarcou de nocturnamente de noite sobre o pequeno rio Bolina em hum barco de dote remos , para ir em pessoa em busca das suas Tropas , que estavam no Reino de Napoles , e ahi padecceu huma furiosa tormenta.

Onde á vista parece, que do seio  
Das aguas sahe Jersey ; lá conduzido  
Pelo Céu apportou o Heróe valente.

Não longe d'esta praia corre hum bosque,  
Cujas sembras convidão ao descanso ;  
Das ondas ao furor alli se occulta  
Por hum rochedo , e ao mesmo tempo os ventos  
Perturbar-lhe não podem o repouso :  
Junto huma gruta está , cuja estrutura  
Deve por simples todo o seu ornato  
A's mãos da natureza. Tempo havia  
Que hum venerando Ancião , longe da Corte ;  
A doce paz buscou n'esta morada  
Tenebrosa , aos mortaes desconhecida :  
De inquietaçoens izento , era alli , onde  
Fazia de si mesmo o seu estudo ,  
Onde chorava os seus inuteis dias ,  
Que o mundo lhe levára em vaões prazeres ;  
Sobre o innocente esmalte destes campos ,  
A' borda d'estas fontes submettia  
A seus pés as paixoens da humanidade ;  
Tranquillo elle esperava, que á medida  
De seu desejo a morte se chegasse ,  
Para ao seu Deos unir-se para sempre ;  
Esse Deos , que elle adora , he quem protege  
Seus

Seus já pezados annos , quem permite ,  
Desça a Sciencia sobre o Solitario ,  
Quem liberal emfim de seus thesoiros  
Lhe patentea o livro dos destinos.

Este Ancião ao Heróe , cujo carácter  
Deos lhe faz conhecer , junto á corrente  
De hum sonora fonte lhe offerece  
Hum banquete campestre ; costumado  
Era o Principe a estas iguarias ;  
Muitas vezes debaixo da choupana  
Humilde do Pastor , fugindo ao ruído  
Das Cortes , e buscando-se a si mesmo ,  
Elle o esplendor depunha do diadêma.

A turbação fatal da Christandade  
Lhes foi assumpto a hum entretenimento ;  
Mornay na sua Seita era constante ,  
E ao Calvinismo dava apoio forte ;  
O Heróe inda duvida , e aos Céos implora ,  
Que hum raio de luz venha abrir-lhe os olhos :  
A verdade sagrada (1) ( elle dizia )

Foi

(1) Pela introdução do peccado ficou o entendimento do homem tão enublado , que já elle era incapaz de descobrir por si o caminho verdadeiro para a sua felicidade. Não bastando pois a razão para obter este fim , foi necessario huma revelação Celeste , que ensinasse ao homem as suas obrigações respectivas a Deos ; mas esta devia ter aquellas indi-

Foi para ~~essa~~ os fracos mortaes sempre  
 De erros cercada ; em Deos sômente o amparo  
 He preciso esperar , e que no em tanto  
 Eu ignore as estradas , que a elle guiaõ ;  
 Hum Deos taó bom , e que domina no homem ,  
 Porque não quer , não he inda servido :  
 Adoremos de Deos ( o Ançiaõ responde )  
 Os designios , mas nunca lhe imputemos  
 Os defeitos dos homens ; eu em França  
 Vi nascer n'outro tempo o Calvinismo  
 Humilde , e fraco , sem favor crescendo ,  
 Eu o vi desvalido , desterrado  
 Dos nossos muros , sempre a passos lentos  
 Por occultos rodeios avançar-se ;  
 Agora em fim meus olhos estão vendo  
 Bem do centro do pó este fantasma  
 Monstruoso levantar a frente altiva ,  
 Colocar-se no Throne , alli insultar-nos ,  
 Com hum pé desdenhoso , e cheio de ira ,  
 Lançar por terra em fim nossos altares :  
 Quiz nesta gruta entaó , longe da Corte ,

Da.

dispensaveis notas , pelas quaes se fizesse conhecer , e acreditar  
 dos Povos todos. Em todo o tempo ella foi necessaria , e  
 claramente visivel ás luzes mesmo da razão , ás quaes só o  
 homem por sua culpa podia fechar os olhos : Logo he cla-  
 ro , que as expressões do A. , que elle põem na boca de  
 Henrique IV. são nascidas do erro , e da ignorancia , que elle  
 tinha do verdadeira systema da Religião. ( Nota de Editor )



Da minha Religião chorar a injúria :  
Huma esperança os meus cançados dias  
Aqui consola ao menos ; vejo hum culto ;  
Que por novo não pode durar sempre ;  
Do capricho dos homens há tirado  
O ser que tem , ver-se-há também que acaba,  
Como se vio nascer ; as obras do homem  
São tão frageis , como elle ; Deos dissipa ,  
Quando quer , os designios orgulhosos ;  
Só elle he sempre estavel : em vão pensa  
A malicia em destruir esse edificio  
Da Cidade bemdiçta , a quem Deos mesmo  
Quiz firmar os sagrados fundamentos ,  
Que triunfaraõ do inferno , e das idades :  
A vós , grande Bourbon , o Deos immenso  
Se fará conhecer ; vós illustrado  
Vereis , que teraõ fim vossos desejos ;  
Deos vos há escolhido , e nos combates  
Vossos passos conduz a mão Suprema  
Ao Throno dos Valois ; a voz terrivel  
Se escuta já , que ordena se preparem  
Os caminhos da gloria para Henrique :  
Mas se a sua verdade não illustra  
Vosso espirito , crêde-me , que entrada  
Nos muros não tereis do Paraíso :  
Evitai sobre tudo huma fraqueza

Que

Que os coraçoens maiores entorpece ;  
De hum gostoso veneno , de hum agrado  
Encântador fugi , vede com susto  
Sempre as vossas paixoens , e se algum dia  
Vos combater amor , sabeí vencello.  
Quando por hum esforço em fim Supremo  
Triunfado tiverdes dos da Liga ,  
E o que he mais , de vós mesmo, quando em cerco  
Horriavel , e apontado nas idades ,  
Se veja todo hum Povo consternado  
Alentar-se dos vossos beneficios ,  
N'esses tempos então do vosso Estado  
Terão fim as miserias , vós os olhos  
Ao Deos de vossos Pais ireis erguendo ;  
Vereis , que hum coração , que he justo , pode  
N'elle esperar ; parti ; quem se assemelha  
A Deos , seguro está do seu auxilio.

Cada palavra , que elle proferia ,  
Era hum raio de luz , que penetrava  
Henrique até o fundo da sua alma ;  
Elle então se imagina transportado  
A'quelles doces tempos , em que o Eterno  
Deos dos homens com elles praticava ;  
Em que a simples virtude dos milagres  
Era dispensadora , tinha imperio  
Sobre os Reis , e os Oraculos rendia.

O

O Heróe a seu pezar o Ancião virtuoso  
 Já deixa, e abraça, lagrimas vertendo  
 De seus olhos; e desde o mesmo instante  
 A aurora vio d'aquelle feliz dia,  
 Que para elle ainda não brilhava:  
 Mornay sim pareceu ser sorprendido,  
 Mas tocado não foi; não se lhe havia  
 Deos, Senhor dos seus dons, feito patente;  
 Não lhe servio na terra ter de sabio  
 O nome, pois no meio das virtudes  
 Teve em repartição sômente o erro:  
 Em quanto o raro Ancião, por Deos instruido;  
 O Principe entretinha, e lhe fallava  
 Ao coração, os ventos impetuosos  
 A' voz do Céu de todo se aplacarão;  
 O Sol torna a luzir, o mar soccega,  
 Até ás praias Bourbon he conduzido,  
 Parte, e aos mares de Albião dirige a proa:



A' vista de Inglaterra elle comsigo  
 D'este potente Imperio vê, e admira  
 A mudança feliz; onde hum abuso  
 Continuado de Leis tantas, e sabias,  
 Causou por muito tempo os infortunios  
 Do Povo, e dos seus Reis; sobre este theatro  
 Sanguinoso, em que cem Heróes morrerão;

B

So-

Sobre este Throno augusto, e vacillante,  
De que hum cento de Reis tem procedido,  
Huma mulher se vê, que subjugando  
A seus pés os destinos, assombrava  
Co' esplendor do seu Reino o mundo todos  
Sim, tal era Isabel, cuja prudencia  
Da Europa propender fez a balança  
Para a sua eleição; que fez, que o jugo  
O indomavel Inglez contente amasse,  
Elle que nunca pôde altivo, e forte  
Nem servir, nem viver em liberdade:  
No seu Reinado os Póvos suas perdas  
Esquecido tem já; estão cubertos  
Seus Campos de rebanhos alentados,  
As lavoiras de paõ, de Náos os mares;  
Elles se vem temidos sobre a terra,  
Sobre as aguas são Reis, as suas frotas  
Subjugando imperiosas a Neptuno,  
Dos fins do mundo chamaõ as riquezas;  
Londres barbara foi antigamente,  
Hoje he o centro das artes, do Universo  
Ella he hoje o armazem, templo de Marte:  
De Wesminster (m) nos muros tres estados

Se

(m) Em Wesminster se junta o Parlamento de Inglaterra: he preciso o concurso das Camaras dos Commons, dos Pares, e consentimento dos Reis, para que se possam formar as Leis.

Se ajuntão , pela uniaõ sempre admiraveis ;  
Deputados do Povo , o Rei , e os Grandes ;  
Se pelos intereffes divididos ,  
Reunidos pela Lei ; todos tres membros  
De hum invencivel corpo , perigoso  
A si mesmo , terrivel aos visinhos ;  
Feliz , se o Povo , ao seu dever attento ,  
O poder Soberano não altera ;  
Mais feliz , quando hum Rei affavel , justo ,  
A liberdade publica respeita.  
Ah ! ( exclama Bourbon ) quando os Francezes  
Poderão , como vós , reunir seguros  
A gloria com a paz ! Que sabio exemplo  
Aos Monarchas da terra ! A mulher forte  
Assim da guerra as portas há fechado ,  
A discórdia , e o horror , he deste modo  
Que aos outros há mandado ; hum Povo a adora ;  
Ella a felicidade faz de hum Povo.

Chega entre tanto o Heróe áquella immensa  
Povoação , onde só a liberdade  
A abundância entretem ; diviza a torre  
Do vencedor Guilherme , (n) mais ao longe

B 2

De

(n) A torre de Londres he hum antigo Castello , edificado junto ao Tamize por Guilherme o Conquistador , Duque de Normandia.

De Isabel o magnifico Palacio.  
Só de Mornay seguido, sem mais pompa,  
Sem o ruido vão, e apparatofo,  
De que os Grandes se inflamaõ, mas que attende  
Hum Heróe verdadeiro com desprezo,  
Elle busca a Rainha, elle lhe falla;  
Serve a sinceridade de eloquencia;  
Elle as necessidades em segredo  
Lhe expõem da França, e pelas rogativas,  
Com que seu coração se humilha, e rende,  
Nas suas submissões sua grandeza  
Se deu a conhecer: Que? vós servindo  
A Valois! (a Rainha lhe diz logo  
Sorprendida) He pois elle quem ás margens  
Do Tamize famoso vos envia?  
Vós Protector de vossos inimigos?  
Por hum, que he seu rival, me roga Henrique?  
Das barreiras do Poente até da aurora  
Tocar nas portas, inda o mundo falla  
Das entre vós durissimas contendas;  
E em favor de Valois eu vejo armar-se  
O braço, aquelle braço, que elle mesmo  
Tantas vezes temeu? Suas desgraças  
(Diz elle) haõ suffocado os nossos odios;  
Era escravo Valois; elle há quebrado  
Em fim suas cadeas; feliz sempre

Se

Seria , se da minha fé seguro ,  
Outro encosto , outro alliado não buscasse ,  
Que a mim , e o seu valor ; mas o artificio  
Elle sempre empregou , e o fingimento ;  
Meu inimigo há sido por fraqueza ,  
E por temor ; mas eu em fim me esqueço  
Da sua falta vendo o seu perigo ;  
Eu o venci , Senhora , e vou vingallo ;  
N'esta guerra podeis , grande Rainha ,  
Signalar para sempre o vosso nome ,  
C'roar vossas virtudes sustentando  
Nossos direitos , sim podeis não menos  
A contenda dos Reis vingar comigo.

Impaciente Isabel manda lhe conte  
As turbações da França , e que lhe narre ,  
Que artificios , que serie de successos  
Tal mudança em Pariz há produzido ;  
Já a trombeta da Fama (lhe diz ella )  
D'estas scenas fataes , e sanguinosas  
Me há feito sabedora muitas vezes :  
Mas sei , que a sua voz por indiscreta ,  
Na sua ligeireza sempre espalha  
Confundida a verdade co' a mentira ;  
Narrações pouco fieis escuzei sempre ;  
Porém vós testemunha d'estes longos

De

Debates , de Valois vós que haveis sido  
Vencedor , ou patrono em todo o tempo ,  
Explicai-me o nó firme de amizade ,  
Que hoje a elle vos une ; referi-me  
Esta mudança extrema ; de vós mesmo  
Só vós podeis fallar mais dignamente ,  
Individuai-me em fim vossas desgraças ,  
E as felices emprezas ; pensai sempre ,  
Que he a lição dos Reis a vossa vida.

Ah ! ( responde Bourbon ) será preciso ,  
Que a memoria renove d'esses tempos  
A desgraçada historia ! O Céu quizesse  
( Pois que elle he testemunha de meus males )  
Que occultasse hum eterno esquecimento  
Fealdades tantas ! Ah ! porque , Rainha ,  
Mandais vós , que os furores , e a vergonha  
Dos Principes vos conte do meu sangue ,  
Quando a esta lembrança tão sómente  
O coração no peito trêmer sinto !  
Mas sois vós , quem o ordena ; eu obedeco ;  
Sendo outro o que fallasse , poderia  
Disfarçar com industria seus delictos ,  
Astuto desculpar sua fraqueza ;  
Este artificio não se fez , Senhora ,  
Para meu coração , a minha falla  
Não he de Embaixador , he de soldado.



## CANTO II.

### ARGUMENTO.

*Henrique o Grande conta á Rainha Isabel a historia das infelicidades da França. Elle passa a buscar a origem d'ellas , e refere com individuação os Massacros de S. Bartholomeu.*

**R**ainha , todo o excessão d'esses males ,  
Que experimenta a França , he certamente  
Tanto mais espantoso , quanto a origem  
D'elles he mais sagrada ; o cruel zelo  
Da Religião he sempre , quem as armas  
Nas mãos vai pôr de todos os Francezes ;  
Entre Genebra , (a) e Roma (b) eu não decido ;  
Qual-

(a) Muitos historiadores pintaraõ a Henrique IV. fluctuando entre as duas Religioens.

(b) Se a Religião Catholica Romana derivasse a sua dignidade, e esplendor das acçoens d'alguns de seus individuos, e não do seu augusto Chefe o mesmo filho de Deos , que a fundou, teria razãõ de assim pensar Henrique IV. Ora he constante entre os bons Theologos , que o systema do Chri-  
stianismo , tão longe está de favorecer a perseguiçãõ dos Hereses, que pelo contrario os seus mais solidos principios, refutaõ esta destruidora opiniaõ. He verdade, que a carnagem de S. Bartholomeu foi apoiada d'alguns Theologos , mas não há coisa por mais sancta que seja, de que os homens não tenham abusado para os seus perversos designios. Ao mesmo tempo que os Calvinistas se não podem queixar a este respeito dos Catholicos, porque elles nada mais fizeraõ, que

Qualquer nome Divino , que os Sectarios  
Lhe dem , de ambas as partes tenho visto  
A impostura , e o furor ; e se a perfidia  
Nascida do erro he só ; se nas disputas ,  
A que a Europa se entrega , eu vejo a morte ,  
E a traição ser o sello da mentira ,  
São inhumanos ambos os partidos ,  
Tanto no crime , como na cegueira ;  
Por mim , que só do Estado procurando  
A defeza , o cuidado da vingança  
Aos Céos sempre deixei , já mais se há visto ,  
Que excedendo os poderes , o incensorio  
Com indiscreta mão eu profanasse ;  
E pereça a politica horrorosa ,  
Que sobre os coraçõens haver pertende  
Dispotico dominio ; que procura  
Com o ferro na mão voltar os homens ;  
Que com o sangue heretico os Altares  
Só intenta regar , e que seguindo  
Por guia hum falso zelo , ou interesse ,  
Só serve a hum Deos de paz com homicidios.

Provera ao Eterno Deos , cuja lei busco ,  
Que

servirem-se do exemplo , que Calvino mesmo d'antes tinha  
dado , fazendo queimar publicamente em Génèbra o de-  
sgraçado Serveto , e outros , que foraõ victimas infelices do  
seu furor. Systema horroroso , que continuaõ ainda a defen-  
der os seus sequezes ! ( Nota do Editor )

Que a Corte de Valois , como eu , pensado  
Tivesse ; mas o escrupulo não move  
Nem hum nem outro Guiza ; (c) são de hum Povo  
Muito credulo os Chefes ambiciosos ,  
Que cobrindo os seus proprios interesses  
Co' interesse do Céu , tem conduzido  
Ao laço muitas almas , tem armado  
Sua piedade cruel em minha ruina ;  
Os nossos Cidadãos eu vi com zelo  
Degolarem-se ; eu vi , que elles corriaõ  
Com os fachos na mão para a carnagem ,  
Sem affás comprehenderem os motivos :  
Vós conheceis o Povo , e ao que se atreve ;  
Quando pensa do Céu vingar a causa ;  
O véo da Religião lhe cinge os olhos ,  
E faz da sujeição que rompa o freio :  
Vós o sabeis , e a vossa providencia  
O mal , quando no berço , há suffocado ;  
A tempestade apenas se formava  
No vosso Reino , quando cuidadoso  
Vosso espirito soube prevenilla ,  
Depois vossa virtude soccegalla ;  
Vós , Senhora , reinais , Londres he livre ,  
Vossas leis florecentes. Há seguido Ou-

(c) Francisco Duque de Guiza, chamado communmente o grande Duque de Guiza, era o Pai de Balafre. Foi elle, o que com o Cardcal seu irmão lançou os fundamentos da Liga.

Outros caminhos Medicis diversos :  
Se ás tristes narraçoens talvez sensível  
Me perguntais por Medicis qual era ,  
O sabereis ao menos de humá bocca  
Ingenua ; muito d'ella se há fallado ,  
Mas pouco conhecido ; do seu impio ,  
Profundo coração pouco sondado  
Se tem as dobras ; eu porém vinte annos ;  
Que me nutrí na Corte de seus filhos ,  
Que outros tantos nascer vi as tormentas  
Debaixo de seus pés , a meu perigo  
Tenho bem aprendido a conhecella.

Na melhor flor dos annos espirando  
O esposo , pôde a sua ambição rara  
Correr livre ao seu fim ; qualquer dos filhos ,  
Que ella nutrio debaixo da tutela ,  
Se fez seu inimigo desde o ponto ,  
Que sem ella reinou ; do Throno em roda  
Semeavaõ suas mãos confusamente  
O ciume , e a divisaõ ; não se escufava  
De oppôr sempre com maxima segura  
Os Guizas aos Condés , a França á França ;  
Prompta sempre a ligar-se aos seus contrarios ;  
Já muda de interesses , já de amigos ,  
E de rivaes ; escrava do appetite ,

Mas menos que ambiciosa , há sido injusta ,  
A' sua Seita infiel , (d) supersticiosa ;  
E por tudo dizer tinha do sexo  
Os defeitos , e pouco das virtudes :  
A' minha ingenuidade esta palavra  
Me escapou , perdoai ; em fim , Senhora ;  
Não sois vós n'este sexo comprehendida ;  
Sim , na augusta Isabel nada se encontra ,  
Que admiração não seja ; o Céu , que soube  
Formar-vos , a reger vossos Estados ,  
Vos fez tambem servir de exemplo a todos ,  
E entre os grandes Heróes vos conta a Europa :

Já Francisco segundo por hum modo  
Não previsto se havia trasladado  
Ao sepulchro , e a seu Pai se havia unido ;  
Frexo mancebo , que de Guiza amava  
Os caprichos ; de quem inda se ignora ,  
Quaes as virtudes , quats os vicios fossem.  
Carlos mais moço apenas tinha o nome  
De Rei ; Medicis só he quem reinava ;  
Sujeito ás suas leis tremia tudo :  
Logo a sua politica sévêra ,  
Por segurar o mando , parecia  
Querer eternizar do filho a infancia :

A

(d) Catharina de Medicis dou credito á Mágica ; testemunha os Talismans , que se lhe acharam depois da morte.

A sua mão o fogo da discórdia  
 Accendendo , firmou-lhe o novo Império  
 Por cem combates ; ella armou as iras  
 Dos dois rivaes partidos ; Dreux , (e) que logo  
 Vio as fataes bandeiras despregadas ,  
 Foi o theatro espantoso das primeiras .  
 Emprezas ; o infeliz velho guerreiro  
 Montmorenci , (f) dos Reis junto ao sepulchro ,  
 De hum mosquete ferido , eis a carreira  
 Terminou de cem annos de trabalho ;  
 Guiza , perto de Orleans , assassinado  
 Morreu ; o Rei meu Pai (g) infelizmente  
 Foi prisioneiro á Corte ; desvalido ,  
 E obrigado a servir sempre á Rainha ,  
 Sua incerta fortuna com affrontas  
 Foi sempre que nutrio , e preparando

Com

(e) A batalha de Dreux , foi a primeira batalha regular , que se deu entre os dois partidos , em 1562.

(f) Anne de Montmorenci , homem obstinado , e inflexivel , e o General mais desgraçado do seu tempo. Foi prisioneiro em Pavia , e em Dreux : derrotado por Philippe II. em S. Quintins : e morto finalmente na batalha de S. Dinis por hum Inglez chamado Stuart , o mesmo , que o tinha prisionado em Dreux.

(g) Antonio de Bourbon Rei de Navarra , e Pai de Henrique IV. tinha hum espirito fraco , e indeciso. Renunciou o Calvinismo , em que havia nascido , no mesmo tempo que sua mulher abandonou a Religião Catholica : elle não soube nunca bem , de que partido , ou communhão era. Foi morto no sitio de Ruão , servindo o partido dos Guizas , que o opprimia , contra os Protestantes , que estimava : morreu em 1562.

Com sua propria mão suas desgraças ;  
Combareu a favor dos inimigos ,  
E morreu pelos seus perseguidores :  
Condé , (b) que vio em mim o unico filho  
De seu querido irmão , me adoptou logo ;  
Foi meu Pai , e por Mestre o tive sempre ;  
Foi seu campo o meu berço , onde educado  
Nas fadigas , por entre o pó , e o fumo ,  
A' sombra dos loireiros , junto a elle  
A indolencia da Corte desprezava ;  
Da minha infancia o fogo há sido a guerra :  
O' campos de Jarnac ! Golpe inhumano !  
Barbaro Montesquieu , mais affassino ,  
Que guerreiro ! Condé já de cançado  
Debaixo foi cahir da tua furia ;  
Eu vi erguer-se o golpe , eu vi cortares  
Sua vida preciosa ; eu inda moço , (i)  
Meu braço debil , ah ! que não podia  
Prevenir , nem vingar a sua morte !

O Céu , que de meus annos protegia  
A fraqueza , fiou dos Heróes sempre

O

(b) O Principe de Condé , de que aqui se trata , era irmão de Antonio de Bourbon Rei de Navarra , e Tio de Henrique IV. muito tempo Chefe dos Protestantes , e grande inimigo dos Guizas.

(i) Henrique IV. não tinha mais do que 14 annos , e já então notou os erros , que fizeram perder a batalha.

O cuidado da minha mocidade :

Coligny , (1) de Condé successor digno ,  
De mim não menos , que do meu Partido ,  
Se há feito defensor ; tudo lhe devo ,  
He força que o confesse ; se hoje a Europa  
Me louva de huma pouca de virtude ,  
Se Roma mesma estima muitas vezes  
Minhas acções , a vós illustre sombra ,  
A vós he que eu o devo ; eu avultava  
Debaixo de seus olhos ; meu esforço  
Juvenil muito tempo fez da guerra  
Hum duro ensaio : sim , com seu exemplo ,  
Dos Herões me instruhia na grande arte :  
Eu via este guerreiro encanecido  
Nos trabalhos , o pezo sustentando  
De huma causa commua , tendo contra  
De Medicis as forças , e a fortuna ;  
Do seu Partido amado , do contrario  
Tido sempre em respeito ; nas batalhas ,  
Inda quando infeliz , sempre temido ;  
Se sabio nos combates , tambem sabio  
Nas retiradas ; inda mais glorioso ,  
Maior , mais espantoso nas derrotas  
Que Dunois , e Gastaõ já mais o forão

Na

(1) Gaspar de Coligny Almirante de França . filho do Marechal do mesmo nome , e de Luiza de Montmorency nasceu em Chatillon a 26 de Fevereiro de 1510.



Na carreira triunfante da fortuna.

Dez annos de successos , e de perdas  
Eraõ passados ; Medicis , que via  
Nossas campanhas cheias de hum Partido  
Renascente , que extincto já suppunha,  
De combater em fim deixa o projecto ,  
E de vencer sem fructo ; de hum só golpe ,  
Sem mais tentar esforços por inuteis ,  
Se propoz acabar civis discordias :  
A Corte entaõ de seus favores franca ,  
Nos offerta attractivos : não podendo  
Vencer-nos até alli , a paz nos rende ;  
Mas que paz ! Justo Deos ! Deos de vingança ,  
Que eu chamo a testemunho ! Que de sangue  
Sobre a funesta Oliva não se espalha !  
O' Céos ! he pois assim , que os Reis aplanão  
Os caminhos do crime a seus Vassallos !

Coligny ; que fiel dentro em si fôra  
Ao seu Principe , a França sempre amava ,  
Quando mesmo contra ella combatia :  
A occasião estimou , porque segura  
Parecia ficar do Estado a alliança ;  
Hum Heróe raras vezes desconfia ;  
Elle a seus inimigos sem remorso

Vem

Vem cheio de confiança ; elle até o centro  
Do Louvre enganador meus passos guia :  
Com lagrimas nos olhos me recebe  
Medicis em seus braços , e as ternuras  
De Mãi por muito tempo me dispensa ;  
A Cologny segura huma amizade  
Firme , e sincera ; quer por seus conselhos  
Desde então regular-se ; já de empregos  
O reveste , enche-o já de benefícios ;  
Aos meus , a quem engana huma esperança ,  
Dos favores do filho ella concede  
A apparente lisonga ; ah ! nós tranquillos  
Nos julgavamos já por muito tempo :  
Estas perfidas graças por dolosas  
Alguns tinhaõ ; as dadivas ( diziaõ )  
De hum inimigo sempre são suspeitas :  
Quanto mais desconfiavaõ , mais sabia  
O Rei fingir ; pouco antes ao perjurio ,  
E ao engano , na sombra do segredo ,  
Medicis costumado havia o filho ;  
Aos delictos moldava aquelle tenro ,  
E facil coração ; ás liçoens docil  
O Principe infeliz , prompto a seguillas ,  
Pelo genio feroz , que o estimulava ,  
Mostra o muito , que havia aproveitado  
Em taõ pessima escola ; occultar sabe

In-

Inda mais hum tão perfido segredo  
 Dando-me sua irmã; (m) irmão me chama;  
 Nome fatal, que assim me has enganado!  
 Vaõs juramentos! Hymineo funesto,  
 Tu primeiro signal de nossos males!  
 Teus fachos, que accendeu o Céu irado,  
 A ver me daõ de minha Mãi (n) a morte;  
 Eu injusto não sou, nem toda via  
 Quero imputar a Medicis a causa,  
 Fujo a talvez legitimas suspeitas,  
 E crimes procurar-lhe não preciso;  
 Minha Mãi espirou, perdoai, Rainha,  
 As lagrimas, que agora huma lembrança,  
 De si tão terna, arranca ás minhas dores:  
 A hora em fim chegou, e tudo prompto  
 Ao exito fatal premeditado.

Sem tumulto, e sem ruído deu-se a senha;  
 Da noite as sombras tudo apadrinhavaõ;  
 Do infeliz mez (o) a desigual carreira

C

(m) Margarita de Valois irmã de Carlos IX. casou com Henrique IV. em 1572 poucos dias antes dos Massacros.

(n) Joanna de Albret, Mãe de Henrique IV., foi attrahida a Pariz com o resto dos Hugonotes, e morreu quasi subitamente, entre o casamento de seu filho, e o S. Bartholomeu, porém Cailard seu Medico, e Desnoeuds seu Cirurgião, Protestantes apaixonados, que abrigão o seu cadáver, não achão n'elle algum signal de veneno.

(o) Na noite de 23 para 24 de Agosto, véspera de S. Bar-

A luz tremula como que escondia  
 De horror, e espanto; Coligny languente  
 Nos braços do repouso descançava,  
 E o somno enganador as dormideiras  
 Sobre elle repetia; de improvizo  
 Mil gritos, e alaridos espantosos  
 D'este grato descanso seus sentidos  
 Vem arrancar; levanta-se turbado,  
 Repara, vê correr de toda a parte  
 A tropa de assassinos em tumulto,  
 Em torno vê luzir os fachos, e armas;  
 Seu Palácio abraçado, o mais do Povo  
 Em espantos, seus servos suffocados  
 Nas chammas, e de sangue todos tinctos;  
 Em chufmas os traidores, na carnagem  
 Enfurecidos, a alta voz levantaõ:  
 = „ A ninguem se perdoe, he Deos que o manda,  
 „ He Medicis, he ElRei, que o determina =  
 De Coligny o nome soar ouve,  
 O moço Telligny (p) vê vir ao longo,  
 Telligny, cujo amor há merecido

Sua

tholomeu em 1572, foi que se executou esta sanguinolenta  
 tragedia.

(p) O Conde de Telligny havia 10 mezes que se tinha re-  
 cebido com a filha do Almirante, e era de tão agradável  
 presença, que os primeiros, que chegaram para o matar, se  
 deixaram enternecer com sua ylla, porfim depois outros mais  
 barbaros o mallacraram.

Sua filha , elle a unica esperanza  
Do Partido, da sua casa a honra ;  
Que ferido , e arrastado dos malvados ,  
Do seu sangue cuberto , lhe pedia  
Vingança só , e lhe estendia os braços.

Mas o Heróe infeliz sem ter defeza ,  
E sem armas , pensando ser prafiso  
O morrer , e morrer sem mais vingar-se ;  
Quiz ao menos morrer , como vivera ,  
Acabando com gloria , e com virtude.

Já a immenfa cohorte de assassinos  
Do salaó , em que estava , bafou a porta ;  
E a pertende quebrar , mas elle abrindo-a ,  
Se apresenta a feus olhos com aquella  
Vista serena , e rosto mageftoso ,  
Tal quando nos combates mais violentos ;  
Senhor do feo valor , e bem tranquillo ,  
Instava , ou impedia a mortandade.

A este ár veneravel , ao angufto  
Aspecto os combatentes forprendidos ,  
De respeito se encherão : huma força  
Desconhecida as iras lhes fufpende ;  
Companheiros ( lhes diz ) findai a obra ;

E do meu frio sangue estes já brancos  
 Cabellos salpicai, que quarenta annos  
 Há respeitado a sorte dos combates;  
 Feri, nada temais, eu sei, que a morte  
 Coligny vos perdoa; a minha vida  
 He pouca coisa; sim, eu vo-la entrego,  
 Já que em vosso favor dalla não posso . . .

Ao dizer isto os Tigres se lhe prostraõ;  
 Hum lança fóra as armas fô de espanto,  
 Outro lhe abraça os pés, e os humedece  
 Com lagrimas: cercado este grande homem  
 Assim dos assassinos, parecia  
 Rei potente adorado do seu Povo.

Béme, (q) que a sua victima esperava  
 Na Corté, corre, avança-se indignado  
 Da môra do seu crime; a apressar sobe  
 'Ancioso os vagorosos assassinos;  
 Elle aos pés deste Heróe os vê tremendo;  
 A tão tocante objecto elle sómente  
 Inflexivel se mostra; elle á piedade  
 He sempre o que resiste; imaginava;  
 Que era traidor a Medicis, e que era

De-

(q) Béme era hum Alemão domestico da casa de Guiza.

Delinquente, se acaso sorprendido  
 Fosse de algum remorso, e assim por meio  
 Rompe da immensa turba a passos largos :  
 Com hum semblante intrepido o esperava  
 Coligny ; de improviso aquelle monstro ,  
 Todo furias , no peito a dura espada  
 Lhe atraveça , voltando d'elle os olhos ,  
 Receando este cruel , que o rosto angusto  
 Com hum golpe de vista não fizesse  
 Tremar-lhe o braço , e diminuir-lhe o esforço :

Do maior dos Francezes tal , Senhora ,  
 A triste sorte foi ; ainda o insultaõ ,  
 E além da morte o ultrajaõ ; (r) seu cadaver  
 Todo ferido a golpes , e privado  
 De sepultura , ás aves devorantes  
 Servio de indigno pasto ; he transportada  
 De Medicis aos pés sua cabeça ,  
 Digna conquista d'ella , e de seu filho ;  
 Indifferente Medicis a attende ,  
 Sem mostrar , que a alegrava aquelle fructo  
 De taõ cruel vingança , sem remorso ,

Sem

(r) Penduraraõ ao Almirante de Coligny pelos pés com hum corrente de ferro na forca de Montfaucon. Carlos IX. foi com a sua Corte gozar d'este horrivel espectáculo; e dizendo-lhe hum dos Cortezaõs , que o corpo de Coligny cheirava mal , respondeu o Rei , como Vitellio , = O corpo de hum inimigo morto sempre cheira bem. x.

Sem jubilo, dos seus sentidos livres,  
E como a raes offensas consumada.

Quem pudera expressar agora as ruinas,  
De que esta cruel noite a nossos olhos  
Presentou as imagens! Foi a morte  
De Coligny preludio das desgraças,  
Fraco ensaio de todos os mais danosos:  
De hum Povo de assassinos grossas tropas  
Por zelo, e por dever, enfurecidas  
Na carnagem, sem tino assim marchavaõ,  
Na mão e ferro, os olhos scintillando,  
Sobre os corpos, ou mortos, ou feridos,  
De nossos irmãos: Guiza (f) em frente d'elles  
Em colera abrazado, como que a alma  
De seu Pai sobre os meus vingar queria.  
Nevers, (t) Gondy, (u) Tavanne (x) com a espada  
Na mão os animavaõ aos transportes  
Do zelo mais cruel; dos criminosos

Mo-

(f) Era Henrique Duque de Guiza chamado o Balafré, filho do Duque Francisco, de que assim se fallou.

(t) Frederico Gonzaga da casa de Mantua, Duque de Nevers, hum dos auctores do S. Bartholomeu.

(u) Alberto de Gondy Marechal de Retz, favorecido de Catharina de Medicis.

(x) Gaspar de Tavanne pagem de Francisco I. Elle corria pelas ruas de Pariz na noite de S. Bartholomeu, clamando: sangrai, sangrai, porque a sangria he tão boa no mez de Agosto, como no mez de Maio.



Mostrando-lhes a lista, lhes marcava  
As victimas, que são do sacrificio.

Eu não vos pintarei, qual o tumulto;  
Quaes os gritos, e o sangue, que corria  
Por toda a parte: o filho assassinado  
Sobre o corpo do Pai; a Mãe co' a filha;  
O irmão co' a irmã, mesmo os esposos,  
Que abraçados nos leitos espiravam,  
Esmagados nos berços os filhinhos  
Com duras pedras; nada em fim se estranha  
Nos homens, quando mais enfurecidos;  
Mas o que se fará para o futuro  
Sómente incomprehensível, he, Rainha;  
O que podeis apenas crêr vós mesma;  
He, que os Monstros fataes da tyrannia  
Fúriosos, excitados pelas vozes  
Dos sanguinarios Padres, (y) invocavaõ  
O Senhor das alturas na carnagem  
De seus irmãos, e o braço assim manchado  
Do sangue d'innocentes se atrevia

Of-

(y) O falso zelo, e a superstição tem algumas vezes levado os mesmos Ministros do Santuario aos maiores excessos. Nós o vimos succeder na França n'esta occasião; em Portugal no tempo do grande Rei D. Manuel, e em todas as Nações em diferentes épocas. Porém o crime d'huns poucos illuminados deve por ventura procurar a infamia á augusta ordem sacerdotal? He pois claro, que a censura do A. n'este lugar só deve recahir sobre aquelles, que obrarão na horrenda maldade. (Nota do Editor.)

Offertar ao bom Deos tão impio incenso.

Oh ! e quantos Heróes indignamente  
 Perecerão ! Lá foraõ ter c'os mortos  
 Renel , (z) e Pardaillan , e vós valente  
 Guerchy , (aa) vós Lavardin sabio , e bem digno  
 De mais vida , e de haver melhor fortuna :  
 Dos infelices , que esta cruel noite  
 Aos horrores lançou da sombra escura ,  
 Marillac , (bb) e Soubise (cc) condemnados  
 A morrerem , defendem algum tempo  
 Seus dias desgraçados , té , que exangues  
 Com mil feridas respirando apenas ,  
 Até as portas do Louvre conduzidos

(Se)

(z) Antonio de Clermont-Renel , querendo salvar-se em  
 camisa , foi morto pelo filho do Barão des Adrets , e por seu  
 proprio primo Buffy d'Amboise. O Marquez de Pardaillan  
 morreu tambem ao lado d'elle.

(aa) Guerchy se defendeu na rua por muito tempo , e ma-  
 tou alguns assassinos antes de ser opprimido pelo numero ;  
 mas o Marquez de Lavardin não teve tempo de arrancar pe-  
 la espada.

(bb) Marillac , Conde de la Rochefoucault , era favorecido  
 de Carlos IX. com quem tinha passado huma parte da noite ;  
 Este Principe mostrando alguma vontade de o salvar , che-  
 gou a dizer-lhe , que dormisse no Louvre , porém a final o  
 deixou ir , dizendo depois , já vejo que Deos quer , que el-  
 le morra.

(cc) Soubise tinha este nome por cazar com a herdeira d'a-  
 quella casa : elle se chamava Dupont-Quellenec. Defendeu-se  
 por muito tempo , e cahio traspassado de golpes debaixo das  
 janellas da Rainha. As Damas da Corte foraõ ver o seu ca-  
 daver nu , e ensanguentado por huma curiosidade barbara ,  
 e digna d'esta Corte abominavel.

Se virão, e arrastados, com seu sangue  
 Tingindo-lhe as paredes mentirosas,  
 Clamando contra o Rei, que os enganára.

Do alto do Palacio a tempestade  
 Medicis excitando, contemplava  
 Com fozco esta farça, e os seus validos;  
 Com hum curioso olhar despiçado  
 Viaõ hum mar de sangue derramar-se  
 A seus olhos: da Corte em labaredas  
 As ruinas fataes eraõ com gozbo  
 D'estes Herões as pompas do triumpho.

Que digo! O' crime! O' pessima vergonha!  
 O' tu maior dos males! O' Rei mesmo,  
 Carlos o Rei, (dd) no meio dos algozes,  
 Perseguido os proscriptos, que fugiaõ,  
 Chega a manchar no sangue dos Vassallos  
 As suas mãos sagradas; Valois mesmo,  
 Este a quem hoje sirvo, este que implora  
 Por mim vosso soccorro, dos delictos  
 D'hum tão barbaro irmão parcial se há feito;

EL

(dd) Onvi dizer ao ultimo Marechal de Tessé, conhecedor na sua mocidade hum velho, o qual lhe havia asseverado muitas vezes, que elle mesmo tinha carregado a espingarda, com que o Rei arára sobre os seus Vassallos Proscriptos na noite de S. Bartholomeu.

Elle o furor lhe excita á mortandade ;  
 Não que tenha Valois entranhas feras ,  
 Raras vezes no sangue humedecido  
 Tem a mão , mas do crime o raro exemplo  
 Seus annos inda poucos affaltava ;  
 Sua mesma crueldade era fraqueza.

He verdade , que alguns na immensa turba  
 Dos mortos os esforços illudirão  
 Do ferro matador : (ee) Caumont hum d'elles ,  
 Infante juvenil , teve o successo ,  
 Que pelo affombro irá de boca em boca  
 A's geraçoens futuras : opprimido  
 Seu velho Pai c'o pezo de seus annos ;  
 Deitado entre dois filhos , se entregava  
 Ao somno ; unico leito os recebia :  
 Cegos de ira os furiosos assassinos  
 A golpes apressados entravavao  
 Sobre elles os punhaes ; entao a morte  
 Voa á ventura sobre o infeliz leito !  
 Só o Eterno nas suas mãos possui  
 Nossos destinos ; sobre nossos annos  
 Elle sabe vigiar , quando lhe agrada :

Em

(ee) O Caumont , que escapou n'este massacre , he o famoso Marchal de la Foree , que viveu depois até a idade de 84 annos.

Em quanto em seus furores o homicida  
He illuso, Caumont de nenhum golpe,  
De nenhum ferro foi já mais ferido;  
Hum invisivel braço em defendello  
Armado, a sua infancia libertava  
Das mãos dos matadores: a seu lado  
Seu Pai mesmo acabando com mil golpes,  
C'o seu corpo o cubria todo inteiro,  
E os barbaros assim sendo enganados,  
Segunda vez ao filho deu a vida.

Eu entre tanto, n'estes espantosos  
Momentos, que fazia? Ah! que eu seguro  
Na fé dos juramentos, e tranquillo  
Bem nocentro do Louvre, onde ao estrondo  
Das armas me occultaraõ, os encantos  
De hum suave repouso inda sentia;  
Noite fúnebra! Somno lastimoso!  
Os despojos da morte em despertando  
Me instruirão; eu vi sacrificados  
Meus mais cáros domesticos; o sangue  
Por toda a parte os porticos regava;  
Quando os olhos abri, foi para o espanto  
De ver, que sobre o marmore acabavaõ  
De degolar os meus os assassinos;  
De sangue estes cobertos ao meu lado

Se

Se avançaraõ , e os braços parricidas  
Diante de mim erguem , eu tocando  
Da minha sorte o ultimo momento ,  
Apresento a cabeça , espero a morte.

Mas seja , que hum antigo alto respeito  
Ao sangue dos seus Reis inda fallasse  
Por mim no coração d'estes traidores ;  
Ou seja, porque a colera engenhosa  
De Medicis achasse ser-me a morte  
Supplicio muito brando ; ou em fim seja ,  
Que por se assegurar de hum porto , em quanto  
Durava a tempestade , seu prudente  
Furor para refens me conservasse ,  
Guarda-me a vida para novas penas ,  
E logo aos ferros manda que me entregue.

Coligny mais feliz , de inveja digno ,  
Sim morreu , mas ao menos não perdera  
Mais do que a vida , a sua liberdade  
Levou , e a sua gloria á sepultura . . . . .  
Aesta narraçãõ cheia de assombros  
Estremeceis , Senhora ? Vos sorprende  
Tanto horror ? Mas de atroz barbaridade  
Vos tenho a menor parte decifrado :  
Já vos disse , que do alto do seu Louvre

Foi

Foi Medicis , que á França o signal dera ;  
Tudo a Pariz seguiu ; sem resistencia  
Cubrio a morte em hum fatal momento  
Toda a face da França ; hum Rei , que estima  
O delicto , he servido promptamente ;  
Por cem mil affaffinos suas iras  
Se viraõ respeitadas ; testemunhas  
Saõ os rios da França , cujas aguas ,  
Tinctas de sangue , aos mares affombrados  
Nada mais conduziaõ , fenaõ mortos.



## CANTO III.

## A R G U M E N T O.

*O Heróe continua a historia das Guerras civis de França. Morte funesta de Carlos IX. Reinado de Henrique III. O seu caracter ; o do famoso Duque de Guiza , conhecido pelo nome de Balafre. Batalha de Contras : Morte do Duque de Guiza : Extremidades , a que Henrique se vê reduzido. Mayenne he o Chefe da Liga : D'Aumale he d'ella o Heróe. Reconciliação de Henrique, Rei de Navarra : Soccorro, que promette a Rainha Isabel : Sua resposta a Henrique de Bourbon.*

**Q**uando teve a sentença dos destinos ,  
 Permittido no espaço de alguns dias  
 Hum livre curso a tantas crueldades ,  
 E que dos seus delictos fatigados  
 Os monstros , embotadas as espadas ,  
 Não tiverão mais victimas ao ferro ;  
 O Povo , a quem o braço havia armado  
 A Rainha , por fim abrindo os olhos ,  
 Seus attentados vio ; sua piedade

Faz



**Facilmente succede á sua furia ;**  
**Elle ouve a voz gemer da sua Patria ;**  
**Carlos logo elle mesmo de horror forte**  
**Se occupou ; o remorso devorante**  
**Penetrou a sua alma ; a má cultura**  
**De seus primeiros annos n'elle havia**  
**Corrompido bastante a natureza ;**  
**Porém não suffocando a voz , que affusta ;**  
**E que os Reis horroriza sobre o Throno ;**  
**Pela Mãi educado , em seus costumes ,**  
**E maximas nutrido , não , como ella ,**  
**Carlos se endurecia nos delictos :**  
**A flor de seus bons dias a tristeza**  
**Veio em fim a murchar ; hum languor forte**  
**Lhe abbrevia a carreira ; Deos sobre elle**  
**Da vingança o furor descarregando ,**  
**Quiz que este Rei morresse , e quiz que o felle**  
**Da sua ira em fim o assignalasse ,**  
**Servindo de terror o seu castigo**  
**A qualquer , que imitallo pertendesse :**  
**Eu o vi espirando ; Oh' quanto a imagem**  
**He espantosa ! A' meus olhos , inda cheios**  
**De ternura , parece estar presente :**  
**O sangue , (a) que das veas lhe vem fóra**

Com

(a) Foi sempre enfermo depois do S. Bartholomeu, e morreu quasi dois annos depois em 1574 a 30. de Maio, todo banhado em sangue, que lhe sahia pelos poros.

Com impetos mortaes , vingava o sangue  
Francez por ordem sua derramado ;  
De hum invisivel maó elle conhece  
Ser ferido , e de hum fim tão lastimoso  
Em suspensoens o Povo lamentava  
Na flor da idade hum Rei rendido á morte ,  
Hum Rei , pelos malevolos no crime  
Entranhado , e que á França promettia  
Pelo arrependimento , de hum governo ,  
De hum Imperio pacifico a esperança.

A' voz , de que era morto , de improvizo  
O impaciente Valois a toda a pressa  
Vem do centro do Norte a estes lugares  
( Que da carnagem vil inda fumavaõ )  
De hum infeliz irmão occupar prompto  
A triste , quanto ensanguentada , herança.  
N'este tempo a Polonia havia posto ,  
De commã eleição , o affortunado  
Valois dos Jagellons (b) no Throno augusto :  
Seu nome mais temido , que o dos grandes  
Principes poderosos , já ganhado  
Havia o coração a cem Provincias ;  
Hum nome tão depressa assim famoso

He

(b) Henrique III. succedeu na Coroa a Sigismundo II. Rei de Polonia, ultimo Principe da raza dos Jagellons.

He carga mui pesada ; não sustenta  
Valois este perigo. Em vão espere ,  
Que agora o justifique ; o meu repouso  
Posso eu sacrificar-lhe , a minha vida ,  
Tudo , excepto a verdade , pois só esta  
Eu devo preferir-lhe ; eu o lastimo ,  
Eu o amparo inda mesmo , quando o accuso ;

Como sombra ligeira , a sua gloria  
Passado havia ; he grande esta mudança ;  
Porém muito ordinaria ; tem-se visto  
Mais de hum Rei , das batalhas victorioso  
Voltar , para ir a ser na Corte escravo :  
No espirito , Rainha , he que se mostra  
O valor verdadeiro ; repartidas  
As virtudes Valois dos Céos obteve ;  
He valente , mas fraco ; he na verdade  
Menos Rei , que soldado ; elle constancia  
Na occasião dos combates só sustenta ;  
Vergonhosos Validos lisonjeando  
Sua indolencia , governavaõ sempre  
Seu tibio coração , como queriaõ ;  
Recolhidos com elle ao mais interno  
Do Palacio , aos clamores lastimosos  
Dos Povos opprimidos eraõ furdos.  
Na voz do Rei dictavaõ Leis funestas ,

D

E

E quaes lhes compraziaõ ; dos thesauros  
 Da França elles os restos dissipavaõ ,  
 E o Povo afflicto , dando vaõs suspiros ,  
 Com o luxo gemia já sem forças ,  
 E pagava os fataes divertimentos.

Ent tanto que debaixo de hum tal jugo  
 De animos cubiçosos , com o pezo  
 Dos subsidios Valois carrega o Estado ,  
 Guiza apparece ; e o Povo , que he mudavel ;  
 Para este astro brilhante bem depressa  
 Voltou os olhos ; seu valor supremo ,  
 A gloria de seu Pai , suas empresas ,  
 A graça , o aspecto , o dom inimitavel  
 De agradar ( que melhor , do que a virtude ,  
 Os coraçoes domina ) eraõ encantos ,  
 Com que os votos de todos attrahia ;  
 Ninguem melhor do que elle a feliz arte  
 Possuhio de enganar ; maior imperio  
 Sobre suas paixoes nenhum obteve ;  
 Debaixo de apparencias enganosas  
 Nenhum soube melhor ter encubertas  
 De seus vastos desgnios as escutas  
 Profundidades ; aspero , soberbo ,  
 Mas docil , popular ; elle dos Povos  
 As oppressões em publico sentia ,

Dos

Dos tributos o pezo rigoroso  
 Mostrava abominar : Quão satisfeito  
 O pobre , que o buscou , d'elle se aparta ;  
 Elle sabia a tímida indigencia  
 Prevenir , em Pariz seus beneficios  
 Sua presença ao Povo annunciavaõ ;  
 Dos grandes , que inda mesmo aborrecia ,  
 Soube fazer-se amar ; era terrível  
 No seu noje , tenaz quando offendido ,  
 Temetario nos votos , nas idéas  
 Sempre sabio , brilhante nas virtudes ,  
 E nos vícios ; á vista dos perigos  
 Animoso , guerreiro , affortunado ,  
 Principe grande , Cidadão perverso .

Quando por algum tempo de experiencia  
 Seu poder conheceu , e vio que tinha  
 A inconstancia do Povo sujeito ,  
 Mais se não desfargou ; já sem reboço  
 Do Throno do seu Rei o fundamento  
 Procura destruir ; em Pariz fôrma  
 Aquella fatal Liga , que da França  
 Inferiora depresta todo o resto ;  
 Monstro espantoso , que há nutrido os Povos ;  
 E os Grandes , que cevados na carnagem  
 Tem feito hum Patz ferri em tyrannos .

Dois Monarchas a França no seu seio  
Então vio , mas hum d'elles não gozava  
Mais que de Rei as frivolas insignias ;  
Outro porém levando a toda a parte  
A esperança , e o affombro , dava indicios ,  
De que o titulo vaõ lhe era escusado.

Do seu lethargo em fim Valois desperta ;  
O ruido , o apparato , a mesma força  
Do perigo , que o incita , então lhe abrião  
Hum momento seus olhos carregados ;  
Mas , da importuna luz turbada a vista ,  
Não distingue na força da tormenta  
O raio ameaçador , que sintillava  
Sobre sua cabeça ; e bem depressa  
Cançado de hum instante fô de acordo ;  
Froxo outra vez lançando-se nos braços  
Do somno , entre as dilicias , e os dilectos ;  
Dorme tranquillo junto aos precipicios.

Eu lhe restava ainda , e tudo prompto  
Se via a perecer ; elle não tinha  
Mais do que eu , quem pudesse dar-lhe auxilio ;  
Eu herdeiro do Throno depois d'elle ,  
Sem vacilar meu braço já dispunha  
A ajudallo ; hum arrimo bem preciso.

Eu

Eu à sua fraqueza offerecia ,  
Vou salvalllo , ou com elle vou perder-me.

Porém Guiza muito habil , muito destro  
Em offender , cuidava occultamente  
Hum por hum destruir-nos ; eu que digo !  
Obrigou a Valois , que se privasse  
Do seu unico amparo , em que podia  
Fundar as esperanças ; o pretexto  
Commum da Religião foi hum honroso  
Véo a este misterio abominavel ;  
Só por esta virtude , que fingia ,  
Enfurecido o Povo , reanimava  
A colera inda n'elle mal extincta ;  
O culto de seus Pais Guiza lhes lembra ,  
E os ultimos enormes attentados  
Das Seitas Estrangeiras ; inimigo  
De Deos , da Igreja a todos me pintava.  
Bourbon leva ( lhes diz ) a toda a parte  
Os seus erros , seguindo os perigosos  
Exemplos de Isabel ; elle os seus templos  
Vai fundar sobre os vossos destruidos ;  
Vós vereis em Pariz as criminosas  
Infames pregaçoens dos seus Sectarios,

Ah ! que a estas palavras todo o Povo

Estre-

Estremeceu por bem dos seus altares ;  
Té onde habita o Rei foi conduzido  
Hum tal assombro ; a Liga , que fingia  
Ser d'isso espavorida , dar-lhe o annuncio  
Vem da parte de Roma , em voz de que esta  
O ligar-se comigo lhe prohibe.  
Ah ! o Rei muito fraco condescende  
Sem resistir , e quando me apressava  
Eu unico a vingar-lhe a sua injuria ,  
O irmão de minha Esposa submettido  
A' vontade da Liga , por perder-me  
Se une a seus inimigos ; de soldados  
A seu pezar em fim enchendo os campos ,  
Por timidêz a guerra me declara.

De hum fraqueza tal eu me condôo ;  
Se o havia de ir vingar , a combatello  
Já parto sem demora ; em cem lugares  
As Cidades , revoltas pela Liga ,  
Se me oppõem , mil exercitos levantaõ ;  
Joyeuse com ardor vem atacar-me ,  
Das fraquezas do Rei Ministro activo ;  
Guiza , cuja prudencia compotia  
Co' seu valor , separa os meus seguaes ,  
A passagem lhes toma ; eu apertado  
Por toda a parte , de armas , de inimigos ,

A



A todos desafio , e tento as fortas.

Com o soberbo Joyeuse envisto logo  
Em Coutras , vós sabeis sua derrota ,  
E o seu fim desgraçado ; assim , Rainha ,  
Poupar-vos devo narraçoens superfluas.

Naõ , naõ posso acceitar vossas escuzas  
( Diz a Augusta Princeza ) naõ consinto ,  
Que de hum narraçãõ seja privada ,  
Que ao passo que me instrue , me interessa ;  
Naõ deixeis este dia , o grande dia  
De Coutras ; dizei , sim , vossos trabalhos ,  
Vossas virtudes , Joyeuse , e a sua morte ;  
Emprezas foraõ vossas , he bem justo ,  
Que o Auctor d'ellas deva só contar-mas ,  
E talvez de as ouvir eu seja digna.  
Assim fallou : e o Heróe ao lisonjeiro  
Discurso sentio logo , que seu rosto  
De hum illustre pudôr se lhe cubria ,  
E obrigado a fallar da sua gloria ,  
A narraçãõ fatal assim prosegue.



De todos os validos , que em seu peito  
Valois idolatrava , e que rendiaõ  
Incensos á moleza de hum Rei froxo ,

Que

Que em fim lhe davaõ leis , Joyeuse (c) oriundo  
 De hum sangue bem illustre entre os Francezes ,  
 De taõ alto favor era o mais digno.  
 Elle tinha virtudes ; e se a Parca  
 De seus bons dias não lhe abbreviasse  
 N'este combate a prospera carreira ,  
 Sem duvida , que , a empresas sempre grandes  
 Sua alma costumada , inda algum dia  
 De Guiza igualaria a gloria , e o nome ;  
 Mas no meio da Corte elle nutrido  
 Em mãos do amor , no scio dos prazeres ,  
 Não teve que me oppoer mais que hum excesso  
 De valentia , em hum Heróe taõ moço  
 Perigosa ventagem. A' sua sorte  
 Os bravos Cortezaons em chusma unidos ,  
 Das delicias á morte se avançavaõ ;  
 Nas cifras amorosas , que traziaõ ,  
 Por penhor das ternuras , nos vestidos ,  
 Suas Senhoras deraõ-lhe seus nomes ;  
 As armas com o fogo dos diamantes  
 Resplandeciaõ ; bem affeminados

Mo-

(c) Anne Duque de Joyeuse casou com a irmã da mulher de Henrique III., e na sua embaixada a Roma foi tratado como irmão do Rei: elle tinha hum coração digno da sua grande fortuna, e combateu em Coutras contra Henrique IV. então Rei de Navarra. Comparava-se o seu exercito ao de Dario, e o de Henrique ao de Alexandre. Foi morto na batalha por dois Capitães de Infantaria chamados Bordeaux, e Desgeniers.

### CANTO III.

Mostravaõ ser os braços , em que vinhaõ  
Taõ frivolos ornatos. Tumultuosos ,  
Ardentes , pouco expertos na milicia ,  
A arrogante imprudencia conduziaõ  
Ao combate ; soberbos com tal pompa ,  
Féros co' a multidão de immensas gentes ,  
Imperuosos , sem ordem se avançavaõ.

De esplendor differente a ver se dava  
O meu campo ; em silencio á vista d'elles  
O exercito estendido , a qualquer parte  
Offerecia só soldados fortes ,  
No trabalho , e na guerra endurecidos ,  
A's feridas , e ao sangue costumados ;  
Era o mosquete , e a espada o que compunha  
Sómente seus adornos ; eu com elles  
Trajava a mesma pompa , vinha armado  
Tambem do mesmo ferro ; de pó cheio  
Os esquadrcens aos golpes conduzia ,  
Eu , como elles , a morte desprezava ,  
E era o meu distinctivo taõ sómente  
Marchar na frente d'elles. Destroçados ,  
E vencidos eu vi meus inimigos ;  
Que horror ! huns espirando , outros dispersos ;  
A espada lhes cravava nos seus seios ,  
Mas muito a meu pezar , que antes quizera ,  
Que

Que no sangue Hespanhól fosse enlopada:

Dos Cortezaons , a quem cortou o ferro  
Na flor da idade , ( he força confessallo )  
Com feridas honrosas nenhum houye ,  
Que não morresse ; firmes nos seus póstos  
Viaó diante de si accommetellos  
A morte , sem que o rosto algum voltasse ;  
Sem recuar hum só passo ; este o caracter  
Dos Cortezaons Francezes ; a paz n'elles  
O ordinario valor não debilita ,  
Da sombra do repouso voár sabem  
A's empresas ; na Corte lisongeiros ,  
Mas no Campo de Marte Heróes valentes.

Eu no meio do horror de huma espantosa  
Confuzaó , sim mandava se perdoasse  
A Joyeuse , mas em vão ; pois bem depressa  
O vi pelos soldados conduzido  
Pallido , e já cuberto das escuras  
Sombras da morte ; tal como a flor tenra ,  
Que na manhã se vê romper formosa  
Com os sopros do Zefiro suave ,  
Co' as lagrimas da Aurora ; brilha á vista  
Poucos instantes , cahe antes de tempo ,  
Ou já finra do ferro o duro golpe ,

**Ou**

Ou a força do vento enforcado.

Mas para que ricordo, e não me esqueço  
De tão triste victoria ! que não possa  
Abandonar ou antes da lembrança  
Os crueis monumentos de espantosos  
Preteritos successos ! o meu braço  
Só do sangue Francez se tinge ainda ;  
A tal preço huma gloria assim comprada  
Não me pôde encantar ; se a frente cinjo  
De ensanguentados loiros , serão sempre  
De minhas tristes lagrimas banhados.

D'este infeliz combate, d'esta perda  
Resultou profundar-se mais o abysmo ,  
De que Valois em vão sahir queria ;  
Quando a sua desgraça foi patente ,  
Mais desprezado foi ; Pariz foi menos  
Submissa , a Liga teve mais audacia ;  
E a grandeza de Guiza , que accendia  
Suas dores , e affrontas igualmente ,  
Dobrou seus infortunios. Guiza (d) soube

Em

(d) No mesmo tempo que o exercito do Rei foi derrotado em Coutras, obrava o Duque de Guiza accoens de hum destro General, contra hum Corpo de Cavallaria, que vinha em socorro de Henrique IV., e depois de o haver caçado, e accommettido por muito tempo, o desfez junto d'Aunau.

Em Vimori com mão mais venturosa  
Vingar sobre os Germanos derrotados  
De Joyeuse a perda ; o mesmo mal sentirão  
Em Aunau meus alliados sorprendidos :  
Entra em fim em Pariz cheio de loiros  
O grande vencedor ; alli se mostra ,  
Como hum Deos Tutelar : Valois admira  
Os triunfos do seu rival soberbo ,  
Que sempre no insultrar com vigor forte  
Ao Príncipe abatido , parecia ,  
Que o não fora a servir , mas a vencello.

A vergonha por fim he quem accende  
O mais fraco valor , Valois sensível  
He já no resentir-se d'esta affronta ;  
Reprimindo a fereza de hum vassallo ;  
Quiz provar sua fraca auctoridade ;  
Mais que esperar não tinha , estava extincta  
Nos corações de todos a ternura ,  
Não havia temor para com elle ;  
Todo o Povo atrevido a sublevar-se  
Se dispunha ; o seu Rei por hum Tyranno ;  
Desde que quiz reinar , reconheciaõ ;  
Ajuntaõ-se , conspiraõ-se , os rebates  
Se multiplicaõ , passa a ser soldado  
Qualquer Paizano , em armas se poem logo

To

Todo o Pariz, se formão n'um instante  
Mil muralhas nascentes , (e) que ameaçaõ  
Contra as guardas do Rei postas em sitio.

Guiza (f) no horror maior da rempestade  
Tranquillo , e féro , já precipitando ,  
Já fazendo conter o ardor da plebe ,  
Da sedição as maquinas regia ;  
Por elle se agitava , e a seu imperio ,  
Este tão vasto corpo ; ardendo em furia  
Ao Palacio corria a chusma toda ;  
Se Guiza huma palavra só dissesse ,  
Era morto Valois ; mas quando mesmo  
De hum só golpe de vista elle o podia  
Destruir , pareceu satisfazer-se  
Com fazello tremer ; e os sediciosos  
Impedindo elle mesmo em seus progressos ;  
Por piedade deixou o passo livre ,  
Porque Valois pudesse haver a fuga.  
Em fim ( qualquer que fosse o seu projecto )  
Guiza para tyranno emprenheu pouco ,  
Muito para Vassallo. Todo aquelle ,  
Que há podido forçar o seu Monarcha

A

(e) As barricadas.

(f) O Duque de Guiza nas barricadas , contentou-se de reenviar a Henrique III. as suas guardas, depois de havellas desarmado.

A temello, se não se arrisca a tudo;  
 Tudo deve recear; desde este dia,  
 Nos seus grandes designios Guiza firme;  
 Conheceu, que não era já mais tempo  
 De ser meio offensivo, e que elevado  
 A tão alto, mas sobre hum precipicio,  
 Se ao Throno com triunfo não subia,  
 Ao supplicio marchava; elle absoluto  
 Senhor em furi de hum Povo rebelado,  
 O coração bem cheio de esperança,  
 E de temeridade; dos Ibêros  
 Soccorrido, apoiado dos Romanos,  
 Amado dos Francezes, protegido  
 De seus irmãos, suppoz este orgulhoso  
 Vassallo revocar aquelles tempos  
 Dos nossos Reis primeiros, em que os fracos  
 Seus descendentes sendo decahidos  
 Quasi ao nascer, do seu poder supremo,  
 Debaixo de hum burel, que aborreciaõ,  
 O diadema occultavaõ; e nas sombras  
 De hum claustro, (g) alli gemendo só comfigo,  
 Viaõ

(g) O Cardeal de Guiza, irmão do Duque, havia dito muitas vezes, que elle esperava ter bem cedo a cabeça de Henrique III. entre as suas pernas para lhe abrir huma Coroa de Monge; este designio era tão publico, que se affixaraõ estes dois versos latinos nas portas do Louvre

*Qui dedit ante duas, unam abstinuit, altera mutat  
 Tertia Tensuris est facienda manu.*



Viaõ reger o Imperio seus tyrannos

Valois sua vingança differindo ,  
Os Estados de França em Blois erguia ;  
Talvez vos hajaõ dicto estes Estados  
Quaes foraõ ; Léis alli se propuzeraõ ,  
Que não se executaraõ ; a eloquencia  
De Deputados mil tornou-se esteril ;  
Largamente propoz nossos abusos ,  
Mas sem fructo ; que o mais commum effeito  
De tantos , e diversos pareceres ,  
He vermos sem allivio os nossos males.

No meio dos Estados , arrogante  
Vem Guiza do seu Principe offendido  
Injuriar a presença ; junto ao Throno  
Se sentou , e nos seus projectos firme ,  
Bem creu , que tinha n'estes Deputados  
Outros tantos Vassallos. Já a traidora  
Vil cohorte , vendida ao seu tyranno ,  
Hia a por-lhe na mãos o poder summo ,  
E absoluto dos Reis , quando cansado  
De o temer , de o poupar , Valois vingar-se  
Quiz em fim , e reinar. O rival sempre  
Attento em desgostallo , desprezava  
Desdenhoso inimigo as suas iras ,

No

No Principe irritado não suppondo  
Haver valor bastante a destrui-lo :  
Seu destino o cegava , eraõ já cheios  
Seus dias , o Rei mesmo á sua vista  
O fez sacrificar ; (b) cem punhaladas  
O ferem cruelmente , inda espirando  
Não se abateu por isso o seu orgulho ,  
E o rosto , que talvez ainda temia  
Valois , pallido , e todo ensanguentado  
Insultar o seu Rei inda mostrava :  
D'esta sorte acabou hum tal Vassallo  
Poderoso entre todos , admiravel  
Compendio de virtudes , e de vicios ;  
O Rei , cuja suprema auctoridade  
Elle havia usurpado , froxamente  
O soffreu , té que d'elle houve vingança.

A fama do successo sem demora  
Voa a Pariz , o Povo sorprendido  
Com gritos enche o ar , logo as mulheres  
Consternadas , os velhos suspirando ,  
Partirão a abraçar do infeliz Guiza  
As estatuas. Pariz todo suppunha

Per-

(b) Elle foi assassinado na antecâmara do Rei, no Castello de Blois, por Lognac, Gentil homem Gascon, e por alguns dos guardas de Henrique III., que se chamavaõ os quarenta e cinco a 23 de Dezembro de 1588.

Pertencer-lhe n'este ultimo perigo  
Vingar o Pai , e defender a Igreja.  
De Guiza o irmão , o intrepido Mayenne , (i)  
Posto no meio d'elles lhes incita  
O furor á vingança ; era o interesse ,  
Mais que o resentimento , quem o obriga  
A accender em mil partes a desordem.

Nos temores nutrido há muito tempo  
Mayenne , militou subdito sempre  
Ao mando do soberbo Chefe Guiza ;  
Elle he seu successor não só na gloria ,  
Mas tambem nos designios. Se há passado  
A's suas mãos da Liga o impio sceptro ,  
Esta grandeza immensa , e tão amavel  
Ao seu desejo , em breve o fortalece  
Na perda de hum irmão , que elle obrigado  
Servio sempre : Mayenne antes estima  
Vingallo , que marchar ás suas ordens.

Tem Mayenne hum valor affás heroico ;  
( Eu confesso ) por huma affortunada  
Bem experta politica elle sabe  
Ter debaixo das suas leis unidos  
Espiritos diversos , sempre oppostos

E

Ao

(i) O Duque de Mayenne , irmão mais moço do Balafre

Ao seu Rei , quando escravos dos Tyrannes ;  
 Como conhece d'elles os talentos ,  
 Assim sabe usar d'elles ; muitas vezes  
 De hum infortunio tira huma ventagem :  
 Com mais estrondo , mais magnificencia  
 Guiza os allucinava ; foi mais grande ,  
 Mais Heróe , mas não foi mais pernicioso.  
 Eis-aqui em rigor quem he Mayenne ,  
 E qual o seu poder ; a Liga altiva  
 Quer da sua prudencia esperar tudo :  
 O mancebo d'Aumale presumido  
 De hum forte coração , seu orgulhoso  
 Valor pelos espiritos derrama :  
 D'Aumale he do Partido hum formidavel  
 Escudo ; elle até hoje de invencivel  
 O titulo possue ; em fim Mayenne ,  
 Que ao meio dos combates o dirige ,  
 Alma he da Liga , e he d'Aumale o braço.

No em tanto dos Flamengos o funesto  
 Politico oppressor , esse visinho  
 Pernicioso , o Catholico tyranno ,  
 O Rei , que no artificio só se firma ;  
 O Rei vosso inimigo , e na verdade  
 Meu inda mais , Philippe , (1) a si tomando

De

(1). Philippe II. Rei d' Hespanha, filho de Carlos V, chama-

De Mayenne a defeza , elle fomenta  
 A causa dos rivaes. A mesma Roma , (m)  
 Que suffocar devera tantos males ,  
 Roma as chamas accende da discordia : (n)  
 Aquelle que tambem Pai se intitula  
 Dos Christãos , huma espada sanguinosa  
 Nas mãos dos filhos poem ; dos dois limites  
 Da Europa , de me verem assombrados ,  
 A Pariz correm todas as desgraças :  
 Rei em fim sem Vassallos , sem defeza  
 Perseguido , Valois vê-se obrigado  
 A implorar meu poder ; imaginou-me

E 2

Ge

va-se *Demonium meridianum*, porque turbava toda a Europa, ao meio dia da qual se sitúa a Hespanha.

(m) He verdade que Roma se introduzia muitas vezes nas dissensões temporaes dos Principes, mas devemos confessar, que o mais dellas o fazia, porque os mesmos Principes a interessavaõ nas suas disputas. Os principios do Direito publico Ecclesiastico, tão ruinosos como forão nos Séculos antecedentes, conduziaõ muito a que os Pontifices olhassem semelhantes discordias, como coisa sobre que tinham huma legitima inspecção; e d'aqui se seguiu arrogarem a si poderes, que juktamente lhe forão depois contestados. O Patrocínio, e soccorro que Roma dava nesta occasião aos da Liga era bem fundamentado, porque temia ver pela entronização de Henrique IV., alguma mudança de Religião, n'huma Reino, onde a verdade achara sempre o seu mais firme apoio. Accuzem-se pois os tempos, e não as sagradas pessoas dos Pontifices. (Nota do Editor)

(n) A Corte de Roma ganhada pelos Guizas, e submettida então á Hespanha, fez quanto pôde, para aruinar a França. Gregorio XIII. soccorreu a Liga com homens, e dinheiro: e Sixto V. começou o seu Pontificado pelos maiores excessos, que felizmente forão os mais inúteis contra a causa Real.

Generoso , e não teve pezar d'isso ;  
Meu coração se occupa das misérias  
Do Estado ; em hum perigo tão urgente  
De todo se aplacarão minhas iras ;  
Não respeito em Valois mais que da Esposa  
O irmão ; o meu dever assim o ordena ,  
Com a sua lei cumprio ; a auctoridade  
De hum Rei , eu Rei defendo ; a Valois busco  
Sem mais trato ou refens , (o) e então lhe digo :  
No vosso animo está vossa fortuna ,  
A morrer , ou vencer vinde , apressai-vos  
Aos muros de Pariz. Hum nobre orgulho  
Seu espirito então encheu de todo :  
Lisonjearme não sei de haver podido  
Na sua alma infundir com meu exemplo  
Huma tão bella chama : Há despertado  
Sua desgraça em fim sua virtude ;  
A froxidão lamenta , que abatido  
O havia tanto tempo ; precisava  
Valois de hum tal destino assim adverso ;  
Muitas vezes aos Reis he necessario.

Taes erão de Bourbon os bem sinceros

Dis-

(o) Henrique IV. teve a generosidade de ir a Tours, ter com Henrique III., seguido sómente de hum page, sem embargo das desconfianças, e rogativas de seus velhos Officiaes, que temião por elle hum segundo massacre.

Discursos ; entre tanto dos Inglezes  
 Insta o soccorro ; já dos altos muros  
 Da Cidade rebelde a voz , que clama  
 Victória , para o Campo o está chamando.  
 Mil mancebos Inglezes partem logo  
 Sobre seus passos a cortar o seio  
 Dos mares ambiciosos dos combates.

Essex lhes vai na frente ; (p) Essex aquelle ;  
 Cujo valor aos féros Castelhanos  
 Confundio a prudencia , e que não cria ,  
 Que hum infausto destino lhe murchasse  
 Os loiros pela sua mão colhidos.

Não se demora Henrique ; áquelle Chefe  
 Nada tambem o impede , elle se apressa  
 A partir , impaciente da victória.  
 Ide pois , digno Heróe ( dizlhe a Rainha )  
 Ide , que os meus guerreiros já vos seguem ,  
 Atravessando as ondas ; porém certo ,  
 Que não he a Valois , mas sim a Henrique ,  
 A quem querem seguir ; ao seu cuidado

Ge-

(p) Roberto de Evreux, Conde de Essex famoso pela tomada de Cadiz aos Hespanhoes, pela ternura de Isabel para com elle, e pela sua morte tragica em 1601. Esta Rainha o enviou com effeito na testa de cinco mil homens em soccorro de Henrique IV.

Generoso os confia a minha alliança ;  
 Veilos-heis ir ao meio dos combates ,  
 Mais por vos imitar , do que em soccorro ;  
 Na grande arte da guerra elles formados  
 A vosso exemplo , aprenderão comvosco  
 A servir a Inglaterra : possa a Liga  
 Bem depressa acabar aos vossos golpes.  
 Serve Hespanha a Mayenne ; oppoem-se Roma  
 Contra vós ; ide pois vencer a Hespanha ,  
 E sabeis , que não deve hum homem grande  
 Já mais temer de Roma os debeis raios.

Vindicai das Naçoens a liberdade ;  
 A fereza de Sixto , e de Filippe ,  
 Abatei ; de seu Pai Filippe há sido  
 Hum tyrannico herdeiro , menos grande ,  
 Menos forte , e politico não menos ;  
 Defunindo os visinhos , dando a todos  
 Armas , do fundo crê do seu Palácio ,  
 Que pôde subjugar o mundo inteïro.

Do feio do pó , Sixto (q) hoje elevado (r)

Ao

(q) Sixto V. nascido nas grutas da Marca de Ancona, homem cuja turbulência igualou a sua dissimulação. Elle com tudo estimava a Rainha Isabel , e appellidava-a por *su gran estrella de Principessa*.

(r) O nascimento humilde e obscuro de Sixto não he na verdade hum titulo justo para a sua censura : Tem-se vis-



Ao Throno com poder mais diminuto  
Tem alma inda mais fêra ; o Pastorinho  
De Montalto rival dos Reis se ostenta ;  
Em Pariz , como em Roma , elle pretende  
Dar suas leis ; debaixo do pomposo  
Esplendor de huma Corôa triplicada ,  
Só pensa ter a si tudo sujeito ,  
Inda o mesmo Philippe : Sixto he ardente ;  
Mas destro , enganador , dissimulado ,  
Inimigo fatal dos poderosos ,  
Dos fracos oppressor ; na minha Corte ,  
Em Londres há formado seus Partidos ,  
E o mundo , a quem engana , sem que o pense ;  
He das suas intrigas perturbado.

São estes os mais habeis inimigos ,  
Que deveis destruir ; ambos ousarão  
Contra mim levantar suas bandeiras ;  
Hum combatendo o Inglez , e as tempestades ;  
Fez

to em todas as differentes Jeraquias da sociedade civil , nos mesmos lugares mais eminentes , Herôes tirados do pó da terra. Os talentos , e a virtude não estão annexos á nobreza. Com effeito se Sixto V. não tivesse passado talvez nestes tumultos da França , além dos sagrados limites do seu poder , elle deveria ser olhado como o modelo dos Pontifices ; a sua justiça teve , em que se exercitar , durante o seu Pontificado , e he por isso que pareceu cruel , quando n'huns tempos em que Roma nadava nos maiores insultos , elle não foi mais que justiceiro. A invectiva de Isabel em todo este lugar , he mais nascida da aversão , e do rancor , que da cegueira , e da verdade. ( *Nota do Editor* )

Fez o Oceano ver sua fugida , ( / )  
E o seu triste naufragio ; inda estas praias  
Tinctas de sangue estaõ dos seus guerreiros ;  
Outro se cala em Roma , ahi me estima ,  
E mete-me : segui á vista d'elles  
A vossa nobre empreza ; se he vencido  
Mayenne , se verá Roma sujeita ;  
Só vós podeis reger o odio de Roma ,  
Ou seus favores ; sei , que he inflexivel  
Com os vencidos , mas condescendente  
C'os vencedores ; prompta em condenar-vos ,  
Em absolver-vos facil ; a vós toca  
Accender o feu raio , ou extingui-lo.

CAN-

( / ) A grande armada de Philippe II. destinada para a conquista de Inglaterra, foi batida pelo Almirante Drake, e desbaratada por huma grande tempestade.

# CANTO IV.

## ARGUMENTO.

*D' Aumale estava quasi a fazer-se Senhor do Campo de Henrique III. , quando o Heróe voltando de Inglaterra , combate os rebeldes , e faz mudar a fortuna. A Discordia consola a Mayenne , e vóia a Roma a pedir-lhe soccorro. Descripção de Roma , onde reinava então Sixto V. A Discordia abi achou a Politica , e volta com ella a Pariz ; subleva a Sorbona , anima os Desaseis contra o Parlamento , e arma os Religiosos. Entregão-se nas mãos dos Algozes os Magistrados , que sustentavaõ o Partido dos Reis. Turbação , e confusão horriavel em Pariz.*

**E** M quanto proseguindo em conferencias  
Particulares , ambos ponderavaõ  
Com mais socego os grandes interesses ,  
Exhaurindo a sciencia ventajosa  
Do modo , por que o mundo se combate ;  
Se dóma , e rege ; o Sena com assombro  
Sobre suas enfanguentadas margens  
Vê da Liga as bandeiras despregadas.

Vai

Valois longe de Henrique absorto , inquieto ;  
 A incerteza temia do destino  
 Dos combates ; de apoio precifava ,  
 Em seus designios froxo , e vacillante ;  
 Espera por Bourbon , pois que o seguro  
 Tem de vencer com elle ; mas em tantas  
 Demoras os da Liga se animarão :  
 Das portas de Pariz vem já sahindo  
 Os esquadroens. D'Aumale vem soberbo ;  
 Nemours , Brissac , o intrepido S. Paulo ,  
 Canillac , Chatre , todos de hum Partido  
 Culpavel animosos defensores :  
 Nos seus successos rapidos causavaõ  
 A Valois grande susto ; o Rei ao ponto  
 Muitas vezes chegou de arrepender-se  
 De haver feito partir o Heróe sublime.

Entre os taes combatentes inimigos  
 Do seu Rei , hum irmão de Joyeuse armado  
 Se anima a apparecer ; (a) foi este aquelle ,  
 Que successivamente virão todos

Do

(a) Henrique , Conde de Bouchage , irmão mais moço do Duque de Joyeuse , morto em Coutras , por hum toque do Céu se fez frade capuchinho , mas depois largou o habito , e tomou as armas contra Henrique IV. O Duque de Mayenne o fez Governador do Languedoc , Duque Par , e Marechal de França. Depois resolveu-se a tornar para o seu Convento onde morreu.

Do seculo' passar para o retiro  
De hum claustro , e já do claustro para a Corte ;  
Vicioso , penitente ; ativo , humilde ;  
Cortezaõ , folitario ; elle inconstante  
Tomou , deixou , de novo a vestir torna  
A couraça , e o cilicio ; dós altares  
Sacrosantos , com lagrimas regados ,  
Corre a animar da Liga a furia ardente ,  
E no sangue da França lacrimosa  
A enfiar suas mãos , aquellas mesmas ,  
Que ao Eterno elle havia consagrado.

Mas de tantos guerreiros , quem somente  
Inspirou valeroso mais assombros ,  
Infundio mais horror , de quem mais fero  
Foi sempre o coraçaõ , fatal o braço ,  
Fostes vós juvenil Principe , forte ,  
Impetuoso D'Aumale ; (b) vós nascido  
Do sangue dos Lorenas tão fecundo  
Em Heróes , vós dos Reis bravo inimigo ;  
Das leis , e do repouso. Em todo o tempo  
O seguio toda a flor da mocidade ,  
Sahio sempre com elles á campanha

Já

(b) O Cavalheiro d'Aumale, irmão do Duque do mesmo  
apelido, da casa de Lorena, era hum mancebo impetuoso  
dotado de brilhantes qualidades, que durante o sitio de Pa-  
riz estava sempre á frente das fortidas, e inspirava aos ha-  
bituaes o seu valor, e a sua confiança.

Já em silencio , já com grande estrondo  
Na clara luz do dia , ou já nas sombras  
Da noite , ao inimigo surpreso  
Por toda a parte conduzindo a guerra ,  
Do sangue dos ferozes sitiadores  
O seu braço regava o campo todo.  
Taes da altura do Caucazo sublime ,  
Ou do cume do Athos , donde a vista  
Descobre ao longe o ár , a terra , as ondas ;  
As Aguias , e os Abutres , com as azas  
Estendidas de hum vôo arrebatado ,  
Rasgando as vastas nuvens , vão famintas  
Roubar nos campos do ár as tristes aves ,  
No prado , e bosque os míseros rebanhos ,  
E voltaõ faciados para o centro  
Medonho das enfanguentadas rochas ,  
Os despojos trazendo a grandes gritos.

Em hum d'estes combates elle cheio  
Da sua gloria , havia penetrado  
As tendas de Valois : a noite , o ruido ;  
O repentino assalto augmenta o espanto :  
Eis que tudo tremia , fraquejava ,  
E á sua força em fim cedia tudo ;  
A impetuosa torrente era já prompta  
A derramar-se ; e quasi que se via

Tu

Tudo inundar o choque tenebroso ;  
A estrella da manhã vinha nascendo ;  
Mornay , que em retirada com seu amo  
Lhe precedia , já divisa as torres  
Da soberba Pariz : de hum grande estrondo ,  
Mixto de horror , he logo surprehendido ;  
Elle corre , em total desordem acha  
De Valois os foldados , e inda os mesmos  
De Bourbon = Justos Céos ! He deste modo ;  
Que vós nos esperais ? A defender-vos  
Chega Henrique , vem já : sera possivel,  
Que vos veja em fugida companheiros ?  
E vós fugis ? = Ao som das suas vozes ,  
Como lá se vio junto ao Capitolio  
Em outro tempo o fundador de Roma ;  
Opprimido das armas dos Sabinos ,  
Conter os seus Romanos com o nome  
De Jupiter ; ao nome só de Henrique  
Se detem os Francezes ; já se inflammao  
De pejo , retrocedem , marchaõ , gritaõ :  
= He vindo o nosso Heróe , nós venceremos  
A' sua vista. = Henrique de improviso  
Entre elles apparece , e tao brilhante ,  
Qual brilha a luz na força da tormenta :  
Aos esquadroens primeiros já se passa ,  
Poem-se d'elles na frente , elle combate :

Se-

Seguem-no , e faz se mudem os destinos ;  
Em seus olhos o raio se está yendo ,  
A morte em suas mãos ; todos os Chefes  
Junto a elle animados se fatigão ;  
Chega a victoria , em fim , desapparecem  
Os rebeldes ; bem como aos claros raios  
Do dia ; que se avança , se diffipa  
D'esses astros da noite a luz brilhante.

Em vão D'Aumale intenta se demorem  
Sobre as margens as tropas fugitivas  
Dos seus amedrontados ; se aos combates  
A sua voz por hum momento os chama ,  
A voz do grande Henrique precipita  
Fortemente seus passos ; de seu rosto  
Ameaçante o terror os affugenta ,  
O Chefe os torna a unir , porém o fusto  
Os desbarata , em fim precipitado  
He com elles D'Aumale na fugida :  
Como do alto do monte , que de nevos  
Se vê todo cercado , pelo meio  
Dos gelos , e das neves derretidas ,  
Cahe , e rola o rochedo , que elevado  
As nuvens ameaçava ; mas que digo ?  
D'Aumale se suspende , e aos firiantes  
Mostra inda aquelle rosto , que temivel

Foi



Foi sempre , elle dos seus , que á força o leuão ;  
Se liberta animoso , e por hum pouco  
Detem o vencedor , que o admirava ;  
Mas de inimigos logo alli rodeado ,  
Hia a morte a punir sua ousadia.

Eis a Discordia o vio , e por D'Aumale  
Tremeu ; posto que barbara , precisa  
Dos seus dias ; ao ár ella se eleva ,  
É vóa em seu soccorro ; alli chegando  
Oppõe á multidão , que já o opprime ;  
De ferro o escudo immenso , impenetravel ;  
Que manda sobre a morte , que acompanha  
O horror , e cuja vista sempre inspira  
Ou raiva , ou susto : Oh tu filha do Inferno ,  
Discordia inexoravel , defensora  
Pela primeira vez appareceste ;  
Tu salvaste hum Heróe , tu prolongaste  
Seu destino com essa mão , ministra  
Que foi sempre da morte ; sim, com essa  
Barbara mão aos crimes costumada ,  
E que nunca até então poupado havia  
Victimas , que erão suas. Conduz ella  
A's portas de Pariz cheio de golpes ,  
Que não sentira , e todo ensanguentado  
A D'Aumale ; ella applica ás suas chagas

Hu:

Numa mão salutar , ella lhe véda  
O sangue derramado a seu respeito :  
Mas em quanto a seu corpo restitue  
Todo o vigor , dos seus mortaes venenos  
Lhe infecta o coração ; como o Tyranno ,  
Que na mesma piedade ser intenta  
Cruel , e assim suspende ao desgraçado  
A sentença mortal , a seus occultos  
Delictos elle faz servir seu braço ,  
E logo que os comette , o entrega á morte.

Henrique aproveitar sabe prudente  
Esta grande ventagem , com que a forte  
Dos combates o seu valor honrara ;  
Dos momentos na guerra elle conhece  
Todo o preço ; os rebeldes sorprendidos  
No mesmo instante aperta , pertendendo ,  
Que ás batalhas succedaõ os assaltos ;  
Quer traçar-lhes a perda mesmo em torno  
Dos seus muros ; Valois já de esperanças  
Todo cheio , e com tal apoio forte ,  
Aos soldados dá aquelle mesmo exemplo ,  
Que de Bourbon recebe ; elle os trabalhos  
Sustenta com valor , despreza os medos.  
Tem tambem seus deleites o perigo ,  
A afflicção seus prazeres : logo os Chefes

Se

Se unem todos , succedem as emprezas  
Segundo os seus desejos ; sem demora  
O terror , que na frente d'elles marcha ;  
Dissipando dos timidos sitiados  
Os esquadroens , lhes vai quebrar as portas  
A' vista mesmo d'elles sorprendidos :  
Mayenne , em hum perigo tão urgente ,  
Que poderá fazer ? Tem por soldados  
Todo hum Povo , que geme ; aqui a filha  
O morto Pai com lagrimas lhe pede ,  
Espavorido alli o irmão soluça  
Sobre as cinzas do irmão ; todos lamentão  
O mal presente , temem o futuro ;  
O grande corpo attonito não pôde  
Já mais reunir-se , ajuntão-se , consultaõ ,  
Ou fugir , ou renderem-se pertendem ;  
Irresolutos todos , a defeza  
Nenhum quer ; tanto a fraca plebe varia  
Troca a temeridade pelo fusto.

Impaciente Mayenne vê perdida  
A sua tropa , mais de cem designios  
Dividiaõ sua alma irresoluta ;  
Eis que então a Discordia , de improvisõ ,  
Vem buscar este Heróe , faz que sibillem  
Suas serpentes , diz-lhe d'esta sorte :

F

Di-

= Digno herdeiro de hum nome formidavel  
A' França ; tu , que ao meu cuidado uniste  
O da tua vingança , tu , nutrido  
A meus olhos , ás minhas leis formado ,  
Ouve a quem te protege , e reconhece  
A minha voz : Hum Povo não te affuste  
De si fraco , e inconstante ; huma pequena  
Desgraça seu valor há entibiado ,  
Animallos me toca , a meu imperio  
Estaão seus coraçoes ; verás pois logo ,  
Como nossos designios auxiliando ,  
Cheios da minha colera , e em despojo  
A meus furores , partem atrevidos  
A combater , e a dar a vida alegres. =

De improviso a Discordia mais ligeira ,  
Que hum relampago , do ár abre as campanhas  
Com hum seguro vôo : Entre os Francezes  
O affombro , e a turbação por toda a parte  
A seus olhos presentaõ mil objectos  
Espantosos ; seu halito derrama  
Huma aridez fatal por cem lugares ;  
Morre o fructo ao nascer na planta infecta ,  
As espigas voltadas vão murchando  
Sobre a terra ; escurece-se o Céu todo ,  
Tornaõ-se os astros pallidos , e o raio.

De-

Debaixo de seus pés estala , e grita ,  
Parece annunciar a morte aos Povos  
Assombrados. Hum turbilhão a leva ,  
Onde o Eridano rapido as fecundas  
Margens se vê regar com suas aguas.

Roma em fim se descobre ás suas vistas ;  
Roma algum dia o templo, o objecto, o affombro,  
Dos mortaes ; Roma , fim , cujo destino  
He na guerra , ou na paz , o ser senhora  
Do mundo em qualquer tempo : Pela sorte  
Dos combates se há visto antigamente  
Ao seu throno soberbo , e sanguinario ,  
Sujeitarem-se os Reis ; ao duro imperio  
Da sua Aguia terrivel se curvava  
Todo o universo. Mas nos nossos dias  
Exercita hum poder com mais soccego ;  
Debaixo do seu jugo ella há sabido  
Domar seus vencedores , ter nas almas  
Dominio , os corações ter a seu mando :  
Os seus votos são leis impreteriveis ,  
E as suas armas são os seus decretos.

Junto do Capitolio , onde reinaraõ  
Tanto Heróes famosos , sobre as ruinas  
De Bellona , e de Marte , no alto throno

Dos Cezares se fenta hum venerando  
Pontifice ; felices os seus Padres  
Com pé tranquillo calção os sêpulchròs  
Dos Catoens , e de Emilio as cinzas nobres ;  
O throno sobre o altar he collocado ,  
E o poder absoluto faz , que aperte  
A mesma mão o Sceptro , e o Incensorio.

Deos mesmo alli fundou a sua Igreja  
Nascente , se humas vezes perseguida ,  
Outras triunfante ; alli o seu primeiro  
Apostolo regeu com singeleza  
A verdade , e a candura ; os seus vestigios  
Algum tempo seguirão seus ditosos  
Successores , que quanto mais humildes ,  
Tanto mais respeitados ; suas frentes  
Não de hum falso brilhante revestiaõ ;  
Era a pobreza , sobre que fundavaõ  
Huma austerã virtude ; elles zelosos  
Só dos bens , que deseja hum verdadeiro  
Christaõ , era do fundo das choupanas ,  
Que ao martyrio passavaõ. Bem depressa  
O tempo ( que por fim tudo corrompe )  
Seus costumes mudou ; para punir-nos  
O Céu lhes deu grandezas ; poderosa

Def-

Desde este tempo Roma , (c) e profanada ,  
Aos conselhos dos mãos se vio sujeita ;  
O veneno , a traição , o assassinato  
Foi do novo poder o fundamento  
Horroroso ; de Christo os successores  
Collocarão no centro do sanctuario ,  
Sem pejo algum , o incesto , e o adulterio ;  
Roma em fim opprimida do dominio  
Odioso de Tyrannos tão fagrados ,  
Pelos seus falsos Deozes suspirava :  
Maximas mais prudentes se fizeram  
Depois ouvir ; os crimes se evitavão ,  
Ou melhor , se encubrião ; já da Igreja ;  
E do Povo os direitos confundidos ,  
Melhor se regulavão ; fez-se Roma

Ar-

(c) Derivando o Summo Pontifice o seu poder do primeiro Chefe da Igreja Jesus Christo, he certo, que o seu poder he o mais augusto, pois essencialmente versa sobre os corações dos fieis. Se a pobreza, e as virtudes fizeram o caracter dos Bispos de Roma no espaço dos tres primeiros seculos, ainda depois das doações do grande Constantino, e das liberaes mercês de seus pios Successores, se virão brilhar alli, aquella constancia de fé Apostolica, aquellas virtudes heroicas, que fazem a honra do Christianismo, e que immortalizarão em todo o tempo a memoria de tantos Padres Sanctos, que no decurso dos seculos a tem governado, e que forão elles mesmos hum fiel retracto dos seus primitivos Pastores. Se alguns d'elles porém se fizeram notaveis pelos seus vicios (oxalá que a historia nos não fornecesse tão irrefragaveis testemunhos!) nisto nos dão hum argumento da sua fragilidade, e nos lembrão, que erão homens: Assim os seus costumes nada prejudicão á pureza da fé, e da Religião, que elles já mais contaminarão, no meio dos seus mesmos crimes. (*Nota do Editor*)

Arbitra fô dos Reis , mas não o espanto ;  
 Debaixo já do orgulho respeitavel  
 Do triplice diadema he restituida  
 A modesta virtude ; mas a idéa ,  
 A arte de moldar-se aos de mais homens ,  
 Hoje he o dom mais sublime dos Romanos.

Rei da Igreja , e de Roma era então Sixto : (d)  
 Se para obter o titulo de grande  
 Basta ser falso , austero , e formidavel ,  
 No lugar dos maiores Reis contado  
 Será Sixto ; a quinze annos de artificio  
 Elle a sua grandeza dever foubé ;  
 Elle foubé occultar suas virtudes ,  
 E vicios , por tres lustros ; mostrou sempre  
 Fugir á dignidade , ao mesmo tempo  
 Que ardia por obtella ; fez-se indigno  
 A fim de possuir melhor o throno.

Ao poderoso abrigo do seu braço  
 Dispotico , a Politica reinava  
 Dentro do Vaticano , filha que era  
 Da ambição torpe , do interesse avaro ,

Mái

(d) SIXTO V. sendo Cardeal de Montalto, foubé fazer bem o papel de simples, e tonto, por espaço de 15 annos, de sorte que lhe chamavaõ communmente o Asno de Ancona. He notorio o artificio, com que obteve o Pontificado, e a altivez, com que reinou.



Mái da fraude , da seducção , do invento :  
Este engenhoso monstro , em subtilezas  
Taó fertil , de mil penas combatido ,  
Serenó , e soccegado entáo se mostra ;  
Seus olhos fundos , na agudeza lince ,  
Do repouso inimigos , não sentiraó  
Já mais do doce somno as dormideiras :  
Com seus enganos ella a toda a hora  
Abusa dos aspectos perturbados  
Da Europa confundida ; reina sempre  
A mentira subtil em seus discursos ,  
E por mais encubrir seus artificios ,  
Com a voz da verdade he que se expressa.

Ella divisa apenas a Discordia ,  
Quando corre a seus braços , logo a afaga ,  
A obsequia com hum maligno riso ,  
Com hum ár mysterioso ; e de repente  
Tomando hum tom bem cheio de tristeza ,  
= Não estou mais ( diz ella ) n'esses tempos  
Felices , em que os Póvos enganados  
Me offertavaó seus votos ; em que a Europa  
Credula , ao meu poder toda sujeita ,  
As leis da sua Igreja confundia  
Co' as minhas leis ; bastava , que eu fallasse ,  
Para que logo os Reis , estremecendo ,

A meus pés-se humilhassem ; se eu quera ;  
A' minha voz a guerra se excitava  
Sobre o mundo , os trovoens eraõ lançados  
Do alto do Vaticano ; em fim a vida ,  
E a morte só nas minhas mãos estava ;  
Dar os Reinos , tirallos , restituillos ,  
A mim me pertencia : esse bom tempo  
Acabou ; o Senado hoje de França (e)  
Quasi extingue nas minhas mãos os raios ,  
Que eu lanço ; de amor cheio pela Igreja ,  
Cheio de horror por mim , ás Naçoens todas  
O véo do erro lhes tira ; elle he o primeiro ,  
Que , a mascara arrancando-me do rosto ,  
A verdade vingou , da qual a imagem  
Tomei sempre : Discordia , e que não possa  
( Eu que ardo em te servir ) ou enganallo ,  
Ou ao menos punillo ! Mas andemos ,  
Que os teus fachos o meu trovaõ de novo  
Accender tornaõ ; pela mesma França  
A destruição da terra se comece ,

Os

(e) Durante as guerras do 13 Seculo entre os Imperadores, e Pontifices de Roma, Gregorio IX. teve o valor não só de excommungar o Imperador Frederico II., mas tambem de offerecer a Coroa Imperial a Roberto irmão de S. Luiz: O Parlamento de França respondeu em nome do Rei , que não pertencia ao Papa o desenthronizar hum Soberano, nem ao irmão de hum Rei de França , o receber da mão de hum Papa hum Coroa , sobre a qual nem elle, nem o Sancto Padre tinhaõ algum direito. Em 1570 deu tambem o Parlamento a famosa sentença contra a Bulla da Cea.

Os seus soberbos Reis a buscar tornem  
Os nossos ferros = Disse , e de improviso ;  
Aos ares se arrojou aquelle monstro.

Longe de Roma , longe do seu fausto ;  
Das pompas vans do mundo , d'esses Templos  
A' vaidade dos homens consagrados ,  
Cujo áltivo apparato o mundo engana ,  
A humilde Religião nos seus desertos  
Se esconde , em paz profunda ella ahi vive  
Co' seu Deos , entre tanto que o seu nome ,  
Profanado no mundo , ha sido sempre  
Sancto pretexto ás iras dos Tyrannos ,  
Dos Povos seducção , ruina dos Grandes :  
Soffrer , he o seu destino ; abençoar tudo ;  
He o que lhe toca ; occultamente roga  
Pelo ingrato , que a ultraja ; ella sem arte ,  
Sem enfeite ; nos seus encantos bella ,  
Sempre a sua modesta formosura  
D'esses olhos hypocritas esconde ,  
Que em tropel importuno aos seus altares  
Correm fô a adorar as vans riquezas.

Por Henrique a sua alma em amor sancto  
Se abrazava ; esta filha dos Céos sabe ,

Que

Que ella de seus altares , algum dia ,  
O legitimo Culto restaurando ,  
Por seu filho este Heróe adoptar deve :  
Ella o tinha por digno , e os seus suspiros  
Ardentes appressavaõ esse tempo  
Feliz , mas vagaroso aos seus desejos :  
De improviso , a Politica , e a Discordia ,  
Impiamente a inimiga sempre angusta  
Sorprendem em segredo ; ella levanta  
Para Deos os seus olhos lacrimosos ;  
O seu Deos , por provalla , quiz que fosse  
Entregue ao furor d'ellas ; estes monstros ,  
De quem a Religião há supportado  
Muitas vezes a injuria , d'ella tomaõ  
Os véos sagrados , seus impuros rostos  
Com elles cobrem , tomaõ-lhe os vestidos  
Respeitados dos homens ; em fim correm  
A Pariz a cumprir os seus projectos.

De hum ár insinuante a sempre destra  
Politica buscou introduzir-se  
No centro da Sorbona antiga , e vasta :  
Era alli , onde os Sabios respeitosos  
Se juntavaõ , interpretes sagrados  
Das verdades do Céu ; que eraõ modello ,  
E arbitros dos Christãos , e que ao seu culto

Uni-

Unidos , aos seus Principes attentos ,  
Guardavaõ até entãõ hum vigor forte  
A's flexas do erro sempre impenetravel :  
Mas que poucas virtudes são aquellas ,  
Que sem cessar resistem ! Do encuberto  
Monstro a voz venenosa , e encantadora ,  
Lhes commove os espiritos com falsos  
Lisonjeiros discursos. Ella offerece  
Grandezas ao que vê ambicioso ,  
E que do esplendor grave de huma mitra  
Se deixa allucinar : foi-lhe vendida  
Em segredo a palavra do aorento :  
Com hum destro elogio o Sabio encanta ,  
E a preço de hum incenso vaõ lhe compra  
A estimavel verdade : Se intimida  
Ameaçado da sua voz o fraco ;  
Em tumulto se ajuntaõ , em tumulto  
Se decide tambem. Por entre os gritos  
Da confusão , do ruido , e da disputa ,  
A virtude de hum tal lugar se ausenta  
Banhada em pranto. Em nome entãõ de todos  
Hum dos vellos exclama = Os Reis a Igreja  
Os faz , ella os absolve , ella os castiga ;  
Em nós está a Igreja , em nós sòmente  
A sua lei está , nós reprovamos  
A Valois , que não he já mais Rei nosso ;

Sa-

Sagrados juramentos , (f) nós rompemos  
Vossas cadêas = Logo que há fallado ,  
A inhumana Discordia determina ,  
Que com letras de sangue se transcreva  
O odioso decreto ; todos juraõ  
De estar por elle , e á sua vista assignaõ.

De improvizo ella vòa ; ella de Igreja  
Em Igreja annuncia aos do Partido  
Esta grande interpreza ; revestida  
Do habito de Agostinho , e do Capello  
De Francisco , nos claustros mais sagrados  
Faz sua voz ouvir-se ; a grandes gritos  
Ella chama alli todos os espectros  
Austeros , de seu jugo rigoroso  
Voluntarios escravos = Ora vede  
( Lhes diz ) da Religiaõ a formidavel  
Sentença , vede bem , reconhecei-a ,  
Do Altissimo vingai os interesses :  
A vós venho , sou eu a que vos chamo ;  
Este ferro , que em minhas mãos scintilla  
A vossos olhos , esta aguda espada  
Fatal a nossos féros inimigos ,

Da

(f) Em 17 de Janeiro de 1589 a faculdade de Theologia de Pariz deu o famoso Decreto , que declarava ficarem os Vassallos desobrigados do juramento de fidelidade , e que podião legitimamente fazer guerra ao Rei. A Sorbona depois, vendo-se livre da tyrannia da Liga , revogou este Decreto.

Da mão do mesmo Deos se há trasladado  
A' minha ; e he já tempo que das sombras  
Sahaes d'esses retiros ; que de hum sancto  
Zelo vós espalheis vossos exemplos :  
Ensinai aos Francezes , duvidosos  
Na fé , quanto se dá Deos por servido  
Da victima de hum Rei ; em fim lembrai-vos ;  
Que a casa de Leví , que sempre honrada  
Fora por Deos no sancto ministerio ,  
A honra mereceu de que chegasse  
Ao altar com as mãos tinctas de sangue  
Dos filhos de Israel : Porém que digo ?  
Onde os tempos estaõ , aonde os dias  
Prosperos , em que eu vi tantos Francezes  
Mortos por seus irmãos ! Vós fostes mesmos ;  
Sagrados Sacerdotes , que seus braços  
Conduzistes ; por vós há recebido  
A morte Coligny ; eu mesma em sangue  
Nadei ; ah ! que inda corre ; ide , mostrai-vos ;  
E incitareis o Povo , que me adora.

No mesmo instante o monstro deu a todos  
O signal ; foraõ todos corrompidos  
Do seu fatal veneno ; a Pariz marcha ,  
Onde conduz a procissão solemne :

O

O estendarte da Cruz (g) no meio d'ella  
Se arvorava ; elles cantão , e os clamores  
Devotos , e furiosos bem mostravaõ  
Quererem affociar o meſmo Empyreo  
Na ſua rebelliaõ ; ouve-se , que elles  
Nos ſeus votos fanaticos ajuntaõ  
As maldiçoens ás preces , que faziaõ :  
Sacerdotes audazes , porém fracos  
Soldados para a guerra ; elles do alſange ,  
E da eſpada ſeus braços encarregaõ ,  
Groſſa coiraça ſeus cilicios cobre ;  
Aos muros de Pariz eſta milicia  
Infame , entre o tumulto de huma plebe  
Impetuoſa , aſſim marcha , e vai ſeguindo  
O Deos da paz , que diante de ſi leva.

Mayenne , que de longe a louca empreza  
Eſtá vendo , no publico a auctoriza ,  
Mas comſigo a deſdenha ; bem conhece ,  
Quanto o Povo ſubmiſſo aſſim confunde  
O Culto , e o Fanatiſmo ; não ignora  
A grande arte , aos Principes precisa ,

De

(g) Deſde que Henrique III. , e o Rei de Navarra , ſe apresentaraõ em armas á viſta de Pariz , a maior parte dos Frades vestiaraõ a coiraça , e mettiaõ guarda com os Paizanos. Eſte lugar designa a Prociffaõ da Liga , na qual mil , e duzentos Frades armados fizeraõ reviſta em Pariz , tendo a Guilherme Roſe , Biſpo de Senlis , na frente d'elles.



De nutrir a fraqueza , e o erro ao vulgo ;  
O escandalo piedoso em fim applaude ;  
O que he sabio o maldiz , ri-se o soldado ;  
Mas o Povo excitado aos Céos envia  
Os gritos do alvoroço , e da esperanza ;  
E como á sua audacia sempre o susto  
Costuma succeder , em hum momento ,  
O receio ao furor fez então praça.  
Assim o Anjo dos mares sobre o seio  
De Amphitrite , se quer , acalma as ondas ;  
Ou as irrita , quando lhe parece.

Dezeseis fediciosos (b) a Discordia  
Há escolhido , assignalados estes  
Pelo crime entre os mais do seu Partido ;  
Ministros insolentes d'esta sua  
Nova Rainha ; ao seu sanguinolento  
Carro sobem com ella ; o orgulho , a morte ;  
A traição , o furor vão diante d'elles  
Por arroios de sangue ; elles nascidos  
Na escuridão , nutridos na baixeza ,  
Para com os seus Reis o odio sómente  
Por nobreza avaliação ; conduzidos  
Té baixo do docel pelo seu Povo ,

A

(b) Assim chamados por causa dos 16 bairros de Pariz , que elles governavaõ pelas suas intelligencias.

A Mayenne , que os vê junto ao seu lado ;  
 Daó que temer ; dos jogos da Discordia  
 Ordinarios caprichos ; (i) muitas vezes  
 Aquelles , que ella cumplices há feito ,  
 Os faz iguaes ; assim se vê , que irados  
 Os ventos , que o flagello são das aguas ,  
 Do Rhodano , ou do Sena as ondas movem ;  
 Nas profundas cavernas encharcado  
 O lodo entaó se eleva , e vem acima  
 Sobre a face das ondas ; assim como  
 No furor dos incendios , que as Cidades  
 Iguala aos campos razos , e funestos ;  
 O chumbo , o bronze , o ferro derreido  
 Pelas chammas , ao oiro se misturaó ,  
 Ao oiro sim , que entaó se torna escuro.

N'estes de sedição , e de tumulto  
 Dias tristes , só Themis ao contagio  
 Resistia ; de engrandecer-se a sede ,  
 A esperança , e o temor já mais puderaó  
 Inclinar-lhe nas mãos a fiel balança ,  
 Sem macula seu Templo sempre esteve ;  
 Correndo a ella a simples equidade ,

Buf-

(i) Os dezeseis foraó muito tempo independentes do Du-  
 que de Mayenne : hum d'elles chamado Normand disse hum  
 dia na Camara do Duque = Aquelles, que o fizeraó, poderiaó  
 tambem desfazello. =

Buscava á sua sombra estar segura.

N'este sagrado Templo há hum Senado  
Venerando , propicio á innocencia ,  
Ao crime formidavel ; elle o apoio ,  
He das leis do seu Principe ; elle he o orgão ;  
Entre este , e o Povo , marcha de igual passo :  
A justa confiança , que conserva ,  
Da equidade dos Reis , faz muitas vezes ,  
Que dirija a seus pés da França as queixas ;  
Sua ambição sômente ao bem do Estado  
Se encaminha ; aborrece a tyrannia ,  
A rebelliaõ o enfada ; cheio sempre  
De respeito , e valor , prudente , è sabio ,  
A submissaõ da escravidãõ distingue ,  
E em defender as nossas liberdades  
sempre prompto , elle a Roma reconhece ,  
Sabe honralla , e tambem sabe contella.

Dos tyrannos da Liga o esquadrão féro  
Eis do Templo de Themis cerca as portas ;  
Buffy (1) os conduzia , esse vil mestre  
De armas , subido pela sua audacia  
A tão culpavel honra ; entra , e profere

G

E

(1) Buffy le Clerc , que de jogador de armas passou a Governador da Bastilha , e a Chefe d'esta facção.

Estas palavras á Assembléa augusta,  
Por quem dos Cidadaãos se rege a sorte :  
= Mercenárias columnas de hum confuso  
Labirinto de leis, plebeos infanos,  
Que tutores dos Reis pensais ser sempre,  
Froxos, que collocais a vergonhosa  
Vangloria das venaes grandezas vossas  
Na facção, na desordem, na caballa;  
Na paz tyrannos, timidos na guerra,  
Ao Povo obedeei, e aos seus decretos :  
Antes dos Reis, já Cidadãos havia :  
Os direitos perdidos pelos nossos  
Antepassados, hoje recobramos ;  
D'este Povo abusastes muito tempo,  
Elle do Sceptro se acha aborrecido,  
E o Sceptro se há quebrado : os grandes nomes  
Riscaí, que vos molestaão certamente ;  
Sim, = *de pleno poder* = essas palavras,  
Que temem todos, todos aborrecem :  
Se julgais, seja em nome só do Povo ;  
Naó o lugar do Rei, mas sim do Estado  
Sustentai entre vós, imitai sempre  
A Sorbona, ou temeí minha vingança. =

Respondeu o Senado com hum nobre  
Silencio a tudo ; assim se vio de Roma  
Nos muros abatidos, e abrazados, Que

Que os Senadores curvos com o pezo  
De seus annos, intrepidos, e immoveis  
Em seus assentos, d'hum olhar tranquillo;  
Os Gaulos esperavaõ, e inda a morte:  
Colerico Buffy, não sem affombro,  
= Obedecei, tyrannos, ou segui-me =  
( lhes diz ) Entaõ Harlay primeiro se ergue,  
Harlay nobre exemplar, de hum Parlamento  
O Chefe, justo, quanto destemido:  
Elle á cohorte logo se apresenta,  
Pede os ferros, guardádo o mesmo aspecto;  
Com que os máos haveria condemnado:  
Os Chefes da justiça a Harlay unidos,  
Desejando, qué a honra dos tormentos  
Com elles repartisse, e fossem todos  
Victimas de huma fé, que aos Soberanos  
Se deve, as mãos estendem generosas  
Aos ferros dos algozes, que lhas prendem.

Repeti-me vós, Musas, esses nomes  
Taõ amaveis á França; vós eternos  
Fazei esses Heróes, a quem a força  
Da licença opprimio; o virtuoso  
De Thou, Molé, Scaron, Bayeul, e o sempre  
Justo Potier, e vós Longueil mancebo,  
Em quem por apressar vossos destinos,

O espírito , e a virtude os annos bellos  
Adiantaraõ ; em fim todo o Senado  
Pelos dezeseis prezo , entre a turba  
De hum vil Povo em triumpho he conduzido  
Ao Castello , (m) Palacio da vingança ,  
Que encerra as mais das vezes tanto o crime ,  
Como a innocencia. He d'este infame modo ,  
Que os rebeldes mudaraõ todo o Estado ;  
A Sorbona he cahida ; o Parlamento  
Acabou : Mas porque hum tal concurso ?  
Gritos taõ lamentaveis ? Que instrumentos  
Da morte dos culpados saõ aquelles ,  
Que se apromptaõ ! Quem saõ os Magistrados ,  
Que a maõ do algoz infame no sepulchro  
Por ordem dos tyrannos precipita ?  
Ah ! que em Pariz se vê , que hum sô destino  
Tem a virtude , e o crime. Brissou (n) guapo ;  
Tardif , e Larcher , victimas honrosas ,  
Injuriados naõ sois por esta morte  
Cheia de affrontas : Generosos Manes  
Naõ vos envergonheis , que os vossos nomes  
Na memoria seráo sempre famosos ,  
Quem morre pelo Rei , morre com gloria.

No

(m) A Bastilha.

(n) Em 15 de Novembro de 1591. Estes grandes Sabios,  
e Conselheiros foraõ enforcados por ordem dos dezeseis.

No meio dos rebeldes a Discórdia  
Se applaude do successo dos seus torpes  
Designios , de hum ár féro , e bem contente ;  
Na sua crueldade então tranquillã ,  
Os effeitos observa perniciosos  
De huma guerra civil n'aquelles muros  
Todos ensanguentados , entre huns Póvos  
Miseraveis , que contra o seu Monarcha  
Sómente unidos , entre si discordes ,  
( Jogo infeliz das intestinas furias )  
Da triste Patria apressão as ruinas ;  
O tumulto por dentro , insta por fóra  
O perigo , e se vê por toda a parte  
O destroço , a carnagem , o pranto , a morte.



## CANTO V.

## A R G U M E N T O.

*Os sitiados são fortemente opprimidos. A Discórdia excita a Jacques Clemente a sabir de Pariz para assassinar o Rei. Ella chama do fundo dos Infernos o Demonio do Fanatismo, que conduz este Parricidio. Sacrificio dos da Liga aos Espiritos Infernaes. Henrique III. he assassinado. Sentimentos de Henrique IV. Elle he reconhecido Rei pelo Exercito.*

**N**o em tanto as grandes maquinas chegavaõ,  
 Que em seus feios traziaõ dos rebeldes  
 A perdição ; de toda a parte o ferro ,  
 E o fogo ao ár voando , por cem bocas  
 De bronze lhes prostravaõ as muralhas :  
 Dos dezefeis a ira ; de Mayenne  
 A prudencia ; de hum Povo sedicioso  
 A feroz arrogancia ; dos Doutores  
 Da lei as decifoens escandalosas ;  
 Era tudo naõ mais que hum vaõ esforço  
 Contra o Heróe , a victória a grandes passos  
 se aproximava sobre seus vestigios :

Six



Sixto , Filippe , e Roma em ameaças  
Rebentavaõ , mas Roma ao Universo  
Não era já terrivel , que nos ares  
Seus raios debeis todos se perdiaõ ;  
E o velho Castelhana costumado  
Aos vagares , privava do soccorro  
Preciso aos sitiados : pela França  
Seus soldados vagando a toda a parte ,  
A Pariz não valiaõ , e assolavaõ  
Nossas Cidades ; era todo o intento  
Do pérfido , que a Liga , por cançada ,  
Pudesse offerecer facil conquista  
Ao seu braço ; este pois tão perigoso  
Arrimo , e huma amisade em si tão falsa ,  
Hum Senhor , em lugar de hum Alliado ,  
Lhes preparava , quando a resoluta  
Maõ d'hum furioso aquelles vaõs projectos  
Pareceu suspender por algum tempo .

Vós de Pariz tranquilllos habitantes ,  
Que em dias mais felices vos permite  
O Céu nascer , perdoai se hoje de novo  
Minha mão á lembrança vos presenta  
A historia criminal dos seduzidos  
Vossos antepassados ; não se estende  
A vós o horror fatal de suas culpas ;  
Pelos Reis vossos vosso amor he tanto ,

Que

Que basta a restaurar-lhes toda a gloria.

Em todo o tempo a Igreja ha produzido  
Solitarios , que unidos em hum corpo ,  
Debaixo de severos institutos ,  
Bem distinctos do resto dos mais homens ,  
A Deos se consagrarão por seus votos  
Solemnes : D'estes huns permanecerão  
Em huma paz profunda , inaccessible  
Sempre aos encantos frivolos do mundo ;  
Zelosos do repouso , que roubar-lhes  
Ninguem pôde , fugirão ao Commercio .  
Dos humanos , a quem servir podião :  
Outros porém , fazendo-se precisos  
Ao Estado , illustrarão sempre a Igreja ,  
Subirão ás cadeiras ; mas que importa ;  
Se allucinados logo por huns genios  
Lisonjeiros , no seculo espalhados ,  
D'elles tem abraçado muitas vezes  
Os costumes ! A furda ambição sabe  
A's suas pertençoens dispôr os meios ;  
Mais de hum Paiz se há visto das intrigas  
D'elles queixoso ; assim entre os humanos  
O mais perfeito bem , por hum abuso  
Do maior mal se há feito toda a origem.

Os

Os que a vida abraçaraõ de Domingos  
Viraõ por muito tempo a sua gloria  
Firmar-se nas Hespanhas ; dos escuros ;  
Quanto humildes empregos , de repente  
Aos Palacios dos Reis elles passaraõ:  
Naõ com menos poder , nem menos zelo ;  
Florescia na França respeitada  
Esta ordem dos Reis favorecida ,  
Tranquilla , e em fim feliz , se do seu seio  
Naõ sahisse hum traidor como Clemente.

Clemente (a) no retiro desde a sua  
Menor idade , havia produzido  
Escuros movimentos de huma inerte ;  
E rustica virtude ; elle mui fraco  
Espirito , e assim credulo bastante  
Na sua devoção , segue a torrente  
Dos rebeldes : foi sobre este mancebo  
Estulto , que a Discordia há derramado  
O veneno infernal da sua boca :  
Aos pés do sancto Altar , todos os dias ,  
Elle prostrado , aos Céos era importuno  
Nos seus criminaes votos. Diz-se , que elle ,

De

(a) Jacques Clemente da Ordem dos Dominicos era de idade de 24 annos e meio, e pouco antes se havia ordenado de Sacerdote quando commetteu este Regicidio.

De cinza, e pó cuberto, pronunciára  
Huma vez esta supplica tremenda :  
= Deos, que vingas a Igreja, e que castigas  
Os tyrannos, ver-se-há continuamente,  
Que opprimes a teus filhos? que proteges  
Os damnos de hum Monarcha, que te ultraja?  
Que as mãos impuras lhe armas? que abençôas  
Os seus perjuros? Grande Deos, já cessa  
De provar-nos em fim por teus flagellos;  
Contra os teus inimigos te levanta,  
Para longe de nós aparta a morte,  
E a miseria; de hum Rei, que nos he dado  
Pela colera tua, já nos livra;  
Vem, dos Céos abrazados essa altura  
Faze humilhar, que diante de ti marche  
O Anjo exterminador; arma-te, desce,  
E hum raio ardente prostre a nossos olhos  
O sacrilego exercito, e o destrua;  
Que os dois Reis espirando, os seus soldados  
E Chefes caiaão, como cahe a folha  
Pelo vento espalhada, e que em fim salvos  
Por ti os teus Catholicos da Liga,  
Sobre os ensanguentados corpos possaão  
Dirigir-te seus canticos perennes. =

Atravessando os ares a Discordia

Du-

Ouve attenta os clamores espantosos,  
 E aos Infernos os leva; n'hum instante  
 Dos seus Reinos sombrios faz que venha  
 O mais cruel Tyranno d'esse Imperio  
 Das sombras; elle chega, o Fanatismo  
 Seu nome horrivel he, filho inhumano  
 Da Religião; armado em defendella,  
 Só cuida em destrui-la, e recebido  
 No seu seio, elle a abraça, elle a arruina:

Elle foi em Rabá (b) quem sobre as praias  
 Do Arnon os descendentes conduzia  
 Do desgraçado Ammon, e as Mães chorosas,  
 Que a Moloc, o seu Deos, apresentavaõ  
 As fumantes entranhas de seus filhos:  
 Elle o que fez dictar o juramento  
 De Jephthé inhumano, e temerario,  
 Para no coração da tenra filha  
 Conduzir-lhe o punhal: Elle o que abrindo  
 De Calcas a impia bocca, a cruel morte  
 Por sua voz pedira de Ifigenia:  
 Há muito tempo, França, que elle assiste  
 Nos teus bosques, que o teu sagrado incenso,  
 Ao terrivel Teutates (c) elle offerece, Tu

(b) Paiz dos Ammonitas, os quaes lançavaõ seus filhos nas  
 chamas ao som de tambores, e de trombetas em honra da  
 Divindade, que adoravaõ com o nome de Moloc.

(c) Teutates era hum dos Deozes dos Gaulos, a quem se  
 sacrificavaõ homens.

Tu não te hás esquecido d'esses sanctos  
 Homicidios , que aos vaós indignos Deozes  
 Presentayaão os teus antigos Druidas :  
 Do alto do Capitolio elle bradava  
 Aos idolatras , que os Christaões punissem ;  
 Que os destruissem , e que os atormentassem ;  
 Porém , quando em fim Roma submettida  
 Foi ao filho de Deos , do Capitolio  
 Desfeito em cinza , se há passado á Igreja ;  
 E entaõ nos coraçoens , que eraõ de Christo ;  
 As furias inspirando , sem demora  
 De Martyres os fez perseguidores.  
 Elle em Londres , formou a turbulenta  
 Seita , (d) que sobre hum Rei , de si mui fraco ;  
 Com sanguinosa mão se vio erguida.  
 Em Lisboa , e Madrid , (e) elle he o que accende  
 As fogueiras solemnes , onde em pompa ,

Por

(d) Os Enthusiastas ( chamados independentes ) foraõ os que tiveraõ a maior parte na morte de Carlos I. Rei de Inglaterra.

(e) O estabelecimento da Inquisição he filho do zelo , com que o Senhor D. Joaõ III. quiz se mantivesse a pureza da Religião nos seus Estados, e não obra do Fanatismo como licenciosamente, diz aqui o A. Todos sabem o recto procedimento d'este supremo Tribunal para com os intitulados Judeos, os quaes nunca se castigaraõ por seguir a Moyses, mas sim pelo seguirem depois de ter abraçado o Christianismo, e commetterem huma horrivel profanação de todos os Sacramentos: Além de que, os actos da fé, que a Inquisição celebrava n'este Reino nem todos se faziaõ solemnemente e por costume todos os annos; mas só quando a pertinacia dos delinquentes se ensurdecia ás vozes da razão, e a luz

Por Padres em cada anno, se conduzem  
Os Judeos infelices, por não terem  
Deixado a fé de seus antepassados.

Elle por disfarçar-se, se vestia  
Sempre d'esses sagrados ornamentos  
Dos Ministros do Céu; d'esta vez passa  
A' eterna escuridão a tomar n'ella  
Para novos delictos nova forma:  
A audacia, e o artificio, os seus aprestos  
Forão; elle de Guiza toma o talhe,  
E as feições; do soberbo Guiza, aquelle;  
Que tyranno do Estado se descobre,  
E Rei de seu Senhor; quem por ser sempre  
Poderoso, inda além da morte a França  
Arrastrava aos combates. A cabeça  
Elle cobre de hum casco formidavel,  
Na mão se vê a espada, aquella espada  
A' morte sempre prompta; traz o peito  
Traspassado dos golpes, com que hum dia  
Este Heróe sedicioso assassinado  
Fóra em Blois; os clamores do seu sangue;  
Que

da fé, a que fechavaõ os olhos. Este Tribunal he hoje com  
mais justiça digno de respeito, porque á inspecção dos seus  
juizes, se unio por lei dos nossos Principes a sua augusta  
decisão, para poderem ter execucao os seus processos. Os  
estrangeiros fallão n'esta materia com odio e ignorancia cras-  
sa; o que basta para não serem accreditados. (*Nota do Editor*)

Que abundante inda corre , parecino  
A Valois accusar , pedir vingança.

N'este terrivel lugubre apparato ,  
Por entre as dormideiras , que costumia  
O somno derramar , elle a Clemente  
Vem procurar no centro do retiro:  
Era a superstição , era a inquieta  
Facção , o falso zelo , sempre acceso  
De huma brilhante colera , que estavam  
Velando á sua porta ; de repente  
Elles abrem , elle entra , (f) e entao com huma  
Voz magestosa , e fêra , assim lhe falla :  
= Deos teus votos accêita , e rogativas ;  
Mas de ti não terá por culto , e incenso ,  
Mais que huma eterna queixa, hums fracos votos?  
A Deos , que ferve á Liga , são precisas  
Outras offrendas ; elle de ti exige  
Os dons , que tu lhe pedes : Judith (g) forte ,  
Se em outro tempo , por salvar seu Povo ,

A

(f) Imprimio-se em Pariz , e sahio ao publico em 1589  
huma relação do martyrio de Fr. Jacques Clemente , na  
qual se segurava , que hum Anjo lhe tinha apparecido , e lhe  
havia mostrado huma espada nua , e ordenado , que matasse  
o tyranno.

(g) Estando já em S. Cloud Jacques Clemente , algumas  
pessoas q desconfiavaõ d'elle , o espiaraõ durante a noite , e o  
acharaõ dormindo profundamente com o Breviario ao pé de  
se aberto no artigo Judith.



A Deos não offertasse mais que os gritos ;  
E as lagrimas , se pelos seus temendo ,  
Tambem por si temesse , cahir vira  
Judith por terra os muros de Bethulia ;  
Eis aqui as empresas , que tu deves ,  
Por sanctas , imitar , he esta a offerta ;  
Que presentar a Deos és obrigado ;  
Mas tu mesmo , já vejo , te envergonhas  
De a haveres differido , corre , vòa ,  
E a tua mão no sangue consagrado ,  
Libertando os Francezes de hum Monarcha  
Indigno , a Pariz vingue , vingue a Roma ;  
A mim , e o Univerſo. A minha vida  
Cortou Valois por hum affassinato ;  
Punir co' mesmo golpe te he preciso  
Sua perfidia ; não te embargue o susto  
Do nome de Affassino ; se foi n'elle  
Cruel delicto , em ti será virtude ;  
Tudo he licito a quem a Igreja vinga ,  
A morte he justa então ; e o Céu não menos  
A auctorisa ; que digo ? Deos o manda ,  
E pela minha voz elle te instrue ;  
Para a morte de Henrique elle o teu braço  
Há eleito ; feliz tu se pudesses ,  
Consumando a vingança , o de Navarra  
Juntar na mesma acção a hum tal Tyranno ;  
E se d'estes dois Reis , livres de todo

Teus



Teus Cidadãos , pudessem . . . . mas os tempos  
Não são inda chegados ; Bourbon deve  
Viver , e Deos , ao qual se oppoem seu braço ,  
Para outras mãos reserva toda a gloria  
Da sua ruina ; tu que és tão zeloso  
D'este Deos , enche os seus grandes designios ,  
E o mimo acceira , que por mim te envia. =

O fantasma então faz a estas palavras  
Hum punhal reluzir , que havia o odio  
Nas águas infernaes humedecido ;  
A dadiua fatal na mão do incauto  
Clemente deposita , foge , e torna  
Na morada infernal a submergir-se.

Facilmente enganado o Religioso  
Mancebo , creu , que o Céu seus interesses  
Sómente em suas mãos depositára :  
Ao funesto presente elle prostrado  
Os osculos duplica ; elle de joelhos  
Do Omnipotente o braço humilde implora ;  
E cheio em fim do monstro , de quem sempre  
O furor o dirige , de hum ár sancto  
Ao fatal parricidio já se aprompta.

Quanto ao erro se humilha com presteza  
O humano coração ! Eis já Clemente Gofe

Gostando huma feliz serenidade ;  
Elle estava animado , fim d'aquella  
Audacia , que no coração dos Sanctos  
Firma a innocencia ; no furor tranquillo ;  
Os olhos baixos , marcha ; elle seus votos  
Sacrilegos ao Céu sempre dirige , (b)  
De huma austera virtude em seu semblante  
Reluz a estampa ; e o ferro parricida  
Debaixo do cilicio leva occulto :  
Elle parte ; os parciaes logo instruidos  
Do projecto , os caminhos alcatifão  
De odoríferas flores a seus passos ;  
E de hum sancto respeito todos cheios ;  
A's portas o conduzem ; abençoão  
Seu intento ; este o instrue ; aquelle o anima ,  
O nome de Clemente já numerão  
Entre os nomes sagrados , que em seus fastos  
Roma por immortaes tanto respeita ;  
Em altas vozes vingador da França  
O appellidão , na mão tendo os incensos  
Se dão pressa a invocallo. No transporte ,  
Ou no ardor , nunca foraõ taõ activos  
Os primeiros Christaõs , que de morrerem  
Desejosos , intrepidas columnas

H

Da

(b) Elle jejuou , confessou-se , e commungou , antes de partir a ir assassinar o Rei.

Da crença de seus Pais , em outro tempo  
Seus irmãos , ao martyrio acompanhavaõ ;  
As doçuras de morte taõ ditosa  
Inveja lhes faziaõ , e os vestigios  
De seus passos com lagrimas beijavaõ :  
O fanatico cêgo muitas vezes  
No caracter se não diversifica  
Do sincero Christaõ ; hum mesmo esforço  
Tem ambos , tem os mesmos sentimentos ;  
Tem seus Mártires o erro , Heróes o crime ;  
Do zelo verdadeiro , e do que he falso  
Vaõs Juizes que somos ! parecidos  
Muitos malvados saõ aos grandes homens.

Mayenne , cujos olhos tudo observaõ ,  
Bem está vendo o golpe preparar-se ,  
Finge porém que o ignora ; o seu prudente  
Artificio de hum crime taõ odioso  
Cuida em colher o fructo , sem que n'elle  
Tenha parte ; elle deixa com industria  
Para os mais sediciosos o cuidado  
De esforçar o valor d'este furioso.

Em tanto que huma turba sanguinaria ,  
De rebeldes ás portas conduzia  
De Pariz este infiel , ao mesmo tempo

O sacrilego esforço da assemblea  
Dos dezeséis examinava a sorte  
Sobre o successo. Antigamente (1) a audácia  
Cuidadosa de Medicis havia  
Penetrado a sciencia detestavel  
D'estes segredos ; ella muito tempo  
Esta arte profundou em si suprema ,  
Vãa , chimerica , e sempre criminosa ;  
Seguiu-se o seu exemplo , e o Povo rude ,  
Servil imitador dos fataes vicios  
Da Corte , amante só de novidades ,  
Captivo de prodigios , a tão impias  
Desordens de tropel se abandonava.

Nas sombras da alta noite ao centro horrivel  
De huma abobeda escura , esta malvada  
Assemblea o silencio há conduzido ;  
Ao pálido claraão de huma lanterna  
Magica , hum Altar vil sobre hum sepulchro  
Se erigio ; dos dois Reis logo as imagens  
Alli se collocaraõ ; sendo o objecto  
Para elles de terror , o saõ agora  
De seus ultrages ; suas mãos impuras

H 2

So-

(1) Catherina de Medicis havia posto a magica muito em moda na França. Achavaõ-se por toda a parte homens alheios a loucos por se cretem Magicos , e Juizes supersticiosos , que os punião de boa fé, como taca.

Sobre o funesto Altar tem confundido  
Os nomes infernaes com o do Eterno :  
Dispostas pelas funebres paredes  
Estão cem lanças , todas tem as pontas  
Em vazilhas de sangue mergulhadas ,  
Ameaçante apparato , que inventarão  
De hum mysterio horroroso : o Sacerdote  
Do escuro Templo hum d'esses Hebreos era ;  
Que sobre a terra vagão , que proscriptos ,  
E Cidadaãos do mundo , vão levando  
De mar em mar a erratica miseria ,  
E que tem cheio desde muito tempo  
Os Póvos de huma antiga immensidade  
De superstiçãos : ao redor d'elle  
Os da Liga furiosos principião  
A grandes gritos o impio sacrificio :  
Lavaõ no sangue os braços parricidas ;  
De Valois , sobre o Altar , passaõ o peito;  
Com mais terror ainda , com mais furia  
De Henrique a imagem prostraõ , e debaixo  
A calção de seus pés ; (1) pensaõ que a morte  
Fiel á sua colera vai logo

Transf.

(1) Muitos Sacerdotes da Liga haviaõ mandado fazer pequenas imagens de cera , que representavão Henrique III. e o Rei de Navarra; punhaõ-as sobre o Altar, e durante a Missa as feriaõ; isto por espaço de 40 dias consecutivos, e no fim d'elles as feriaõ no coração.

Transmittir a estes Reis o fermento  
Dos seus golpes ; (m) o Hebreo junta entre tanto  
As preces ás blasfemias ; elle invoca  
O abyfmo , os Céos , o mefmo Deos Eterno ,  
Todos effes espiritos immundos ,  
Que turbaõ o Univerfo , affim o fogo  
Do raio , como as chammas dos Infernos.

Igual foi em Gelboé o sacrificio ,  
Que Pythoniza aos feus infernaes Deozes  
Offertou , quando fez vir á presença  
De hum Rei cruel a imagem espantofa  
De Samuel Sacerdote : affim não menos  
Do alto de Samaria trovejava  
A impia voz dos Profetas mentirofos  
Contra Judá ; ou tal entre os Romanos  
O cruel Ateyo (n) amaldiçoando as armas  
De Crasso pela invocação dos Deofes.

Aos magicos accentos , que lhe fahem

Da

(m) De ordinario serviaõ-se dos Judeos para fazerem as operaçoens magicas. Esta antiga superstição vem dos segredos da Cabala, dos quaes os Judeos se diziaõ sómente os depositarios.

(n) Ateyo Tribuno do Povo não podendo impedir a Crasso a partida contra os Parthos, trouxe hum brazeiro ardente para a porta da Cidade por onde Crasso havia de fahir, e lançando-lhe certas hervas, amaldiçoou a expedição de Crasso invocando para isso as Divindades infernaes.

Da boca , os Dezeséis tem a confiança  
De esperar , que do Céu se lhes responda ;  
Obrigallo elles pensão , a que a forte  
Se lhes descubra : o Céu para punillos  
Quiz então escutallos , quiz por elles  
Interromper as leis da natureza :  
Hum lugubre murmureo das cavernas  
Mudas sahe , os relampagos continuos  
Lhes dão a ver na mais profunda noite ,  
Hum horroroso dia , que renasce ,  
E que foge ; no meio d'estes fogos  
Resplandecendo em gloria elles divizaõ  
A Henrique , sobre hum carro de victoria ;  
Os loiros lhe c'roavaõ toda a frente  
Nobre , e serena ; em fim brilhava o Sceptro  
Dos Reis nas suas mãos : o ár de improviso  
Aos tiros do trovaõ passa a abraçar-se ;  
Chelo de fogo o Altar , se arruina , e logo  
Se submerge na terra : consternados  
Os Dezeséis , de horror o Hebreo cuberto ,  
Vaõ esconder na noite tanto o crime ,  
Como a perturbação , que os affugenta.

Estes trovoens , e fogos , este ruido  
Espantoso a Valois annunciavaõ  
A perda inevitavel ; os seus dias

Tern .



**T**em Deos contado do alto do seu Throno,  
**H**avia longe d'elle retirado  
**O** seu soccorro ; a morte era impaciente  
**E**m aguardar a victima , que he sua ,  
**E** Deos como que hum crime permittia  
**P**or perder a Valois. Sem sobre salto  
**A**o campo real marchou o impio Clemente ;  
**E**lle chega , e requer , que ao Rei os guardas  
**L**he permittaõ fallar ; diz que Deos mesmo  
**F**az , que áquelles lugares conduzido  
**V**enha , porque os direitos do diadema  
**P**or elle se restaurem ; que ao Rei proprio  
**Q**uer revelar segredos importantes ;  
**D**uvidaõ , por bastante tempo o observaõ ,  
**E** he perguntado ; teme-se debaixo  
**D'**aquelle habito algum fatal mysterio ;  
**E**lle passa por hum severo exame  
**S**em já mais se assustar , responde a tudo  
**C**om bem simplicidade , quem creia ,  
**Q**ue a verdade não via bem patente  
**E**m seus discursos? faz em fim o guarda ,  
**C**om que á vista do Rei elle appareça.

**N**ão assustou o aspecto Soberano  
**A**o traidor ; com hum ar tranquillo , e humilde ;  
**E**lle dobra os joelhos , elle observa

O lugar, onde bem empregue o golpe;  
 E a mentira sagaz, que a sua lingua  
 Conduzia, dictou-lhe n'este instante  
 Taõ pérfido discurso; elle assim falla:  
 = Grande Rei, permitti, que ao Deos Supremo,  
 Que faz reinar os Reis, eu encaminhe  
 Minha tímida voz, antes de tudo  
 Meu coração deixai que o louve, e cante,  
 Pelos bens, que hoje vai sua Justiça  
 Derramar sobre vós; Potier virtuoso, (o)  
 E Villeroi prudente a fé intacta  
 Vos guardaõ entre os vossos inimigos;  
 Harlay, (p) o grande Harlay, de cujo zelo  
 Intrepido, affustado se vio sempre  
 O infiel Povo; do centro de huma escura  
 Prizaõ, os coraçãoes vai reunindo  
 De todos; junta os vossos fiels Vassallos;  
 E confunde os da Liga: Deos, que, sempre  
 Sabios, e poderosos abatendo,  
 Pela mão, que he mais fraca, cumprir soube  
 As suas obras, fez, com que á presença

Do

(o) Potier, Presidente do Parlamento, de que assima se fallou. Villeroi que havia sido Secretario d'Estado de Henrique III.

(p) Achilles de Harlay estava enão recluso na Bastilha por Buffy le Clerc. Jacques Clemente apresentou ao Rei huma carta da parte d'este Magistrado, porém ignora-se se era, ou não fingida.

Do grande Harlay eu fosse conduzido ;  
Cheio da sua luz , e pela sua  
Mesma boca instruido , diligente  
Ao meu Principe voo , e vos entrego  
Esta carta , que Harlay acaba há pouco ;  
Como a subdito fiel , de encatregar-me. =

Impaciente Valois recebe a carta ,  
E as mãos levanta aos Céos , que lhe permittem  
Tão suave mudança ; = Oh se eu pudesse  
( Diz elle ) este teu zelo , e bom serviço  
Remunerar-te já pelo meu gosto ,  
E da minha justiça ! = Estas palavras  
Dizendo , elle lhe estende os Reaes braços ;  
No mesmo instante o monstro o punhal tira ,  
E ouzadamente o peito lhe atravessa ;  
O sangue corre , e todos assombrados  
Se avançam dando gritos ; eis já se erguem  
Mil braços a punir este assassino ;  
Mas sem baixar os olhos , com desprezo  
Elle os attende ; a França satisfeita ,  
E do seu parricidio vanglorioso ,  
Em recompensa a dura morte espera  
De joelhos ; em fim , elle de Roma ,  
E da França se crê ser o refugio ;  
Pensa, que os Céos vê já, que estes se lhe abrem ;

E

E a Deos pedindo a palma do martyrio ;  
Cahe , abençoando os golpes , com que espira

Torpe illuzão , fantástica cegueira ,  
De horror , de compaixão mil vezes digna ;  
E da morte do Rei menos culpavel  
Talvez , do que effes laxos , vaõs Doutores  
Do feu Rei inimigos, que espalhando  
O veneno fatal com suas vozes ,  
O fraco Religioso allucinaraõ.

Estava já Valois tocando aquella  
Triste , e ultima hora , nem seus olhos  
Viao de luz apenas mais , que hum resto ;  
Seus Cortezaõs , chorando ao redor d'elle ,  
Por designios diversos divididos  
Em segredo , com huma voz commua  
Formando as mesmas queixas , expressavaõ  
As dores , ou sinceras , ou fingidas ;  
Os que se esperançavaõ na mudança ,  
Froxamente se affligem do perigo  
Do feu Principe ; cheios entraõ outros  
Do temor , do interesse , não choravaõ  
O Rei , mas a fortuna decahida.

Entre o confuso ruido de clamores ,  
E de queixas , sómente vós , Henrique ;

Lgrimas derramastes verdadeiras ;  
Vosso inimigo foi , mas os que nascem  
De corações sensíveis, facilmente  
Se commovem nos horridos momentos ;  
Só da sua amisade então se lembra  
Henrique , e o interesse em vão combate  
Contra a sua piedade ; o Heróe virtuoso  
A si mesmo occultava o pensamento ,  
De que esta morte a C'roa lhe trazia.

Por hum ultimo esforço então voltando  
Valois para elle os olhos já pezados ,  
Que a morte hia a fechar , e ao mesmo tempo  
Com suas mãos tocando nas de Henrique ,  
= Mãos vencedoras , diz-lhe d'esta sorte :  
As generosas lagrimas detende ,  
O Universo indignado á sua conta  
Toma o compadecer-se : reinar deve  
Bourbon , e combater , por fim vingar-me :  
Eu morro ; e vós no meio das tormentas  
Ficais só ; assentado sobre o escolho  
Cheio dos meus naufragios ; porém ide ,  
Henrique , que o meu Throno vos espera ;  
Pertence-vos , gozai de hum bem , que sempre  
Foi pelo vosso braço defendido ;  
Mas attendei , que o raio em todo o tempo

O rodeia ; temei , subindo ao Throno ;  
 O Deos , que vo-lo dá ; oh se pudeesses  
 De hum dogma criminal defenganado ,  
 Restaurar-lhe o Altar , repor-lhe o culto !  
 A Deos ; reinai feliz ; mais poderoso  
 He o genio tutelar , que vos defende  
 De crueis assassinos : vós a Liga  
 Conheceis , e bem vedes os seus golpes ;  
 Elles por mim passaraõ , porque possaõ  
 Ir depois para vós : talvez que hum dia  
 Huma maõ mais infiel . . . . Céos, que sois justos,  
 Favorecei virtude , que he taõ rara ;  
 Permitti . . . . n'este ponto a morte impia  
 Sobre a sua cabeça vem render-se ,  
 E de todo acabou o seu destino. (q)

A' noticia da morte Pariz toda  
 Aos odiosos transportes se sujeita  
 De humma iniqua alegria ; de cem gritos  
 De victoria o seu Povo encheu os ares ;  
 Suspende-se o trabalho , saõ abertos  
 Os Templos ; de grinaldas de mil flores  
 Ornaõ suas cabeças ; este dia

He

(q) Henrique III. morreu a 3 de Agosto pelas duas horas  
 da manhã em S. Cloud ; mas não na mesma casa , onde ti-  
 nha abraçado com seu irmão a resolução do S. Bartholomeu ,  
 como asseverão muitos Historiadores.

He dedicado só a immensas festas :  
Infernatos que são ! Elles não olhão  
Os profundos abyssos , que assim cavaõ  
Debaixo de seus pés ; deveraõ antes ,  
Seus trabalhos prevendo , mudar logo  
Em amargo pranto o vaõ triumpho ;  
O vencedor , o Heróe , que elles se atrevem  
A provocar , Henrique do alto Throno  
He quem vai arruinallos ; mais terrivel  
Na sua mão o Sceptre , vaticina  
Aos rebeldes a perda inevitavel ;  
Eis que já diante d'elle os Chefes todos  
Dobraõ os joelhos , todos reconhecem  
Por legitimo Rei sómente a Henrique ;  
E como se estivessem já bem certos  
Do destino da guerra , accompanhallo  
Até os dois fins da terra elles promettem.

## CANTO VI.

## A R G U M E N T O.

*Depois da morte de Henrique III., os Estados da Liga se juntaõ em Pariz para eleger hum Rei. Em quanto elles se occupaõ nas suas deliberaçoens, Henrique IV. dá hum assalto á Cidade. A Assembleia dos Estados se separa; aquelles, que a compunhaõ, vaõ combater sobre os muros. Descreve-se este combate. Appariçaõ de S. Luiz a Henrique IV.*

**U**zo antigo, e sagrado se pratica  
 Entre nós; quando a morte sobre o Throno  
 Estende o fatal golpe, e eniaõ do sangue  
 Dos Reis, cáros á Patria, toda a fonte  
 Nos ultimos canaes se há esgotado,  
 No mesmo instante o Povo aos seus primeiros  
 Direitos torna; hum Rei eleger pôde,  
 Pôde mudar as leis: os seus Estados  
 Juntos, que ficaõ sendo o orgão da França;  
 Hum supremo nomeaõ; os poderes  
 Lhe limitaõ: assim se decidira  
 Pelos nossos avós, que a Carlos Magno

No



**No Throno succedessem os Capetos**

Intenta pois a Liga audaz , e forte  
Ordenar dos Estados (a) a assemblea :  
Por hum assassinato ella suppunha  
O direito adquirir , porque pudesse  
Eleger Rei , e dar mudança ao Estado :  
Elles crião , que postos ao abrigo  
De hum Throno imaginario , assim podiaõ  
Expulsar a Bourbon mais facilmente ,  
E melhor enganar a plebe rude :  
Pensavaõ , que hum Monarcha os seus designios  
Firmaria , que á sombra d'este nome  
Taõ sagrado , seriaõ seus direitos  
Mais honestos ; que eleito injustamente ,  
Bastava para o ser ; em fim que a França  
Pertendia hum Senhor fosse qual fosse.

Correm pois para logo a hum conselho  
Com alvoroço os Chefes obstinados ,  
A quem conduz o orgulho ; eis os Lorenas ;  
Os Nemours , e não menos os furiosos  
Sacerdotes , o Embaixador de Roma ,

Jun-

(a) Como n'hum Poema Epico se attende mais á ordem do dezenho , que a Chronologia , li traduzem-se immediatos á morte de Henr. que III. os Estados de Pariz, que só se efformarão quatro annos depois.

Juntamente o de Ibéria, que caminhaõ  
Ao Louvre, onde por huma eleição nova,  
Dos nossos Reis os Manes mais illustres  
Elles vão insultar: o luxo sempre  
Mantendo-se das publicas misérias,  
Com esplendor prepara estes Estados  
Tyrannicos: alli não apparecem  
Os Senhores, e os Principes, dos nossos  
Antigos Pares nobres Successores,  
Que junto aos Reis hum tempo se sentavaõ,  
Que da França eraõ Juizes, que a apparencia  
Conservaõ do poder, que já não lograõ:  
Não vão alli dos nossos Parlamantos  
Os Sabios Deputados, que defendeaõ  
As nossas decahidas liberdades.  
Nem dos Lyrios alli já mais se observa  
O apparato ordinario; sim se admira  
O Louvre pela sua pompa estranha;  
O Legado de Roma em hum assento  
Honroso alli se mostra; junto d'elle  
A Mayenne hum docel se há erigido,  
Que cobre juntamente estas horriveis  
Palavras, que se liaõ = Reis, que a terra  
Julgais, e cujas mãos facinorosas  
Ouzaõ tudoprehender, perdoar a nada,  
A reinar vos ensine Valois morto. =

Jan-

Juntos elles , já fazem os partidos  
 E as facçoens , com que n'este lugar soem  
 Suas infernaes vozes ; o véo do erro  
 A todos cega os olhos : hum , que espera  
 Escravo ambicioso haver de Roma  
 As mercês , ao Legado se dirige ;  
 Declara diante d'elle , que he já tempo  
 De que a Thiara os Lyrios se sujeitem ;  
 De que se erga em Pariz (b) o sangulnario  
 Tribunal , (c) esse horrivel monumento  
 Do poder Monacal ; que há recebido  
 Hespanha , e que ella mesma hoje detesta ,  
 Que os Altares vindica , e que os deshonra ,  
 Que certado de chammas , e cuberto  
 De sangue opprime os homens , e os degola  
 Com hum ferro sagrado ; como se inda  
 Vivessemos n'aquelles tristes tempos ,  
 Em que a terra adorava os Deozes impios ,  
 Esses , que os mentirosos Sacerdotes ,  
 Mais cheios de crueldade , se gloriavaõ  
 De aplacar pelo sangue dos humanos.

I

Pe-

(b) A Inquisição , que os Duques de Guiza quizerão estabelecer em França.

(c) Todos os homens , que vivem n'hum paiz , onde se permite a liberdade de consciencia , declamaõ contra a Inquisição , porque os faz conter na unica , e verdadeira Religião do Christianismo. Veja-se a nota (c) do V. Canto. (Nota do Editor )

Pelo oiro Ibéro est'outro corrompido ;  
 Não duvida vender a cara Patria  
 Ao Hespanhol , que mesmo elle aborrece:  
 Mas hum Partido , em si mais poderoso ,  
 Já no Throno dos Reis ; de voz commua ,  
 Collocava a Mayenne ; inda faltava  
 Ao seu vasto poder tão grande cargo ;  
 Na esperança orgulhosa , a que atrevidos  
 Sentimentos o levaõ , a arriscada  
 Honra do grande nome de Rei era  
 A chamma devorante , que em segredo  
 O avaro coração lhe consumia.

De improvizo Potier se ergue , e demanda  
 Ser ouvido ; a rigida virtude  
 Faz a sua eloquencia ; n'estes tempos  
 Infelices , de todo corrompidos  
 Pelo crime , Potier (d) foi sempre justo ,  
 Por tanto respeitado ; muitas vezes  
 Elle se havia visto pela sua  
 Nobre constancia reprimir a grande  
 Licença escandalosa dos rebeldes ,  
 E sobre elles a antiga auctoridade

Con-

(d) Potier pediu publicamente ao Duque de Mayenne a permissão de se retirar para Henrique IV. Eu vos respeitarei toda a minha vida, como meu bemfeitor, lhe disse elle, mas não posso reconhecer-vos, como meu Soberano.

Conservando, mostrar-lhes com prudência,  
 O que era de justiça. Elle levanta  
 Por fim a voz; agitaõ-se, murmuraõ,  
 Elles o cercaõ, e ouvem; o tumulto,  
 E o rumor cessa. Assim como acontece  
 Em Náo, que os grossos mares agitarão,  
 Onde dos gritos já dos marinheiros  
 Nem o ar se altera; nem já mais se escuta;  
 Que da proa espumante o doce ruido,  
 Quando com feliz curso vai rompendo  
 O mar, que lhe he sujeito; tal se via  
 Potier dictando as suas leis mais justas,  
 E á sua voz calava-se o congresso.

= Vós destinais Mayenne (lhes diz elle)  
 Ao supremo lugar; assás comprehendo  
 Toda a vossa intençãõ, eu vos desculpo;  
 Mayenne tem virtudes, que não podem  
 Encarecer-se bem; eu o elegera,  
 Se elegello pudeisse; mas nós temos  
 Nossas leis, e este mesmo Heróe insigne;  
 Quando o imperio pertende, se accredita  
 D'elle entãõ menos digno. = Ao dizer isto,  
 Mayenne de repente vem entrando  
 Com aquelle apparato, que costuma  
 Seguir hum Soberano, sem que mude

Potier de aspecto , quando o reconhece :  
= Sim , Principe ( prossegue de hum tom cheio  
De firmeza , ) eu vos amo affás , e estimo  
Paraprehender , que a minha falla agora  
Contra vós se dirija pela França ,  
E por nós: o direito se pertende  
De eleger Rei , em vão o pretendemos ;  
A França tem Bourbons ; Deos vos há feito  
Nascer junto ao lugar , e emprego augusto ,  
Que occupar elles devem , porque o Throno  
Lhes defendesses , não porque o usurpasseis :  
Lá do feio dos mortos não tem Guiza ,  
Que pertender mais nada ; bastar deve  
A' sua cinza o sangue Soberano ;  
Se elle perdeu a vida injustamente ,  
Vingado o tem tambem outra injustiça :  
E pois o Céu mudou agora o Estado ,  
Mudai-vos vós tambem ; de todo acabem  
Com Valois juntamente as vossas iras ;  
Derramado não tem Bourbon o sangue  
De vosso irmão ; o Céu , que sempre justo  
A vós ambos amou , muito virtuosos  
Vos fez para inimigos : mas já sôa  
O publico clamor , oiço o susurro ,  
E os nomes espantosos de relapso ,  
E de herege ; de hum falso zelo eu vejo  
Que

Que enfurecidos nossos Sacerdotes ,  
Com o ferro na mão . . . . . ah ! desgraçados !  
Detende-vos ; que lei , que exemplo , ou antes  
Que furia sanguinosa roubar pôde  
Ao ungido do Senhor vossa homenagem ?  
O filho de S. Luiz feito perjuro  
Aos juramentos seus ? Elle dos nossos  
Altars vem prostrar os fundamentos ?  
Aos pés d'estes Altars instruir-se  
Elle pretende ; as leis , das quaes o imperio  
Desprezaes , elle segue , elle as abraça ;  
As virtudes honrar de qualquer Seita  
Elle sabe ; venera o vosso culto ,  
E ainda o vosso abuso ; a Deos sômente  
( Que he quem vê o que somos ) o cuidado  
De condemnar os homens elle entrega.  
Como Rei , como Pai a governar-vos  
Elle vem ; mais Christão , do que vós mesmos ,  
Vem dar-vos o perdão ; tudo com elle  
He livre , e só o não pôde ser Henrique ?  
Quem Juizes vos faz , porque direito ,  
Do vosso Rei ? vós sois infieis Pastores ,  
Indignos Cidadãos. Que mal com esses  
Christãos primeiros tendes semelhança ,  
Que desprezando todos esse Deozes  
De gesso , ou de metal , se conduziao ,

Sem

Sem murmurar , debaixo de hum tyranno ,  
Ou de hum Principe idolatra ; espiravaõ  
Sem nunca se queixarem ; antes cheios  
De golpes , sobre infames cadafalsos ,  
Os Algozes honravaõ : ah ! sô estes  
Eraõ Christaõs , eu outros não conheço ;  
Pelos seus Reis morriaõ , vós os vossos  
Affassinais ; e Deos , que quereis seja  
Implacavel , zeloso , se procura  
Vingar-se , he sô de vós , barbaros homens. =

A raõ livre discurso não ouzava  
Outro algum responder , pois pelos toques  
Mais poderosos todos se sentiaõ  
Cheios de confusão ; de balde intentãõ  
Affugentar de seus coraçõens fortes  
O temor , que nos máos causa a verdade ;  
A raiva , e o medo a hum tempo perturbavaõ  
Seus pensamentos , quando de repente  
Mil vozes até os ares impellidas  
Com hum confuso estrondo a toda a parte  
Ressoar fazem = Cidadãos às armas ,  
Ou nós fomos perdidos = as espêssas  
Nuvens , que o pó formava , do Sol claro  
No campo toda a luz tornava escura ;  
Das caixas , e clarins o som horrendo  
Em annuncio da perda , que os espera : **Taca**



Taes das grutas do Norte desatadas  
Sobre a terra as furiosas tempestades ,  
Precedidas dos ventos , e seguidas  
Do trovaó , todo o ár escurecendo  
De hum turbilhão de pó , que a vista assombra ,  
Vaõ discorrendo assim pelo Universo.

He o espantoso exercito de Henrique ,  
Que de tanto repouso já cansado ,  
E de sangue faminto forma ao longe  
Os formidaveis gritos : elle immenso  
Cobre toda a campanha , e a Pariz marcha :  
Não emprega Bourbon os seus faudaveis  
Momentos em render as ordinarias  
Honras ao Rei defuncto , em distinguir-lhe  
O sepulchro c'os titulos brilhantes ,  
Que recebem os mortos , quando o orgulho  
Dos vivos o protege ; não opprimem  
Suas mãos as ribeiras desfoladas  
Com o pezo dos Mauzoleos inuteis ,  
Pelos quaes ( a pezar da injuria certa  
Dos tempos , e da sorte ) quer dos grandes  
A vaidade triumphar da iniqua Parca ;  
Elle a Valois na habitação escura  
Outros feudos pretende enviar mais dignos  
Da sua sombra ; quer punir valente

Sete

Seus assassinos , vencer quer furioso  
Seus inimigos , té que feliz torne  
Seu Povo , quando o houver já submettido.

Ao improvizo estrondo dos assaltos ,  
Que elle dispõe , separa-se o conselho  
Dos Estados , de susto sorprendido ;  
No mesmo instante ao alto das muralhas  
Corre Mayenne ; unida a soldadesca  
Vóa a seus estendartes ; ella insulta  
A desmarcados gritos o Heróe forte ,  
Que se avança ; está prompto para o ataque  
Tudo , e tudo tambem para a defeza.

Naõ era tal Pariz lá n'esses tempos  
Calamitosos , qual em nossos dias  
Ao Francez mais feliz ella se mostra ;  
Cem fortes , que o furor , e o medo havia  
Levantado , seu circulo encerravaõ  
Em mais pequeno espaço ; seus suburbios ,  
Que hoje tão grandes são , e magestosos ,  
E que abertos a mão da paz tem sempre ,  
Para a immensa Cidade elles servindo  
De soberbas entradas , com Palacios  
Magnificos , que até ás nuvens sobem ;  
Eraõ longas Aldéas , que cingia

Huma muralha em roda, e por hum foffo  
Profundo de Pariz se separavaõ :  
Da parte do Levante sem demora  
Bourbon se avança ; e apenas elle chega ,  
A morte lhe precede ; o ferro , e o fogo  
De toda a parte vóa , dos friantes ,  
E do alto das muralhas , em fim estas ,  
Soberbas até alli com suas torres ,  
E fortificaçoens , já se desfazem ,  
Já cedem ás procellas abrazadas  
De tiros repetidos ; vem-se rotos  
Os grandes batalhoens , e destroçados ;  
Pelo campo dispersos longe d'elles  
Seus membros ; tudo aonde chega o ferro  
Cahe , e a pó-se reduz ; em fim pejeja  
Com os raios qualquer dos dois Partidos ,

Com menos arte ; ao meio dos combates  
Se avançavaõ á morte antigamente  
Os miseraveis homens ; á carnagem ;  
Não com tanto apparato , elles corriaõ ;  
Nas suas mãos o ferro ás suas iras  
Era bastante ; mas o industrioso  
Esforço dos tyrannos descendentes  
Até dos Céos o fogo têm roubado ;  
Ouviaõ-se zunir as espantosas  
Bombas , filhas que são abominaveis . Das

Das turbações de Flandes. (e) N'estes globos  
De bronze, o nitro apenas inflammado,  
Voa com a prizaõ, que o tem recluzo;  
Elle a rompe, e então sabe furiosa a morte.

Em profundas cavernas com mais arte,  
E mais barbaridade, se há sabido  
Encerrar de mil raios subterraneos,  
As chammas a incender-se sempre promptas:  
Debaixo de hum caminho muito facil  
De enganar, e por onde vaa á morte  
O soldado, que em seu valor confia:  
De repente os abyssos vem-se abertos,  
Do pó sulfureo vaõ negras torrentes  
Pelos ares dispersas, por hum novo  
Trovaõ, com batalhoens, em hum instante;  
São na terra absorbidos, e submersos:  
A taes perigos vai offercer-se  
Bourbon; he por aqui que elle deseja  
Ao seu Throno subir: os seus guerreiros  
Se expõem tambem com elle ás tempestades;  
Tem o Inferno a seus pés, e o raio ardente  
Sobre suas cabeças; mas a gloria

An-

(e) Nas guerras de Flandes, quando Filippe II. de Hespanha, he que hum Engenheiro Italiano fez uso das bombas a primeira vez.

Anda ao lado do Rei ; elles a observão ;  
E como a attendem só , sem pavor marchão .

Mornay , por entre as ondas da torrente  
Impetuosa , se avança , com hum passo  
Grave sim ; porém sempre destemido ;  
Nem capaz de furor , nem de haver susto ;  
Ao ruido dos canhões inalteravel ,  
No horror maior tranquillo ; de hum aspecto  
Insensivel , e firme : elle na guerra  
Não vê mais , que hum castigo dos horriveis  
Crimes da terra ; em fim Mornay só marcha  
( Qual Filósofo ) aonde a honra o leva ;  
Aos combates não vai , e segue a seu Amo .

Finalmente elles descem ao caminho  
Terrivel , que huma altissima explanada ;  
Tincta de sangue , faz inaccessivel ;  
He alli que o perigo suas forças  
Torna a animar ; de mortos , e fachinas  
Elles enchem os fossos ; sobre montes  
De cadaveres marchão , e se avanção ;  
Com hum precipitado curso á brexa  
Se attemeção ; do ferro sanguinoso  
Armado Henrique , e do luzente esoude  
Cuberto , elle he o primeiro , que na frente

D'ella

D'elles se arroja ; fobe , e já arvorado  
Nas suas mãos triunfantes de seus Lyrios  
Tem as bandeiras : tornão-se então cheios  
De pavor os da Liga diante d'elle ;  
Seu vencedor , e Rei bem parecia  
Respeitar. Já cedião ; mas Mayenne  
Os esforça de novo ; elle lhes mostra  
O exemplo ; ao crime torna a convocallos ;  
Seus esquadros cerrados opprimião  
Por toda a parte o Rei , de quem as vistas  
Não se atrevem fuster. A cruel Discordia  
Com elles sobre os muros se revolve  
No sangue , que por ella se derrama.  
O soldado a seu gosto combatendo  
De mais perto nos muros infelices ,  
Leva com isso a morte mais segura.

Já não se ouvem da guerra os impios raios ;  
Com que as bocas do bronze tão funestas  
O Universo affustaraõ ; hum silencio ,  
Que he filho do furor , he que succede  
Com mais horror aos écos estrondosos ;  
Com braço destemido , em ira accesos  
Os olhos , cada qual então procura  
O passo abrir por entre os inimigos.  
São repellidos ; hum contrario esforço

Faz ;

Faz , com que se restaure a alta muralha  
De sangue tincta , theatro que he da morte;  
Duvidosa a victoria tem ainda  
Nas suas fataes mãos , junto dos Lyrios ,  
De Lorena o estendarte. Os sitiantes  
Sorprendidos , por toda a parte se achão  
Destroçados ; cem vezes victoriosos ,  
Cem vezes consternados ; semelhantes  
Ao mar , que das tormentas impellido ,  
De momento em momento inunda as praias ;  
E ao mesmo tempo d'ellas se retira.

Já mais o Rei , já mais o seu illustre  
Rival foraõ taõ grandes , como n'este  
Taõ horroroso assalto. Pelo meio  
Da carnagem , e do sangue , qualquer d'elles ,  
Senhor do seu espirito , e não menos  
Do seu valor , dispõe , manda , executa ,  
Vê tudo ao mesmo tempo , e de hum só golpe  
De vista ordena os fortes movimentos.

A formidavel tropa dos Inglezes ;  
Pelo valente Essex ao duro assalto  
Conduzida , marchava a vez primeira  
Debaixo só dos nossos estendartes ,  
Admirados talvez de que servissem

Aos

Aos nossos Reis fujeitos. Elles vinhaõ  
 A honra sustentar da sua Patria,  
 Por combater ardiaõ ; e orgulhosos  
 Por dar a vida sobre os mesmos muros ;  
 N'esses mesmos lugares , onde o Sena  
 Vio reinar seus Avós em outro tempo.  
 Essex avança á brexa , onde d'Aumale  
 Combatia ; ambos moços , e briosos,  
 Cheios de igual ardor ; quaes lá nos muros  
 De Troia os Semideuses se pintavaõ.  
 De tropel seus amigos logo acodem  
 Enfanguentados todos junto a elles ;  
 Os Francezes , Inglezes , e os Lorenas ;  
 A quem une o furor , assim avançaõ ,  
 Combatem , ferem , morrem todos juntos.

Anjo , que conduzis d'elles a furia ,  
 E o braço , protector d'estes combates ,  
 Anjo exterminador , alma da guerra ,  
 De qual Heróe em fim tomais a causa ?  
 Por quem dos Céos inclina a favoravel  
 Sempre eterna balança ? Muito tempo  
 Bourbon , Mayenne , Essex , e o seu contrario ,  
 Sitiantes , e sitiados fazem huma  
 Carnagem igual ; em fim , teve vantagem  
 O Partido mais justo ; Bourbon vence ,

EL-



Elle aos seus abre o passo ; fatigados  
Os da Liga mais tempo não resistem ;  
Elles deixoão os muros , elles ficaão  
Consternados. Assim huma torrente  
Do alto dos Pyreneos se vê , que ameaça  
As Ninfas pelo valle espavoridas ;  
Os diques , que se oppoem ás suas ondas  
Procellosas , sustentão algum tempo  
O seu violento choque , porém logo ,  
Esta barreira fraca destrocada ,  
Conduz ao longe o estuendo , a morte , o espanto ;  
Arranca de passagem os mais soberbos  
Carvalhos , que os invernos insultavaão ,  
E que aos Céos se erguiaão ; ella solta  
Os rochedos das faldas das montanhas ,  
E atropella os rebanhos fugitivos ,  
Que vagaão pelos campos. Tal desfoia  
O destro Henrique , a passos apressados ;  
Dos fumegantes muros , que ganhara ;  
Tal de hum terrivel braço elle cahindo  
Sobre os rebeldes , vence na carreira  
As tropas criminosas. Com espanto  
Os Dezeseis confusos já fugiaão  
Ao braço vingador ; o medo os deixa  
Turbados , e dispersos. Em fim manda  
Mayenne abrir as portas , e seguido

Des

Dos seus foldados , elle em Pariz entra:  
Os vencedores fortes , e furiosos ,  
Com os fachos na mão , sobre os suburbios  
Enfanguentados voltaõ de repente.  
Da milicia o valor precipitado  
Se torna em raiva ; tudo entrega ao ferro ,  
Tudo á chamma , e á pilhagem. Mas Henrique  
Nada vê , que o seu voo se remonta  
Em seguir o inimigo , que fugia  
A' vista d'elle ; seu valor o eleva ,  
Sua victoria o inflamma ; os arrabaldes  
Elle deixa , elle só se avança á porta ;  
= Companheiros sobre estes altos muros  
Vinde , subí , trazei o ferro , e o fogo. =

Quando elle isto dizia , lá do centro  
De huma nuvem se mostra á sua vista  
Hum fantasma brilhante ; era seu corpo  
Cheio de magestade , os elementos  
Dominava , a Bourbon elle descia  
Sobre as azas dos ventos ; as mais vivas  
Luzes da Divindade bem mostravaõ  
As immortaes bellezas do seu rosto ;  
Seus olhos pareciaõ todos cheios  
De temura , e de horror ; = Detem-te ( grita  
Elle entaõ ) desgraçado victorioso ;

Vas

Vas entregar ás chammas , e á pilhagem  
De cem Reis teus Avós a eterna herança ?  
Roubar o teu paiz , saquear meus Temples,  
Destruir teus Thesoiros , teus vassallos  
Degolar , e reinar só sobre os mortos ?  
Derem-te = A esta voz inda mais forte,  
Que a trevaõ , o soldado se horrorisa ,  
Abraça a terra , e não atende ao saque ;  
Bourbon , cheio do ardor , que inda a peleja  
Em seu peito inflamava , igual ao Oceano ,  
Que murmura , inda quando já se aplaca ,  
= O' fatal habitante do invisível  
Mundo ( diz ) que vens tu nesta morada  
De horrores anunciar-me ? = Elle então ouviu  
Estas palavras cheias de doçura  
= Eu sou o feliz Rei , a quem respeita  
A França , dos Bourbons sou Pai , sou d'elles  
Protector ; sou Luiz , que em outro tempo ,  
Como tu , pelejei ; de quem tu sempre  
A fé em teu coração hás desprezado ;  
Luiz que te lastima , que te admira ,  
E que te ama : algum dia sobre o Throno  
Deos te há de conduzir , e tu , meu filho ,  
Em Pariz vencedor terás entrada  
Não por preço do teu valor , Henrique ,  
Mas da tua piedade. He Deos sómente

O que d'isto me instrue, e quem me envia. 21

O Heçoe, a estas palavras, de seus olhos  
Lagrimas de alegria foi vertendo;  
A paz se vê de todo haver extincto  
A ira em seu coração; elle prostrado  
Clama, suspira, adora; de hum divino  
Horror sua alma se acha penetrada;  
Tres vezes a sagrada sombra estende  
Os braços, e outras tantas se desvia  
Seu Pai, de que elle o abraçe: qual ligeira  
Nuvem, que se dissipa, pelos ventos.

De mais alto do muro formidavel;  
Entre tanto os da Liga, armados todos,  
Todo hum Povo sem numero, Estrangeiros,  
Françezes, Cidadãos, Chefes, Soldados,  
Sobre Bourbon o ferro, e a morte fazem  
Chover; brilha do Altissimo a virtude  
Sobre sua cabeça; ella he que aparta.  
A forte tempestade, em que se via,  
Dos tiros que lhe lançaõ; elle observa;  
Elle entaõ vê, de que perigo horrivel  
Chega o Pai dos Bourbons a libertallo:  
Voltando-se a Pariz com huma vista  
Triste, e tranquilla, diz = Cruéis Francezes,  
E tu, fatal Cidade, desgraçados

Ci.

Cidadãos , Povo infiel , gente cobarde ;  
Aré quando quereis fazer a guerra  
Ao vosso Rei ? E Então do mesmo modo ;  
Que o astro , auctor da luz , havendo dado  
Fim á ardente carreira , resplandece  
Nas margens do Horizonte com hum fogo  
Mais brando , e parecendo á nossa vista  
Maior , tambem parece que se auzenta  
Longe de nós ; assim longe dos muros  
De Pariz se retira o bravo Henrique ,  
Cheio feu coração do feu Rei sancto ,  
Cheio de Deos , que o illustra. Elle a Vincennes  
Marcha , aonde Luiz em outro tempo ,  
Ao pé de huma azinheira entrão sentado ,  
Ditou suas leis justas. Que mudança ,  
Morada antigamente deliciosa ,  
He esta , em que te vejo ! Tu , Vincennes ;  
Não és mais , que huma torre abominavel ,  
Huma prizaõ de Estado , hum lugar forte  
De desesperação , em que he frequente  
O cahirem do feu poder mais alto .  
Os Ministros , e os Grandes , que trovejaõ  
Sobre nossas cabeças ; que na Corte .  
Superiores são sempre ás tempestades ;  
Que vivem de opprimir , e ao mesmo tempo  
São opprimidos ; férozes , e submissos

Juntamente ; humas vezes são do Povo  
O odio , e outras o amor. Já do Occidente ;  
Em que as fombas se formão , vem a noite  
Trazer sobre Pariz seu manto escuro ,  
E esconder aos mortaes n'esta morada ,  
Toda de sangue , os mortos , e os combates  
Funestos , que há mostrado a luz do dia.

CAN:

# CANTO VII.

## ARGUMENTO.

*S. Luiz transporta a Henrique IV. em espirito ao Céu , e aos Infernos , e lhe faz ver no Palácio dos Destinos a sua posteridade , e os grandes homens , que a França deve produzir.*

**A** Clemencia infinita do Deos vivo ,  
 Que nos creou , por adoçar os males  
 D'esta vida tão curta , em nós há posto  
 Duas coizas bem uteis , que são ambas ,  
 Amaveis habitantes para sempre  
 Da terra , são arrimo nos trabalhos ,  
 Na indigencia thesoiros : Huma he o somno ;  
 Outra a esperança ; quando de opprimido  
 Em languores seu corpo fente o homem ,  
 Os orgãos sem vigor , sem resistencia ,  
 O primeiro , por huma doce calma ,  
 Vem soccorrer a afflicta natureza ,  
 E trazer-lhe hum total esquecimento  
 Das penas , que supporta : a outra anima  
 Os nossos corações ; nossos desejos  
 Ella accende ; e inda quando nos engana ,

Pra-

Prazeres verdadeiros nos dá sempre ;  
 Mas aos cáros mortaes , aos seus amados ,  
 A quem o Céu a envia , fabuloso  
 Não he o contentamento , que ella inspira ;  
 De Deos he que ella traz tanto a promessa ,  
 Como o conforto ; em fim , ella he constante ,  
 Perfeita , pura , tal qual elle mesmo.

Luiz , junto a Bourbon , chama por ambas ,  
 = Chegai-vos a meu filho ( lhes diz elle )  
 Vinde fiel parelha = Ouvio-o o sommo ;  
 Desde o retiro lá das suas grutas ,  
 Para estas sombras frescas brandamente  
 Vem marchando ; demoraõ-se em silencio  
 A' sua vista os ventos ; eis os sonhos  
 Affortunados , filhos da esperanza ,  
 Para o Principe voltaõ , e sobre elle  
 Vaõ espalhando os Loiros , e as Olivas  
 Juntamente co' as suas dormideiras.

Luiz , n'este momento , a mão lançando  
 Do seu diadema , o poema sobre a cabeça  
 Do Vencedor , e diz-lhe = Reina , e triunfa ;  
 E em tudo se meu filho ; em ti sómente  
 Se restaura da minha descendencia  
 Toda a esperanza : sim ; porém o Throne

Não



Naõ te basta , Bourbon ; dos dons sublimes  
De Luiz , o menor he o seu Imperio ;  
Heróe , Conquistador , e Rei , que importa  
Que tu sejas ? Se o Céu te não illustra ,  
Então nada te há feito ; essas mundanas  
Honras nada mais são , que hum bem esteril ;  
São da virtude fragil recompensa ,  
Perigoso relampago , que passa ,  
Hum bem de turbaçoens sempre affittido ;  
Que a morte em fim destróe ; eu quero agora  
Descubrir-te hum Imperio mais duravel ,  
Por te recompensar não tanto , como  
Por te instruir : vem , segue-me , pois deves  
Ir por novos caminhos ; vóá ao feio  
De Deos mesmo , e completa os teus destinos. =

Isto dizendo , eis que ambos , em hum carro  
De luzes , atravessão a carreira  
Dos Céos em hum momento : taes na noite  
Os raios , e os relampagos se observaõ  
Correr de hum pólo a outro , dividindo  
Os densos ares ; tal aquella nuvem  
Abrazada se eleva , que roubando  
Aos olhos de Elizeo seu grande Mestre ,  
Em hum carro de fogo o arrebara  
Longe das margens d'este nosso globo.

No

No centro refulgente d'esses orbes  
Immenfos , que esconder-nos não puderaõ  
Sua marcha , e distancias , resplandece  
O astro do dia accezo por Deos mesmo ,  
O qual , sobre seu eixo luminoso ,  
Gira ao redor de si ; d'elle procedem  
As torrentes de luz interminaveis ;  
Logo que elle se mostra , he o que dá vida  
A' materia ; elle os dias distribue ,  
As estaçoens , e os annos aos diversos  
Mundos ao redor d'elle fluctuantes ;  
Obedecendo á Lei Divina imposta ,  
Os mais astros se attrahem (a) no seu curso ;  
E sem interrupção elles se alongaõ ;  
E servindo hum ao outro já de regra ,  
Já de apoio , se emprestaõ essas mesmas  
Luzes brilhantes , que recebem d'elle.  
Da outra parte do giro , que elles fazem ;  
E longe , n'esse espaço , em que he nadante  
A materia , e que Des sômente abraça ,  
Estaõ os Sóes sem numero , estaõ Mundos  
Infinitos ; he n'este abyssmo immenso ,

Que

(a) Ou se admitta, ou não a attracção de Monsieur Newton , sempre he certo , que os globos celestes se approximaõ , e se desviaõ successivamente , parecendo , que se attrahem , e se separaõ.

Que lhe abre hum caminho. Da outra parte  
Dos Céos todos , o Deos dos Céos reside.

He ahi , que seguio o Heróe famoso  
O conductor celeste , ahi se ordenaõ  
Todos esses espiritos diversos ,  
Que povoão o mundo , e os corpos enchem ;  
Ahi depois da morte se profundaõ  
Livres já para sempre nossas almas  
Da grosseira prizaõ , em que habitavaõ ;  
Ahi junta hum Juiz incorruptivel  
A seus pés os espiritos eternos ,  
Que o seu sopro há creado. Este infinito  
Ente , he a quem se obedece , e que se ignora ;  
Com differentes nomes respeitado  
Se vê do mundo inteiro ; do alto Empyreo  
Nossos clamores ouve , e se lastima  
Da grande multidaõ de nossos erros ,  
Da ignorancia dos homens , que assim formaõ  
Com piedade figuras insensatas  
Do seu saber immenso , e inacessivel.

Junto a elle conduz a horrivel morte ;  
Filha do tempo , os habitantes todos  
D'este triste Universo ; ora os Bracmanes ,  
Ora os Bonzos , discípulos profanos

Do

Do seu grande Confucio ; ella alli leva ;  
Os que aos Persas antigos succederaõ ,  
Inda cegos sectarios , (b) bem que occultos ,  
De Zoroastre ; os moradores fracos  
D'essas frias regioens , a quem de gello  
Cercaõ , e inundaõ mares dilatados ;  
Aqueles , que da America povoaoõ  
Os denfos bosques , do invencivel erro  
Innumeraveis subditos ; o Turco  
Admirado , e com huma vista anciosa ;  
A' direita de Deos em vaõ procura  
O seu Profeta ; o Bonzo com os olhos  
Penitentes , fombrios , em vaõ chega  
A exaggerar seus votos , e tormentos.

N'hum instante illustrados esses mortos ;  
Tremendo esperaõ todos em silencio  
Huma eterna sentença ; Deos , que tudo  
Em hum momento vê , ouve , e conhece ,  
De hum golpe de olho os pune , e tambem d'outro  
Os absolve : Bourbon para o invizivel  
Throno fenaõ chegou , de donde mana  
A cada instante o Juizo de horror cheio ,  
Em que Deos pronuncia aos homens todos  
Seus

(b) Na Persia os Guebres tem Religiao á parte , e pertencem , que esta seja , a que fundou Zoroastre.

Seus eternos destinos , que em vão muitos  
 Orgulhosos, a prevenir se atrevem :  
 = Qual he ( dizia Henrique , perguntando  
 A si mesmo ) Qual he de Deos (c) sobre estes  
 A justiça suprema ? Deos castiga  
 Os homens por cerrarem tanto os olhos  
 A's luzes , que elle mesmo apartou d'elles ?  
 Como injusto senhor pôde julgallos  
 Sobre a lei dos Christãos , lei , que elles mesmos  
 Conhecer não puderao ? Não he crível ,  
 Não , Deos nos há creado , Deos a todos  
 Quer salvar , nos instrue em toda a parte :  
 Sim , e em todo o lugar elle nos falla ;  
 No coração de todos há gravado  
 A lei da natureza , essa , que he sempre  
 A mesma , e sempre pura ; he pois por ella  
 Que Deos julga os Gentios certamente ,  
 E se o coração d'estes justo há sido , (d)  
 Não se pôde negar , que Christãos foraõ.

Em

(c) O argumento, que aqui faz o A. na pessoa de Henrique IV. he bem futil. Deos não nos castiga, nem nos julga se, não conforme as luzes, que d'elle temos recebido. Aquelles, que gozaraõ do beneficio da revelação, devem ser julgados pela lei positiva: os que porém d'ella não tiveraõ conhecimento, e invencivelmente a ignoraraõ ( se isto pôde acontecer ) por aquella da natureza. ( Nota do Editor )

(d) He isto huma hypothesis nunca praticavel: porque a natureza corrupta pelo peccado original não tem forças para a observancia da lei, sem o adjutorio da graça. ( Nota do Editor )

Em tanto que do Heróe a perturbada  
 Razaõ lançava sobre hum tal mysterio  
 Huma vista indiscreta , aos pés do Throno  
 Eis que fôa huma voz ; 'o Céu se abala ,  
 Treme todo o Universo ; seus accentos  
 Eraõ quaes do trovaõ , aquelles , quando  
 Deos do Monte Sinay fallava á terra :  
 Dos immortaes o coro por ouvilla  
 Se calou , e cada astro no seu curso  
 Foi reperilla = *A' tua razaõ fraca*  
*Naõ te queiras render , Deos te há creado*  
*Para o amar , naõ para o comprehenderes ;*  
*Inda quando invizivel a teus olhos*  
*Reine em teu coraçãõ ; elle confunde*  
*A injustiça , elle o erro sim perdoa ,*  
*Naõ o que he voluntario ; os olhos abre ,*  
*O mortal , quando a sua luz te illustre. =*  
 N'este momento Henrique eis já se sente  
 De hum apressado voo arrebarar-se ,  
 E por hum turbilhão ser n'esse espaço  
 Transportado para huma informe , horrenda ,  
 Feroz habitaçaõ , do antigo Cáos  
 Imagem horrorosa , impenetravel  
 Aos raios dos seus Sóes resplandecentes ,  
 Chefes de obra das mãos do Deos Supremo ;  
 E como elle beneficos : sobre esta

Ter-

Terra horrivel, aos Anjos sempre odiosa ;  
 Não lançou Deos a prodiga semente  
 Da vida ; a morte , fim , a horrivel morte ;  
 E a confusão parece , que assentaraõ  
 Seus dominios alli : Oh que clamores !  
 Que gritos espantosos ! que torrentes  
 De fumo , e fogo ! = N'estes climas ( grita  
 Bourbon ) que monstros voaõ ! que voragens  
 De chammas a meus pés se vaõ abrindo ! =  
 São , filho , essas que vês do abyssmo as portas ;  
 Que a justiça fundou , e que habitado  
 Pelo crime se vê ; segue-me , Henrique ,  
 Que abertos estaõ sempre seus caminhos ;  
 A's portas dos Infernos (e) marchaõ logo.

A escura Inveja alli se manifesta ,  
 No olhar timida , e vesga ; sobre os loiros  
 Sua boca se vê lançar venenos ,  
 A luz ferê seus olhos , que scintillaõ  
 Nas sombras ; triste amante ella dos mortos ;  
 Os vivos aborrece ; percebendo  
 A Henrique , se desvia , e entaõ suspira.  
 Logo se vê o Orgulho , que se queixa ,

E

(e) Os Theologos não tem decidido, como artigo de fé, que o Inferno fosse no centro da terra, alguns o tem p'isto no Sol ; aqui se poem em hum globo destinado unicamente a este uso.

E se admira. Com pallido semblante  
A Fraqueza, e os olhos abaixados,  
Tyranno, que se molda com os crimes;  
E as virtudes destróe. A sanguinosa  
Ambição perturbada, e sem socego,  
Cercada está de thronos, de sepulchros,  
E de escravos. A terna Hypocrisia,  
Os olhos brandos, cheios de doçura,  
Tem no semblante o Céu, mas tem o Inferno  
Dentro em seu coração. O Zelo falso  
Suas barbaras maximas expondo;  
E por fim o Interesse então se mostra,  
Pai de todos os crimes, Pai infame.

Dos corruptos mortaes estes Tyrannos  
Impetuosos, ao verem longe a Henrique;  
Consternados se mostraõ; já mais elles  
O haviaõ visto, nem tão impia tropa  
Se avisinhou já mais a tão bella alma,  
Nutrida da virtude. Quem he este  
Mortal (diziaõ elles) conduzido  
Por este Justo, e Sancto, que aqui mesmo  
Nos vem perseguir n'esta noite eterna?

Por entre estes espiritos immundos  
O Heróe se adiantava a passos lentos

De-



Debaixo das abobedas extensas ;  
 He Luiz , quem o guia : — Céos , que vejo !  
 De Valois o assassino ! A mim presente  
 Este monstro ! Meu Pai , elle tem inda  
 O ferro parricida , que o conselho  
 Dos Deuses lhe poz na mão infame ;  
 Em tanto que em Pariz (f) os Sacerdotes  
 Impios ousão manchar c'ò seu retrato  
 Os sagrados Altares , e que a Liga  
 O invoca , Roma o exalta , aqui o Inferno ;  
 Pelos tormentos , vejo que o reprova. —

Filho ( tornou Luiz ) com mais severas |  
 Leis castigados são n'estes lugares  
 Os Principes , e os Reis ; vede esses impios ;  
 E inhumanos , que foraõ adorados  
 Em quanto vivos : sim , quanto elles eraõ  
 Mais poderosos , hoje mais se humilhaõ ;  
 N'elles castiga Deos não s'ò os delictos ,  
 Que por suas mãos impias cometeraõ ,  
 Mas aquelles tambem , que não vingaraõ ;  
 E outros , que permitiraõ. Foi a morte ,  
 Quem lhes roubou das mãos essas grandezas

Trans-

(f) O Parricida Jacques Clemente foi louvado em Roma, na Cadeira, em que se devera pronunciar a Oração fúnebre de Henrique III. Em Pariz se poz a sua imagem nos Altares junto com a Eucharistia.

Transitorias , o fústo , os vaós prazeres ,  
Esses aduladores metcenarios ,  
Cuja mais que industria complacencia  
A vista lhes turbava , porque occulta  
A verdade lhes fosse ; hoje a verdade  
Mais terriveis lhes faz os seus supplicios ;  
A seus olhos presente ella lhes mostra  
Todos os crimes ; vêde como tremem  
A' sua voz huns taes Conquistadores  
Haviços por Heróes , mas que nos olhos  
De Deos só são Tyrannos , pois flagellos  
Forão do mundo inteiro , que abrazado  
Se vio dos seus furores ; esse mesmo  
Raio , que elles vibraraõ , já se volta  
Contra elles , e os destróe ; alli prostrados  
Junto d'elles estão os negligentes ,  
Que o Throno envileceraõ , e que forão  
Fantasmas froxos. Junto aos Reis Henrique  
Os seus impios Ministros já divisa ,  
Sobre tudo os injustos Conselheiros ,  
Que avaros corruptores dos costumes ,  
E das leis , tem vendido sempre as honras  
De Themis , e de Marre , e que primeiros  
Puzeraõ sem pudôr a indignos lanços  
O preço inestimavel das virtudes  
De nossos Pais : Tambem n'estes lugares

EG

Estaes vós corações fracos , e tenros ,  
 Que entregues ás delicias , recostados  
 Sobre flores , sem fel , e sem orgulho ,  
 Sempre em ocio passastes vossos dias  
 Inuteis , e nutridos na moleza !  
 E fereis vós aos réprobos unidos ,  
 Vós , mortaes bemfeitores , vós , amantes  
 Da virtude , que só por hum momento  
 De duvida , ou fraqueza , haveis murchado  
 Os fructos de trinta annos de prudencia !  
 O generoso Henrique então não pôde  
 As lagrimas conter. Ah ! (g) Se he verdade

L

( Diz

(g) Os argumentos , com que Henrique IV. ataca n'este lugar a Eternidade das penas infernaes , pelos prazeres momentaneos da fraqueza , são desfeitos pela resposta de S. Luiz nos seguintes versos . . . . nos quais quer dizer , que se esses prazeres são culpas leves , se castigão no Purgatorio , como adverte a nota seguinte. (h) Para justificar a conduta do Eterno a respeito dos réprobos , basta lembrarmos-nos do peccado original , pelo qual nós nascemos filhos da ira por natureza , e destinados ao fogo eterno , assim como por qualquer peccado grave , que em qualquer momento se pôde commetter. Deos não castiga delictos leves com penas graves ; como he justo , elle sabe proporcionar os castigos ás culpas. Mas se o homem devia abusar da liberdade , porque lhe foi esta concedida ? Deos dando ao homem a liberdade ( e que seria o homem sem ella ? ) Constituiu-o hum ente perfeito , em cujo poder estava , ou merecer pelo seu bom uso , ou sujeitar-se a infinitas desgraças pelo abuso , que d'ella fizesse na infracção dos seus preceitos ; e eis aqui o principio da sua infelicidade. Com tudo elle julgou melhor ( diz S. Agostinho ) tirar dos males algum bem , do que não permittir mal algum no Universo. *≡ melius judicavit de malis bona facere , quam mala nulla esse permittere. ≡* E que bem não foi para o Universo a Encarnação do Verbo ? (Nota do Editor )

( Diz elle então ) que a raça dos humanos  
Se há de em chusma absorver n'esta profunda  
Habitação de horrores. Ah ! Se os dias  
De huma tão triste vida , e transitoria ,  
De hum eterno tormento sem remedio  
São seguidos , melhor não lhes seria  
Não ver já mais a luz ? Oh ! Que ditosos ,  
Se nos ventres das Máis logo espirassem ,  
Ou se este Deos ao menos tão severo ,  
O grande Deos ao homem muito livre  
Se dignasse roubar o desgraçado  
Poder de assim lhe ser desobediente !

Naõ tenhaes para vós ( Luiz lhe torna )  
Que estas victimas tristes se castiguem  
Com excesso aos seus crimes , nem que o Justo  
Deos , Creador dos humanos , se glorie  
De anniquilar das suas mãos a obra ;  
Naõ , filho , elle he infinito , e o he não menos  
Nas suas recompensas ; as vinganças  
Prodigo dos seus dons elle limita :  
Embora sobre a terra elle se pinte  
Exemplo de Tyrannos ; Pai amavel  
He , quando os filhos pune ; elle adoçando  
Sempre os raios está da vingadora  
Mão sua ; elle não sabe da fraqueza

Caf-

Castigar os momentos , nem os leves  
Passageiros prazeres , associados  
De desgosto , e de enfado , com tormentos (b)  
Como elle eternos , para sempre horriveis.

Disse , e logo ambos elles n'hum instante  
Se passam aos lugares venturosos ,  
Em que habita a innocencia. Dos Infernos  
A escuridão terrivel já não viaõ ,  
Mas sim a luz mais pura , a claridade  
Immortal : logo pois , que Henrique attende  
A' bella habitação , eis de improvisó  
Sente , ao vêlla , espalhar-se na sua alma  
Huma estranha alegria ; alli os cuidados ,  
As paixões , não se vê que turbar possão  
Os corações ; alli tranquillo o gosto  
As doçuras derrama. N'estes climas  
Sentem todos , Amor , o teu imperio ;  
Não porém esse amor , que infausto inspira  
A moleza , mas sim Divina chamma ,  
Fogo sancto , e sagrado , casto filho  
Dos Céos , que sobre a terra inda se ignora ;  
D'elle só para sempre se enchem todos  
Os corações , que sem cessar desejão ,

L 2

E

(b) He facil , e se deve entender por este lugar , as culpas  
veniaes , e o Purgatorio.

E gozão sem cessar , e que possuem  
Sem pezares o gosto , sem languores  
O repouso : alli vivem , alli reinaõ  
Os bons Reis , que as idades produzirão ;  
Os perfeitos Heróes , os verdadeiros  
Sabios ; alli se vê n'hum Throno de oiro  
Carlos Magno , e Clovis , velando sempre  
Sobre o Imperio dos Lyrios ; os maiores  
Inimigos , os fortes adversarios  
Reunidos todos como irmãos se portaõ :  
O sabio Luiz doze (1) entre os Monarchas  
Como cedro se eleva , e as leis dispende :  
Quando a nossos Avós o Céu propicio  
Este Rei concedeu , fez que a Justiça  
Sobre o Throno com elle se sentasse ;  
Muitas vezes perdoou , dominou sempre  
Os coraçoes ; dos olhos do seu Povo  
Elle o pranto enxugou. D'Amboise (2) he aquelle,  
Que a seus pés se divisa , fiel Ministro ,  
Quem só amou a França , e quem só d'ella  
Foi summamente amado ; amigo terno  
Do seu Rei , e que na alta dignidade  
Suas mãos não manchara com rapinas ,

Nem

(1) Luiz XII, he o unico Rei, que se appellidou Pai do Povo.  
(2) Jorge d'Amboise foi justamente estimado da França,  
e do Rei ; porque igualmente os amava a ambos.

**Nem com sangue. Que bellos dias esses !  
Que costumes ! Que tempo perduravel  
Para a memoria ! O Povo era ditoso ,  
Cheio de gloria o Rei , os doces fructos  
De suas sabias leis gostavaõ todos ;  
Reinando outro Luiz , tornai ó tempos !**

Mais distantes estão esses guerreiros ;  
Que a vida desprezaram inflamados  
Do seu dever , e não da sua fúria ;  
Cliffon , (m) Montmorenci , (n) de Foix , (o)  
( Trimouille , (p) )  
Guesclin (q) o destruidor , e ao mesmo tempo  
O vingador dos Reis , Bayard (r) virtuoso ,  
E vós brava Amazona , (s) dos Ingleses

(m) Clifson (o Condestavel) no reinado de Carlos V.

(n) (Montmorenci) São infinitos os serviços, que esta casa tem feito ao Estado.

(o) De Foix ( Gaftão ) Duque de Nemours , sobrinho de Luiz XII. foi morto na celebre batalha de Ravenna , que elle tinha ganhado.

(p) Gui de la Trimouille appellidado o valente he, quem aqui se teve em vista.

(9) O Condestavel do Guefclin, salvou a França no reinado de Carlos V., conquistou Hespanha, e collocou Henrique de Transimara sobre o Throno de Pedro cruel, razaõ porque foi ao mesmo tempo Condestavel de Castella.

(r) Bayard ( Pedro du Terrail ) chamado o Cavalleiro sem medo, e sem nota. Elle armou Francisco I. Cavalleiro na batalha de Marignan, e foi morto em 1523. na retirada de Rebec em Italia.

(f) Joanna de Arco conhecida pelo nome de Donzella d'Orleans.

A vergonha , do throno o apoio firme.

Os Heróes ( diz Luiz ) que aqui estás vendo  
Nos Céos , tem , como tu , da terra os olhos  
Apartados ; amavel lhes foi sempre ,  
Como a ti , a virtude ; mas da Igreja  
Elles bons filhos sua Mãi prezaraõ ;  
D'elles o coraçãõ simples , e docil ,  
Estimava a vêrdeade , em fim seu Culto  
Era o meu , que tu sem razãõ deixaste.

Dizendo enternecido estas palavras ,  
Se apresenta o Palacio dos Destinos  
Diantê d'elle ; elle faz marchar Henrique  
A estes muros sagrados , e cem portas  
De bronze ás suas vistas entãõ se abrem.

Com hum vóo insensivel diligente  
O tempo sem cessar já se retira ,  
Já volta a este Palacio portentoso ,  
E dahi sobre a terra elle ás mães chéias  
Lança os bens , lança os males, que aos humanos  
Se destinaõ ; sobre hum Alzar de ferro  
Hum livro mysterioso do futuro  
Toda a historia contém irrevogavel :  
A mãõ do Eterno nelle há signalado

Nes



Nossos desejos , nossas sempre tristes  
Afflicções , nossos fracos , vaós prazeres ;  
A liberdade alli se vê captiva  
Por inviziveis laços prisioneira ;  
Debaixo de hum desconhecido jugo ;  
Que ninguem quebrar póde , fugeitalla  
Sabe o Supremo , sem que a tyrannize ;  
A's Leis Divinas tanto mais ligada ,  
Quanto a sua cadeia he para sempre  
A seus olhos oçulta ; submettida ,  
He por sua eleição inda assim mesmo  
Quanto ella faz , e muitas vezes pensa  
Dar as leis , e preceitos aos destinos.

Cáro filho , he d'alli ( Luiz lhe adverte )  
Que a graça faz sentir aos homens todos  
Seu favor efficaz ; d'estes lugares  
Sagrados algum dia partir deve  
O raio vencedor ; esse , que abraze  
Teu forte coração ; mas tu não podes  
Differir , apressar ; nem menos , filho ,  
Conhecer os momentos estimaveis ,  
De que he Deos só Senhor. Mas quanto longe  
Inda os tempos estão ! Esses ditosos  
Tempos , em que ferás tu numerado  
Entre os filhos de Deos ! O' quantas debes

Pas

Passar inda fraquezas vergonhosas !  
Quanto tens de andar inda nos caminhos  
Do engano ! Eterno Deos , os dias d'este  
Grande Rei diminue , pois são dias ,  
Quando de ti o apartaõ , desgraçados.

●

Mas que turba se apressa n'estas vastas  
Estancias ? sem cessar a todo o instante  
Ella entra , e sahe. Vós vedes ( Luiz responde )  
Meu filho , n'esta habitação sagrada  
Os retractos dos homens , que algum dia  
Devem nascer. Dos seculos futuros  
Estas vivas imagens representaõ  
Os lugares unidos , as idades  
Adiantadas ; dos homens certamente  
Os dias todos , inda que contados  
Antes dos tempos , são ( ó filho ) aos olhos  
De Deos sempre presentes. O destino  
Aqui signala o instante , em que elles devem  
Nascer no mundo ; de huns o abatimento ,  
A grandeza dos outros , as diversas  
Mudanças á fortuna vinculadas ,  
Seus vicios , ou virtudes , suas mortes:

Chegue-mo-nos ; o Céu te há permittido  
O conhecer os Reis , e Heróes , que hum dia  
De

De ti hão de nascer : esse primeiro  
 Que apparece, he teu filho augusto , aquelle ;  
 Que há de bem sustentar por muito tempo  
 Toda a gloria dos Lyrios ; sim , do Belgae ,  
 E do Ibéro o verá triunfante o mundo ,  
 Mas nunca igual ao Pai , nem a feu filho.

Descobre Henrique entãõ por entre as flores  
 De Lys dois homens cheios de arrogancia  
 Junto ao Throno sentados ; tem debaixo  
 De seus pés todo hum Povo atado , e prezo ;  
 Da Purpura Romana revestidos  
 São ambos ; elles guardas , e soldados  
 Tem á roda de si. Henrique atrende-os  
 Como a Reis. Não te enganas ( Luiz prosegue )  
 Elles o são sem terem já mais d'isso  
 O titulo. Do Principe , e do Estado  
 Ambos arbitros são , Richelieu esse ,  
 Est'outro Mazarin , Ministros ambos  
 Immortaes , até o Throno conduzidos  
 Da sombra dos Altares ; da fortuna  
 Filhos , e da politica ; são elles ,  
 Os que ao poder dispotico marchando  
 Iraõ a grandes passos ; será grande  
 Richelieu , e sublime , ao mesmo tempo  
 Inimigo implacavel : recto , e brando

Ma-

Mazarin , mas amigo perigoso ;  
 Hum com arte fugindo , (t) cede ao fôrto  
 Da tormenta ; outro ás ondas irritadas  
 Oppoem todas as forças ; inimigos  
 Declarados dos Principes famosos  
 Do meu sangue , do Povo aborrecidos ;  
 E admirados ; em fim , pela violencia ,  
 E pela industria aos Reis seus Amos ateis ,  
 Quando á Patria crueis . O' tu , que és menos  
 Poderoso do que elles , menos vasto  
 Nos teus designios ; tu , que no segundo  
 Lugar és o primeiro entre os humanos ;  
 Colbert , (u) sobre teus passos a ditosa  
 Abundancia , dos teus trabalhos filha ,  
 Toda a França enriquece ; tu , de hum Povo ,  
 Ardente em te ultrajar , bemfeitor sempre ,  
 Com fazello feliz he que te vingas ;  
 Similhante ao Heróe , ao confidente  
 De Deos , o qual a preço das blasfemias ,  
 Nutrio sempre os Hebreos , inda que ingratos .  
Que

(t) O Cardeal Mazarin foi obrigado a sahir do Reino em 1651. contra a vontade da Rainha Regente, a quem elle governava: mas o Cardeal Rechelieu se conservou sempre, a pesar dos seus inimigos, e do mesmo Rei, que estava d'elle desgostoso.

(u) O Povo, esse monstro feroz, e cego, detestava o grande Colbert até o ponto de querer desenterrar o seu corpo; porém a voz das gentes cordatas, que prevê ao longe, tem feito a sua memoria para sempre amavel, e cheia de respeito.

Que pomposo montão de escravos vejo  
 De joelhos aos pés de hum Rei , (x) que a todos  
 Faz tremer ! Que respeito ! Que honras ! Nunca  
 Rei algum costumou já mais na França  
 A tão grande obediencia os seus vassallos :  
 Eu o vejo animado pela gloria ,  
 Como vós , e melhor obedecido ,  
 Mais temido , e talvez menos amado :  
 Eu o vejo provando mui diversas  
 Fortunas , nas empresas sempre forte ;  
 Constante nas desgraças , desprezando  
 Tanto esforço violento , com que o investem  
 Vinte Povos ligados ; admiravel  
 Na sua vida , mas maior na morte :  
 Seculo de Luiz afortunado !  
 Seculo , que promette a natureza  
 Encher dos dons melhores sem medida ;  
 Es tu , que as boas artes pela França  
 Vás levar : tudo vai daqui em diante  
 Sobre ti dirigir as suas vistas ;  
 As Musas para sempre o seu imperio  
 Alli firmão ; entrão se anima a teia ,  
 E o marmore respira. Oh quantos sabios  
 Eu veja , que alli juntos (y) nos excelsos

Luiz

(x) Luiz XIV.

(y) A Academia das Sciencias , cujas memorias são estimadas de toda a Europa.

Lugares o Universo estão medindo ,  
E lendo pelos Céos ! Na escura noite  
Levaõ a luz , e entaõ da natureza  
Penetraõ todo o fundo ; á vista d'elles  
O erro presumido se desterra ,  
A duvida os conduz para a verdade :  
E tu , filha do Céu , tu , poderosa  
Harmonia , das artes a admiravel ,  
Que a Grecia , e Italia illustras , teu estylo  
Encantador eu oiço em toda a parte ,  
E os teus sons soberanos , que dominaõ  
O coração , e ouvido. Vós Francezes ,  
Quando venceis , cantaes vossas conquistas ;  
Já mais haverão loiros , que não cubraõ  
Vossas cabeças ; sim , eu n'estes climas  
Vejo hum Povo de Heróes , que vai nascendo ;  
Eu vejo os Bourbons todos , que se apressaõ  
Aos combates ; por entre horrendos fogos  
Vejo vir a Condé , (z) Condé valente  
Já o terror , já o apoio de seu Amo.  
Turenna de Condé rival augusto ,

Me-

(z) Luiz de Bourbon, chamado communmente o grande Condé, e Henrique Visconde de Turenna, são respeitados como os maiores Capitaens do seu tempo. Ambos ganharaõ grandes victorias, e adquiriraõ gloria ainda mesmo nas suas derrotas. O genio do Principe de Condé parecia, segundo se tem diõto, mais proprio para hum dia de batalha, e o de Monsieur de Turenna para toda huma campanha.

Menos brilhante fim , porém mais sabio ;  
 E ao menos seu igual. Por huma rara  
 União Catinat (aa) junta os talentos  
 De guerreiro ás virtudes de prudente.  
 Este que assim sustenta os nossos muros  
 Com seu braço he Vauban ; (bb) he das virtudes  
 E das artes o amigo. Esse invencivel  
 Na guerra , se na Corte desgraçado ,  
 He Luxembourg , (cc) que faz tremer o Imperio ;  
 E a Inglaterra dá susto. Em Denaia vede  
 O attrevido Villars , (dd) que assim ás Aguias  
 Dos Cezares disputa o trovaão forte ,

A-

(aa) O Marechal de Catinat ganhou as batalhas de Sra-fard , e de Marfaille , e obdeceu depois como subalterno ao Marechal de Villeroi , que lhe enviava as ordens sem o consultar. Deixou voluntariamente o commando , não se queixou nunca de ninguem , nem pediu nada ao Rei , morrendo como Philosofo em huma pequena casa de campo.

(bb) O Marechal de Vauban foi o maior Engenheiro , que tem havido ; fortificou , segundo o seu methodo , 300 Praças antigas ; edificou 33 de novo ; conduzio 53 sitios ; e achou-se em 140 acçoens. Era socio da Academia das Sciencias , e a honrou mais , que nenhum outro , fazendo servir as Mathematicas em a vantagem da sua Patria.

(cc) Francisco Henrique de Montmorenci , que tomou o nome de Luxembourg , Marechal de França , Duque , e Par ; ganhou a batalha de Cassel debaixo das ordens de Monsieur irmão de Luiz XIV. , e alcançou como Chefe as famosas victorias de Mons , de Fleurus , de Steinkerke , e de Nerwinde. Conquistou Provincias ao Rei , e sendo prezo na Bastilha , recebeu mil desgostos dos Ministros.

(dd) O Marechal Duque de Villars ganhou a batalha de Fredlingue , e a do primeiro Hochts , depois deu a famosa de Malplaquet , na qual morteraão vinte mil inimigos , e só se perdeu depois do Marechal ser ferido. Em 1712 derrotou em Denain ao Principe Eugento.

Arbitro em fim da paz , que segue logo  
 A' victoria , do Rei digna columna ,  
 Digno rival de Eugenio. Que mancebo (ee)  
 Principe he este , em quem a Magestade  
 Sobre seu rosto amavel resplandece  
~~Seu~~ fereza ? De hum olho de indifferença  
 Elle respeita o Throno. O' Céos ! Que noite  
 Repentina a meus olhos pois o cerca !  
 A morte em torno d'elle sem demora  
 Voa , e corre ; elle cahe aos pés do Throno  
 Já proximo a occupallo. Vós , meu filho ,  
 Estaes vendo o mais justo dos Francezes ,  
 Que os Céos do vosso sangue magestoso  
 Formaraõ. Grande Deos , vós aos humanos  
 Só daes a ver a flor tão passageira ,  
 Obra das vossas mãos ! Que não emprenhe  
 Ah ! esta alma virtuosa ? A França toda  
 O' quanto feliz he em seu reinado !  
 Elle entretem a paz , nutre a abundancia ;  
 Seus dias conta pelos beneficios ,  
 Ama o seu Povo em fim. O' dias cheios  
 De susto , e de temor ! Que triste pranto  
 Os Francezes inunda , quando admiraõ ,  
 Debaixo de huma mesma campa juntos ,  
 O conforto , e a mulher , a Mãi , e o filho !

Hum

(ee) O Duque de Borgonha falecido,



Hum fraco ramo (ff) sahe d'entre as ruínas  
D'esta arvore fecunda dissipada  
Pelas suas raizes ; ao sepulchro  
Os filhos de Luiz descidos deixão  
A' França hum só Monarcha inda no berço ;  
Fragil , doce esperança de hum Estado  
Vacilante. Mas tu , Fleury prudente ,  
Vigiarás a sua tenra infancia ,  
Serve de guia aos seus primeiros passos ;  
Cultiva á tua vista do mais puro  
Do meu sangue o deposito precioso :  
Soberano que elle he , a conhecer-se  
Tu lhe ensina ; que saiba como he homem  
Em se vendo que he Rei , que sendo amado  
De seus subditos , seja aos olhos d'elles  
Taõ bem caro ; que aprenda , que he nascido ;  
E que he Rei só para elles ; torna , ó França ;  
Torna á tua primeira Magestade  
Com hum tal Rei ; destróe a triste noite ,  
Que a tua luz cubria ; as artes promptas  
A fugirem te vem coroar de novo  
Com suas uteis mãos ; já se pergunta  
Nas profundas cavernas o Oceano ,  
Que he dos teus pavilhoens , que tremolavaõ  
Sobre as ondas ? Do Nilo , sim , do Euxino ,

Da

(ff) Este Poema foi composto na menor idade de Luiz XV.

Da Índia , e dos seus portos o commercio  
Te chama , e te descobre os seus thesoiros ;  
Mantem a paz , e a ordem , sem que busques  
As victorias ; com tanto que te faças  
Arbitra das Naçoens , he mui bastante ,  
O' França , á tua gloria ; o feres d'ellas  
Terror , e espanto , muito te há custado.]

Junto a este Rei moço já se avança  
Com esplendor o Heróe , (gg) que assim de longe  
A calumnia persegue ; não he fraco ,  
Facil , ardente sim , cheio de genio ,  
Muito dado aos prazeres , muito amigo  
De novidades , elle revolvendo  
O Universo do feio dos deleites ,  
Por artificios novos , com bem destreza  
Politica suspensa tem a Europa ,  
Dividida , e tranquilla ; esclarecidas  
As artes são por sua vigilancia ;  
Nascido para todos os empregos ,  
Tem todos os talentos , os de hum Chefe ,  
De hum soldado , de hum cidadão perfeito ,  
E de hum Rei magestoso ; elle , meu filho ,  
Não he Rei , mas ensina a fello a todos :

Em

(gg) Verdadeiro retratto de Philippe Duque d'Orleans, Regente do Reino.

Em huma tempestade então no meio  
 Dos relampagos vê-se ao ár erguido  
 O estendarte da França ; diante d'elle  
 De Hespanhões huma tropa bellicosa  
 Das Aguias dos Germanos destroçava  
 A soberba cabeça. O' Pai ! Que novo  
 Espectaculo he este ? Tudo muda  
 ( Diz Luiz ) tudo tem seu fim na terra ;  
 Adoremos do Altissimo a escondida  
 Sciencia : do poderoso Carlos Quinto  
 A raça se encurtou ; a Hespanha agora  
 Nos vem pedir os Reis : he hum dos nossos  
 Sobrinhos , que lhes vai dar leis. Filippe . . . .  
 A este objecto Henrique fica preso  
 Na doce suspensão , e nos transportes  
 Da alegria ; modéra ( Luiz prosegue )  
 O' filho , esse primeiro movimento ,  
 Grandes successos deves temer inda ;  
 Do seio de Pariz se hoje recebe  
 Madrid hum Rei , talvez que perigosa  
 Esta honra a ambos seja. O' Reis , que vindes  
 Do meu sangue ! O' Filippes ! O' meus filhos !  
 França , Hespanha , ó pudesse para sempre  
 Ver-vos eu congrassadas ! Até quando (bb)

M

In-

(bb) No tempo , em que isto se escreveu , o ramo de França ,  
 e o de Hespanha estavam desunidos.

Infelices politicos os factos  
Accendereis das publicas discordias ?

Assim fallou : Henrique de improviso  
Não vio mais , do que hum vaõ ajuntamento  
De mil coizas confuzas ; eis as portas  
Do Templo dos Destinos se fecharão ,  
E dos Céos as abobedas luzentes  
Da sua vista logo se esconderão.

Com a face vermelha a Aurora em tanto  
O Palacio do Sol no Oriente abria ;  
A noite a outros lugares os escuros  
Véos levava ; indo já de volta , os sonhos  
Fugião com as sombras. Despertando  
O Heróe , entra a sentir dentro em seu peito  
Estranha , e nova força , ardor Divino :  
Susto , e respeito o seu olhar inspira ;  
Deos a seu rosto encherá de huma sancta  
Magestade ; bem como lá no Monte  
Sinay se vio , que o vingador dos Povos  
De Israel , tendo o Eterno consultado ,  
A seus pés os Hebreos depois por terra  
Cahidos , não puderaõ de seus olhos  
Supportar a brilhante claridade.

CAN-

# CANTO VIII.

## ARGUMENTO.

*O Conde de Egmont vem da parte do Rei de Hespanha socorrer a Mayenne, e os da Liga. Batalha de Ivry, na qual Mayenne foi destruido, e Egmont morto. Valor, e clemencia de Henrique o Grande.*

**A** Confusa Assembléa dos Estados  
Em Pariz tinha já perdido o orgulho,  
De que ella blazonava; só ao nome  
De Henrique amedrontados os da Liga,  
Parecia esquecerem-se do intento  
De fazerem hum Rei; ninguém podia  
Deter-lhes o furor, inda que incerto,  
E nunca se atrevento a dar a Coroa,  
Nem tiralla a Mayenne, por Decretos  
Vergonhosos, e vis, lhe confirmaraõ  
Cargo, e poder, que a si elle arrogara.

Este lugar Tenente sem ter Chefe, (a)

M 2

Sem

(a) Elle se fez declarar pelo Parlamento, que lhe era af,

Sem diadema este Rei , tem hum partido ;  
 Que o poder lhe confere affás supremo :  
 Eis de hum Povo obediente já se acclama  
 Defensor , e esse mesmo Povo jura  
 Por elle combater , morrer por elle.  
 De huma nova esperança lisonjeado  
 Chama a Conselho os Chefes orgulhosos ;  
 Vingadores , que são da sua causa ,  
 Os Lorenas , (b) Nemours , (c) Canillac ;  
 ( Châtre , (d) )  
 Brissac , (e) S. Paulo , (f) e o inconstante  
 ( Joyeuse ; (g) )  
 Elles vem : a fereza , o orgulho , a ira ,  
 A desesperação em seus semblantes  
 Se deixaraõ pintar. Alguns tremendo ,  
 Seus passos parecia , que levavaõ  
 Enfraquecidos pelo muito sangue ,  
 No estrago dos combates derramado :

Mas

feitoado , lugar Tenente General do Estado , e Reino de França.

(b) O Cavalheiro d'Aumale, em que já se fallou , e seu irmão o Duque, eraõ da casa de Lorena.

(c) Carlos Manoel, Duque de Nemours , irmão uterino do Duque de Mayenne.

(d) Châtre era hum dos Marechaes da Liga.

(e) Brissac tinha abraçado o Partido da Liga estimulado de Henrique III. haver d'isto , que elle não era bom , nem para a terra , nem para o mar.

(f) S. Paulo , soldado de fortuna feito Marechal pelo Duque de Mayenne.

(g) Joyeuse he o mesmo , de quem se fallou no Canto IV.

Mas esse mesmo sangue, esses combates ;  
Suas feridas, são os que os excitão  
A vingarem também suas injurias :  
Todos se vem dispôr junto a Mayenne ;  
Com o ferro na mão todos lhe juraõ  
Vingança. Tal se vio no alto do Olympo ;  
Nos campos da Thessalia a tropa impia  
D'esses filhos da Terra amontoando  
Rochedos, e com loucas esperanças  
Pertender insensata com ameaços  
Subir aos Céos, a desthronar os Deoses.

Huma nuvem rompendo de improvizo  
A Discórdia, em hum carro luminoso  
Se lhe apresenta : = Animo Francezes  
( Lhes diz ella ) o soccorro he já chegado ;  
Cidadãos he agora, que he preciso  
Ou vencer, ou morrer. = Então d'Aumale  
He o primeiro, que a tal noticia se ergue ;  
Elle corre, e diviza ao longe virem  
As lanças Hespanholas ; elle grita  
= Eis-aquí o soccorro há tanto tempo  
Por nós pedido, e sempre demorado.  
Amigos, a Austria em fim há soccorrido  
A França = Assim fallou : eis já Mayenne  
Se avança ás portas ; o soccorro nobre

Ap-

Apparecia então n'esses lugares  
 Respeitosos , que aos tumultos egregios  
 Dos nossos Reis a morte há consagrado :  
 Das armas scintillantes o conjuncto  
 Formidavel , o ferro reluzente ,  
 O ouro , a prata , as lanças que brilhavaõ ,  
 Os Cascos , os Arnezes , e o pomposo  
 Apparato nos campos defazião  
 Do Sol os mesmos raios : corre em chusma  
 O Povo todo alegre a recebello ;  
 Daõ mil vivas ao Chefe portentoso ,  
 Que Madrid lhes envia : era este o bravo  
 Mancebo Egmont , (b) guerreiro que foi sempre  
 Obstinado , ambicioso , e injusto filho  
 De hum desgraçado Pai ; nos altos muros  
 De Bruxellas a vida há recebido ;  
 Seu Pai , a quem cegou o amor da Patria ,  
 Morreu constante sobre o cadafalso ;  
 Por querer defender vossos direitos ,  
 Infelices Flamengos , opprimidos  
 Dos vossos Reis ; o filho vós o vistes  
 Hum froxo cortezaõ , hum temerario

Guer-

(b) O Conde de Egmont, filho do Almirante de Egmont, que foi degolado em Bruxellas com o Principe de Horn. O filho havendo ficado no Partido de Filippe II., Rei de Hespanha, foi enviado em soccorro do Duque de Mayenne na testa de 1800 homens.



Guerreiro a mão beijar por muito tempo ;  
 A mão , que perecer seu Pai fizera ;  
 Do seu Paiz aos damnos há servido ,  
 Perseguiu a Bruxellas , e em soccorro  
 Hoje vem de Pariz. Philippe o envia  
 Como hum Deos tutelar ; elle , e Mayenne ;  
 Crêraõ levar de volta às tendas regias  
 De Henrique o assombro , as iras , e a carnagem.  
 O temerario orgulho acompanhava  
 Seus passos. Grande Rei , com que alegria  
 Não apressavas tu o doce instante  
 De hum combate , onde todos os destinos  
 Do triste Estado unidos já se viaõ !

Junto às margens do Iton , (1) e das ribeiras  
 Do Euro , hum campo há feliz , que fora sempre  
 O amor da natureza : a guerra havia  
 Reverenciado há tempos os thesoiros ,  
 Com que estas margens bellas adornavaõ  
 Os Zefiros , e Flora : alli os Pastores  
 Os seus dias passavaõ bem tranquilllos ,  
 No meio dos horrores das discordias ;  
 Pelo Céu protegidos , satisfeitos  
 De serem pobres , elles pareciaõ

Def-

(1) Em huma planice entre o Iton , e o Euro foi , que se deu a batalha de Ivry em 14 de Março de 1590.

Desprezar dos foldados a cobiça ;  
Debaixo das cabanas defendidos  
Dos fustos , não ouviaõ dos tambores ,  
Nem das armas o ruido. A estes lugares  
Chegaõ pois os dois Campos inimigos ;  
Marcha a defolação diante d'elles  
Por toda a parte : as aguas do Iton , e do Euro  
Se espantaraõ ; nos bosques já se occulta  
Cheia de horror a tropa dos Pastores  
Juntamente co' as tristes companheiras ,  
Em seus braços os filhos soluçando.

Afflictos habitantes d'estas margens  
Cheias de espanto , ao vosso Rei ao menos  
Essas , que assim verteis lagrimas tristes  
Não queiraes imputar : elle se busca  
Os combates , a paz busca fômente :  
Povos , a sua mão mil beneficios  
Hade em vós derramar ; os vossos males  
Finalizar pertende ; elle vos ama ,  
De vós se compadece , n'este dia  
Espantoso peleja por vós mesmos.

Sabe Henrique prezar quaesquer instantes ;  
A toda a parte corre sobre hum bruto  
Fogoso , mais ligeiro do que os ventos ,

Que

Que soberbo do pezo , que em si leva ;  
 Ferindo com as mãos a terra , e o campo ;  
 Desafia os perigos , chama a guerra.  
 Viaõ-se junto d'elle os valerosos  
 Companheiros , que são da sua gloria ,  
 Cingidos de seus loiros ; d'Aumont (l) forte ;  
 Que debaixo do mando militado  
 Tinha de cinco Reis ; Biron (m) Graõ Mestre ;  
 Cujo nome bastava a dar espanto ;  
 Carlos (n) seu filho , moço ardente ainda ;  
 Impetuoso , que foi depois . . . mas elle  
 Tinha então mais virtude. Alli se achavaõ

Sul-

(l) Joaõ d'Aumont, Marechal de França, que obrôu maravilhas na batalha de Ivry, era filho de Pedro d'Aumont, Gentil homem da Camara, e de Francisca de Sully, herdeira d'esta antiga Casa. Elle servio os Reis Henrique II Francisco II, Carlos IX, Henrique III, e IV.

(m) Henrique de Gontaud de Biron, Marechal de França, Graõ Mestre da Auxilharia, era hum grande homem de guerra. Commandava em Ivry o corpo da reserva, e concorreu para o vencimento da batalha acceimmentando com resolução ao inimigo. Elle disse a Henrique o Grande, depois da victoria = Senhor, vós fizestes, o que devia fazer Biron, e Biron o que devia fazer o Rei = Morreu de hum tiro de canhão no sitio de Epernay em 1592.

(n) Carlos Gontaud de Biron, Marechal, Duque, e Par, filho do precedente, conspirou depois contra Henrique IV. e foi degolado na Bastilha em 1602.

Sully (o), Nangis (p), Grillon (q), todos do crime  
 Inimigos, a quem derrota a Liga,  
 Quando mesmo os estima. O valeroso  
 Turenna (r), que depois do Graó Ducado  
 De Bouillon mereceu ter o dominio  
 Em Sédan; infeliz dominio, logo  
 Que creado, destruido por Armando:  
 Essex com esplendor no meio d'elles  
 Se deixa ver, tal como nas florestas  
 A undulante Palmeira aos nossos Olmos  
 Mais frondosos unindo a sua altura,  
 Mostra emsoberbecer-se, só pela ázua  
 Estranha, com que se ergue: scintillava  
 O seu Casco c'os fogos mais luzentes,  
 Onde o oiro, e os diamantes á porfia  
 Se expunhaõ, cáros dons, prendas preciosas;  
 Com que a sua Rainha havia honrado

Seu

(o) Rony depois Duque de Sully, Superintendente das Finanças, Graó Mestre da Artilharia, feito Marechal de França, depois da morte de Henrique IV, recebeu sette feridas na batalha de Ivry.

(p) Nangis, homem de hum grande merecimento, e de humã verdadeira virtude, aconselhou a Henrique III. de não fazer assassinar o Duque de Guiza, mas de ter o valor de o julgar segundo as leis.

(q) Grillon, chamado o Bravo, offereceu-se a Henrique III. de combater contra o Duque de Guiza.

(r) Henrique, Visconde de Turenna, casou com a Princeza de Sédan, mas seu filho Frederico, Duque de Bouillon, havendo entrado na conjuração contra Luiz XIII, ou melhor contra o Cardeal Richelieu, para haver de salvar a vida, largou a Sédan.

Seu valor , ou talvez sua ternura,  
 Vós , ambicioso Essex , ao mesmo tempo  
 Sois da vossa Rainha o amor mais grato ,  
 E a columna dos Reis. Mais longe distão  
 Clermont (f) , Trimouille (t) , e o infeliz de  
 ( Nesse , )  
 Feuquieres , e o ditoso Lefdiguieres (u) ;  
 D'Ailly , aquelle , a quem foi este dia  
 Dia funesto. Todos estes fortes  
 Heróes juntos aguardaão tão somente ,  
 Que o signal se lhes dê ; do Rei ao lado ,  
 Lem no seu rosto de hum triumpho certo  
 A esperança , e o presagio venturoso.

Mayenne em tanto inquieto , consternado ,  
 D'entro em seu coração , cheio de sustos ,  
 Busca em vão a virtude ; seja que elle  
 A injustiça prevê do seu Partido ,  
 E não crê , que propicio o Céu se mostre  
 A's suas armas ; seja com effeito ,  
 Que em su' alma os presentimentos tope

Pre-

(f) Balfae de Clermont morreu na batalha de Ivry.

(t) Claudio, Duque da Trimouille, achou-se na batalha de Ivry. Feuquieres, e de Nesse Capitães de 50 homens, ali foram mortos também.

(u) Nunca homem algum mereceu melhor o titulo de feliz, que Lefdiguieres, pois começando por simples soldado chegou a Condestavel no reinado de Luiz XIII.

Precursores dos grandes infortunios :  
Como Heróe quiz porém Senhor fazer-se  
D'esta sua fraqueza ; disfarçava  
A sua turbação debaixo de huma  
Alegria apparente ; elle se excita ,  
Elle se apressa , e inspira aos seus guerreiros  
A esperança , de que elle mesmo he falto.

Junto a elle d'Egmont cheio da activa  
Confiança , que em hum juvenil peito  
Faz nascer a imprudencia , já impaciente  
De exercitar o seu valor egregio ,  
A demora accusava de Mayenne.  
Irresoluto. Tal o bom Ginete ,  
Do centro de hum vergel delicioso ,  
Nos campos lá da Thrácia apenas ouve  
Soar o clarim forte , que lhe excita  
O valor , quando logo inquieto , indocil ,  
De hum bellicoso fogo todo cheio ,  
Da soberba cabeça erguendo as crinas  
Movediças , saltando sobre a herva ,  
Parte impaciente , e pelo freio vôa ;  
Tal parecia Egmont : hum furor nobre  
Arde em seu peito , e brilha nos seus olhos ;  
Com a gloria , que já suppoem vir perto ,  
Se entretém ; elle crê , que o seu destino

Lhe

Lhe commanda a victoria. Ah ! que elle ignora ;  
Que o seu fatal orgulho lhe prepara  
Nas planices de Ivry a sepultura.

Para os da Liga em fim o grande Henrique  
Se avança , aos seus dizendo ( que inflammados  
São da sua presença ) = Vós nascestes  
Francezes , vosso Rei eu sou , saõ estes  
Os vossos inimigos , marchai , vinde ,  
E segui-me , sem que inda no mais forte  
Da tormenta percaes já mais de vista

O brilhante penacho , que fluctua  
Sobre a minha cabeça ; vós , amigos ,  
Pela estrada da honra o vereis sempre =  
Isto o Rei pronunciando , qual se fosse  
Já vencedor , de hum novo ardor as tropas  
Elle vê inflammadas ; e invocando  
O Senhor dos Exercitos , já marcha.

Sobre os passos ligeiros dos dois Chefes  
Ao mesmo tempo entaõ dos dois Partidos  
Voaõ os combatentes. Assim como  
Quando dos montes , pelo grande Alcides  
Separados , os Aquiloens fogosos  
Sahem de hum voo rapido , e movidas  
Subitamente as ondas dos dois mares

Pro-



Profundos , até os ares se levantão  
Com hum choque impetuoso. A terra ao longe  
Entra em gemidos , foge a luz do dia ,  
O Céu troveja , e o Africano em sustos  
Do mundo teme a proxima ruina.

Reunido ao mosquete o sanguinoso  
Estoque , leva a morte já dobrada  
De ambas as partes. Foi antigamente ,  
Que o demonio da guerra há inventado  
Em Bayonna , por despovoar a terra ,  
Est'arma cruel ; ajunta ao mesmo tempo  
Quanto o Inferno em si tem de mais terrivel ,  
O fogo , e o ferro , d'elle digno fructo.

Baralhão-se , combatem ; o artificio ,  
O valor , os clamores , o tumulto ,  
O pejo de ceder , a cega ira ,  
O medo , a ardente sede só de sangue ,  
A desesperação , em fim a morte  
De fileira em fileira vão passando.  
No Partido contrario hum o parente  
Persegue : alli o irmão , fugindo , morre,  
A's mãos do irmão. Tremeu a natureza ,  
E a espantosa ribeira se inundava  
Bem á custa do sangue desgraçado.

Por



Por multidão de lanças aguçadas ,  
De batalhoens de fangue todos tinctos ;  
De tropas arquinadas rompe Henrique ,  
Se arremeça , se avança , e faz caminho ;  
Segue-o o grande Mornay sempre pacato ,  
Serenos sempre ; junto ao Rei vigia ,  
Qual poderoso Genio , assim nos campos  
De Phrygia se fingiaõ n'outro tempo ,  
Os motores perpetuos lá dos Astros ,  
E da Terra , envolvidos nos combates  
Debaixo dos vestidos dos guerreiros ;  
Ou quaes esses Ministros espantosos  
Do verdadeiro Deos , as Potestades  
Dos Céos , os Entes mesmos impassiveis ;  
Cercados dos relampagos , dos raios ,  
E dos ventos , com hum semblante sempre  
Inalteravel , movem o Universo :  
De Henrique elle recebe todas essas  
Rapidas ordens , da alma movimentos  
Intrepidos , que mudaõ o combate ,  
E fixaõ o destino : de improviso ,  
Aos Chefes das legioens elle as transporta ;  
O Official as recebe. As impacientes  
Tropas , ao som da sua voz , regulaõ  
Obedientes as iras ; se dividem ,  
Se reúnem , e em diversos corpos marchaõ ;  
Hum espirito só prezide a tantas

Ma-

Maquinas , e taõ vastas. Mornay torna  
Ao Principe , elle o escolta , elle o acompanha ;  
• Com a voz lhe desvia muitos golpes ,  
Que lhe eraõ dirigidos ; mas ás suas  
Maõs Estoicas já mais permittir pôde ,  
Que se manchem do fangue dos humanos  
Infelices ; sua alma he occupada  
Do seu Principe só , por defendello  
Unicamente a espada elle há tirado ,  
E aos combates o seu valor adverso ,  
Sabe affrontar a morte , e não quer dalla.

De Turenna o valor insupportavel  
Punha já de Nemours a tropa em fuga ,  
E atterrada. D'Ailly por toda a parte  
Leva a morte , e o temor ; d'Ailly , que conta  
Trinta annos de combates , que de novo ,  
Nos horrores da sanguinosa guerra ,  
Torna , a pezar da idade , a ter esforços.  
A seus golpes fataes hum só guerreiro  
Se oppoem , hum juvenil Heróe valente ,  
Que na flor de seus annos n'esta illustre  
Mortifera jornada , deu principio  
A' carreira fatal de seus combates.

De Himyneo inda terno elle provava  
Apenas os encantos ; e assistido Dos

Dos amores , sahia dos seus braços :  
Corrido de não ter tambem mais fama ,  
Que a de suas caricias , deseioso  
De gloria , elle aos perigos já se entrega ;  
A sua cára esposa n'este dia ,  
Accusa o Céu , a Liga detestando ,  
E o combate mortal ; ella mesma arma  
O delicado amante , e tristemente  
Com a tremula mão ella lhe prende  
A pezada coiraça ; envolta em pranto ,  
Com hum casco precioso em fim lhe cobre  
O lindo rosto , amavel a seus olhos.

No seu furor guerreiro a d'Ailly parte  
Por entre os turbilhoens de pó , de fogo ,  
Pelo meio dos corpos já sem vida ,  
De outros feridos inda agonizando :  
Os fogaes ginetes de ambos ficão  
Logo alli traspassados ; ambos elles  
Sobre a relva abatida , e ensanguentada ,  
Longe dos esquadroens , já se accomettem  
Com impeto seguro ; o sangue os tinge ,  
Cobre-os o ferro , e as lanças na mão tendo ;  
De hum formidavel choque de improviso  
Elles se batem ; ressoou a terra ,  
As lanças se quebrarão ; assim como ,

N

Em

Em hum Céu abrazado , duas nuvens  
Funestas , que o trovão trazendo , e a morte  
Em seus feios , se encontraõ lá nos ares ,  
E vôão sobre os ventos ; da uniaõ fea  
Os relampagos saltaõ , alli formaõ  
Os raios , que aos moriaes tanto estremecem.

Por hum subito esforço intentaõ logo  
Estes dois infelices outra morte ;  
Já brilha em suas mãos o duro alfange :  
A Discórdia alli corre em continente ;  
O demonio da guerra , a sanguinosa  
Pallida morte estavaõ a seus lados :  
Suspendei infelices esses vossos  
Precipitados golpes ! Hum destino  
Porém fatal seus animos inflamma :  
No coração hum do outro dar passagem  
Aos estoques procuraõ , sim , n'aquelle  
Coração inimigo , que lhes era  
Desconhecido : o ferro , que os cubria ,  
Fusilando se vai fazendo em lascas ,  
As coiraças , aos golpes espantosos ,  
Sciñtillaõ , falta o sangue , que lhes tinge  
As mãos tyrannas : os escudos fortes ,  
E os cascos , a violencia moderando ,  
Alguns golpes desviaõ , e repulsaõ

Hum

Hum pouco a morte ; confundidos ambos  
De tanta resistencia , respeitava  
Cada hum o seu rival , e a valentia  
Do seu contrario : em fim d'Ailly o velho ,  
De hum golpe desgraçado ; a seus pés lança  
O excellente guerreiro ; este seus olhos  
Fecha á luz para sempre ; junto a elle  
Vai rolando o seu casco sobre a terra ;  
D'Ailly vê o seu rosto ; O' grito ! O' pasmo !  
O' desesperação ! Que terno o abraça !  
Ah que elle era o seu filho ! Elle o conhece  
O desditoso Pai tendo banhados  
Em lagrimas os olhos , dirigia  
Contra seu peito as parricidas armas ;  
Suspende-se porém , oppoem-se ao justo  
Furor seu , e tremendo , parte , e deixa  
Hum lugar , que de horrores só lhe serve ;  
Detesta para sempre a sua iniqua  
Victoria , renuncia a Corte , os homens ,  
A sua mesma gloria ; e então fugindo  
Ao centro dos desertos , fura pena  
Nos confins do Universo esconder busca.  
Alli , seja que o Sol a luz ao mundo  
Restitua , ou seu curso a acabar chegue  
Lá no seio das ondas , elle aos ecos  
Enternecidos repetir fazia

O nome, o triste nome de seu filho  
 Desgraçado. Do Heróe, que já não vive;  
 A juvenil esposa, a fiel amante,  
 Pelo terror levada, incerta, e toda  
 Tremendo, vem com passos pouco firmes  
 Sobre as margens funestas; ella busca,  
 Vê, reflecte na multidão de mortos,  
 Encontra o seu esposo, e de improvizo  
 Desfalecida cabe; o véo da morte  
 Em seu rosto se estende. E's tu, ó caro! . . . .  
 Estas vozes assim interrompidas,  
 Estes gritos então meios formados  
 Não são ouvidos; ella lhe abre os olhos;  
 Com os ultimos osculos lhe aperta  
 A boca desfmaiada, aquella boca  
 Que inda adora; nos braços toma o corpo  
 Pallido, e ensanguentado, olha para elle,  
 Suspira em fim, e abraçando-o, morre.

Pai, esposo infeliz, triste familia;  
 Do furor d'estes tempos lamentavel  
 Exemplo; possa pois d'este successo  
 A terrivel memoria excitar sempre  
 Piedade em nossos ultimos sobrinhos;  
 Arrancar de seus olhos proveitosas  
 Lagrimas, e que nunca elles imitem  
 De seus Pais os mortiferos delictos. Po:

Porém quem faz fugir assim dispersos  
Os da Liga ? Que Heróe , ou que Deos forte  
A todos há destruido ? He Biron , esse  
Mancebo , cujo esforço havia feito  
Por entre batalhoens feliz passagem.  
D'Aumale os vê fugir , e ardendo em ira ;  
= Derende-vos , voltaí . . . . . onde assim fracos  
Correis ? E vós , fugís ? Vós companheiros  
De Mayenne , e de Guiza ? Vós , que tendes  
O dever de vingar Pariz , e Roma ,  
De defender a Igreja ? Não , segui-me ,  
Vossa antiga virtude a vós se torne ;  
Se combateis á sombra de d'Aumale ,  
Vencereis certamente = Soccorrido  
De Beauveau , de Fosseuse sem demora ,  
E do feroz S. Paulo , e inda de Joyeuse ,  
Juntao de novo as tropas divididas ,  
Que elle marchando anima , só com verem  
Do seu rosto o esplendor : eis a fortuna  
Torna a chegar com mais ligeiros passos.  
Com hum valor intrepido sustenta  
Em vaõ Biron o curso arrebatado  
Da fogosa torrente ; elle espirando  
Vê junto a si Feuquieres ; Parabére  
Na multidaõ de mortos vê cahindo ,  
Nesse , Clermont , d'Angenne , todos estes

Tem

Tem já mordido a terra ; Biron mesmo ;  
Ferido a tantos golpes , está quasi  
Rendendo a vida. Assim , Heróe valente ,  
Devias acabar , porque huma morte  
Gloriosa , huma desgraça , que he tão bella ;  
He da tua virtude o que fazia  
A memoria immortal , teu nome eterno !

O generoso Henrique soube logo  
O risco , em que Biron , por muito ardente ;  
Empenhado se via ; elle ama-o muito  
Não como Rei , nem qual senhor severo ,  
Que soffre , que se aspire á honra summa  
De lhe agradar , de quem o orgulho forte ,  
E o coração soberbo crê , que o sangue  
De hum vassallo lhe fica mais que pago  
Com huma vista de olhos bem ligeira.  
Henrique da amisade sente os nobres  
Ardores ; amisade , dom sublime  
Do Céu , doce prazer das almas grandes ;  
Amisade , que os Reis , esses illustres  
Ingratos , porque nunca a conheceraõ ,  
• São affás desgraçados ! Em fim parte  
Bourbon a soccorello ; o nobre fogo ,  
Que o excita , lhe faz mais forte o braço ;

E



**E** mais rapido o voo ; o bom guerreiro , (x)  
**Já** das sombras da morte entao cercado ,  
**Eis** que vê o seu Rei , o ultimo esforço  
**Empenha** , á sua voz elle renova  
**Da** vida os restos. De Bourbon aos golpes  
**Recuaõ** todos , todos se retiraõ.  
**Biron** guapo ! O teu Rei d'esses soldados  
**Te** arranca , cujos golpes repetidos  
**A** morte te apressavaõ ; pois tu vives ,  
**Em** lhe seres fiel te empenha ao menos !

Hum ruido espantoso entao se escuta.  
**A** Discordia cruel contra as virtudes  
**Do** Heróe reverberando os seus furores ,  
**Nova** colera accende nos da Liga :  
**A'** frente d'elles vóa de improviso ,  
**E** o seu sopro fatal faz , com que ao longe  
**Sõe** a infernal trombeta ; entao d'Aumale ,  
**Pelo** som , que era d'elle conhecido ,  
**Se** excita , tao ligeiro como a frecha  
**Aos** ares despedida : o Heróe sómente.  
**Elle** busca , sobre elle só se lança ,  
**Logo** em tumulto acode toda a turba :

**Taes**

(x) O Duque de Biron ficou ferido em Ivry , mas foi no combate de Fontaine Française , que Henrique o Grande lhe salvou a vida. Refere-se este acontecimento na batalha de Ivry , pois não sendo hum facto principal , admittia o seu transposto.

Taes no centro dos bosques, na carreira  
Precipitados, esses atrevidos  
Animaes, aos combates sô creados,  
Féros escravos do homem, á carnagem  
Nascidos, cheios de humra raiva intensa  
Ao javali se lançaõ, ignorantes  
Do perigo fatal, cégos, violentos,  
Rouca bozina ao longe seus instinctos  
Bellicosos excita, com que os montes  
E os concavos rochedos rumbarão:  
Assim contra Bourbon mil inimigos  
Se ajuntaõ, elle sô se oppoem a todos  
Sem amparo da forte, consternado  
Pelo numero, á vista já da morte:  
Luiz do alto dos Céos, n'este perigo,  
Ao Heróe, a quem ama, humra invencivel  
Força lhe dá; Bourbon he como a rocha,  
Que os ares ameaçando, rompe a furia  
Dos ventos, quebra os impetos dos mares;  
E quem póde explicar o sangue, a immensa  
Carnagem, de que o Euro vio cubertas  
N'este momento as suas grandes margens?  
Vós, Manes sanguinosos do mais forte,  
E animoso dos Reis, dai luz sublime  
Ao espirito meu, e pela minha  
Voz fallai. Bourbon vê, que já voando

A nobreza fiel vem defendello ,  
Ella pelo seu Rei vem dar a vida ,  
E peleja tambem seu Rei por ella ;  
Diante de si leva o susto ; a morte  
Os seus golpes seguia , quando á sua  
Colera Egmont fogoso se apresenta.

Muito tempo enganado este estrangeiro  
Do seu valor , havia procurado  
O Rei na maior força do conflicto ;  
Não fora conduzido á sepultura ,  
A não ser temerario ; fô a honra  
Do combate excitava o seu orgulho :  
= Vem pois Bourbon , ( dizia ) a tua gloria  
Vem augmentar ; he bem que pelejemos ,  
Que o fixar a victoria a nós pertence. =  
Dizendo estas palavras , hum brilhante  
Relampago , funesto mensageiro  
Dos destinos , do ar abre as campanhas ;  
O arbitrio dos combates , de improviso ,  
Faz fôar seu trovão , sente o soldado  
Debaixo de seus pés tremer a terra :  
D'Egmont suppoem , que os Céos lhe dão amparo ;  
Que vão a defender a sua causa ,  
Que combatem por elle ; crê , que toda  
A natureza attenta á sua gloria

Pa

Pela voz do trovão, lhe annunciava  
O triunfo ; ao Heróe em fim se chega ;  
Fêre-o no peito , e já de haver vertido  
O real sangue , se acclama victorioso.  
O Rei , sem que se turbe , vê o successo ;  
Tanto como o perigo assim se dobra  
Seu esforço ; elle então se felicita  
De no campo da honra haver hum dia  
Encontrado inimigos affás dignos  
Do seu valor ; em vez de retardallo ,  
O estimula a ferida ; já sobre este  
Fêro inimigo o Heróe se precipita ;  
De hum golpe mais seguro he de repente  
D'Egmont lançado em terra ; o scintillante  
Ferro lhe passa o peito : eis os cavallos  
Debaixo de seus pés tinctos de sangue  
O atropelaõ ; da morte as tristes sombras  
Envolveraõ seus olhos ; a sua alma  
Em colera passou a unir-se aos mortos ,  
Onde do Pai o aspecto justamente  
Lhe excitou os remorsos. Vós , ufanos  
Hespanhões até qui tropa soberba ,  
Com a morte d'Egmont vossa virtude  
Guerreira se anniquilla , ao menos hoje  
Não negareis , que o medo conhecestes !

O espanto, o horror, o espirito terrivel  
De turbacão se ampara n'este instante  
Das tropas affustadas ; passa logo  
Aos mesmos esquadroens , e em fim se estende  
Ao exercito : os Chefes affombrados,  
Os soldados perdidos : hum não pôde  
Mandar , outro tambem não obedece ;  
As bandeiras por terra , huns se confundem ;  
Correm outros , dão gritos espantosos ,  
Atropellaõ-se , fogem : voluntarios  
Se rendem huns , os joelhos outros dobrão  
Ao vencedor , seus ferros já lhe pedem :  
Alguns com passos rapidos , querendo  
Evitar a ruina , as ribanceiras  
Buscão do Euro , e na fuga anebatados ,  
No profundo das aguas se despenhaõ ;  
Correm á morte em fim , que elles pretendem  
Evitar ; os cadaveres ás ondas  
O curso impedem ; volta , e retrocede  
O rio enfangentado á sua origem.

Naõ he capaz Mayenne em tal desordem  
De haver temor ; afflicto , mas tranquillo ,  
Senhor inda de si , vê resolutio  
Sua cruel fortuna ; de seus golpes  
Elle sim vai debaixo , porém cuida

Em

Em d'ella triumphar : outro he d'Aumale ,  
 Que junto a elle , o rosto enfurecido ,  
 Accusava os Flamengos , a fortuna ,  
 E os Céos : = Bravo Mayenne ( assim dizia )  
 Morramos , já que tudo se há perdido : =  
 = Deixai hum furor vaõ ( olhe torna o Chefe )  
 Vivei para hum partido , de que a honra  
 Vós sois , vivei a restaurar a perda ,  
 E a desgraça fatal ; n'este momento  
 Funesto , vós , e Bois-Delfin procurem  
 As reliquias juntar d'esses dispersos  
 Soldados ; ambos vós então segui-me  
 Aos muros de Pariz , indo de marcha ,  
 Da Liga recolhei isso , que resta ;  
 De Coligny vencido , e subjugado ,  
 O valor excedamos = Ah ! d'Aumale ,  
 Isto escutando , chora ; elle estremece  
 De raiva , mas a ordem que deesta  
 Parte a cumprir. He qual Leão soberbo ,  
 Que o Moiro domar soube , pois que docil  
 A seu Senhor , a tudo o mais terrivel ,  
 Sua horrorosa frente só sujeita  
 A' mão , que elle conhece ; de hum aspecto  
 Feroz elle o acompanha ; elle rugindo  
 O sabe acariciar ; em fim parece ,  
 Que ameaça , inda quando o lisongea .

Aos muros de Pariz Mayenne em tanto  
 Com apressada fuga se retira,  
 Por occultar o seu abatimento.  
 Henrique, victorioso, vê os da Liga,  
 Que de todos os lados, sem defeza,  
 Sua clemencia imploraõ. N'este instante  
 D'esses Céos as abobedas se abrião,  
 Os Manes dos Bourbons aos ares descem.  
 Do alto do Firmamento: Luiz chega  
 Entre elles a observar, e como Henrique  
 N'este nobre momento ufo fazia  
 Do triunfo, e por fim como acabava  
 De dar merecimento á sua gloria.

Junto d'elle os soldados tendo os olhos  
 Inda em furor accesos, reparavaõ  
 Para os tristes vencidos, que a seus golpes  
 Escaparaõ; os timidos captivos,  
 Conduzidos a Henrique, só esperaõ  
 Em profundo silencio, que a sentença  
 Se lhes fulmine; o espanto, a angustia, o pejo  
 A desesperaçãõ pintado tinhaõ  
 Em seus rostos as suas desventuras:  
 Sobre elles volta entãõ Bourbon os olhos  
 Cheios de graça; n'elles a ternura,  
 E a intrepidez reinavaõ juntamente;

Fi-

= Fica; livres ( lbes diz ) vós desde agora  
Podeis permanecer meus inimigos ,  
Ou viver meus Vassallos ; em Mayenne ,  
Ou em mim , hum Senhor será pois justo ,  
Que vós reconheçaes : de nós dois vede  
Qual o merece fer ; da Liga escravos  
Gemei debaixo d'ella , ou companheiros  
D'hum Rei , vinde por fim triumphar com elle.  
Escolhei de huma vez = A estas palavras ,  
Que proferia hum Rei cheio de gloria ,  
Em campo de batalha victorioso ,  
Se observão a' hum momento os prisioneiros  
Contentes por se verem derrotados ,  
Felices porque a forte os fez vencidos ;  
Seus olhos se illuminaõ , sem mais odio  
Se vêm seus corações ; Henrique os vence  
Co' seu valor , depois com a virtude  
Os sujeita tambem , e honrados todos  
Com o nome , que tem de seus soldados ,  
Por expiar por fim o seu delicto ,  
Marchaõ sobre seus passos ; da carnagem  
O vencedor tranquillo há já cessado ;  
Senhor dos seus guerreiros elle applaca  
D'elles a valentia ; mais não era  
O leão , que de sangue só cuberto ,  
De lugar em lugar levava a morte ,

E



E o terror ; era hum Deos todo benigno ,  
Que deixando o trovão , a tempestade  
Prende , e consola a terra ; em seu semblante  
Ameaçador , feroz , e ensanguentado ,  
Há posto a paz o aspecto mais sereno :  
Aquelles , em quem quasi a luz estava  
A extingui-se , por elle já revivem ;  
He sobre seus perigos , sobre as suas  
Necessidades , que elle vigilante ,  
Qual Pai attento , estende os seus cuidados ;

A prompta mensageira dos successos  
Verdadeiros , ou falsos , augmentando  
Vai já sua carreira ; ella de hum voo  
Rápido , inda mais prompta do que o tempo ,  
Além dos mares passa , vai de hum pólo  
A outro , até encher todo o Universo ;  
Este monstro composto de olhos , bocas ,  
E de orelhas , que canta as maravilhas  
Dos grandes , e dos Reis canta a vergonha ,  
Que tem a si sujeitas a esperança ,  
A admiração , a duvida , o desejo  
De saber , e a fatal credulidade ,  
Trombeta , que he da gloria , pela sua  
Brilhante voz , do Heróe da França parte  
A annunciar a victoria. Desde o Tejo

Ao.)

Ao Eridano foi participado  
Por ella o estrondo ; então eis o soberbo  
Vaticano se admira ; o Norte ouvindo  
Sua voz , de alegria todo se enche ;  
Madrid bramou de susto , e de vergonha ,  
De horror , e de tristeza : ó desgraçado  
Pariz ! O' vós , inficis conspiradores ,  
Cidadãos enganados ! Sediciosos  
Sacerdotes em fim , e com que gritos  
Dolosos soárao vossos Templos !  
No momento infeliz vossas cabeças  
De cinza se cubrirão. Ah ! Mayenne  
Inda vem lisonjear vossos esforços ;  
Vencido , porém cheio de esperanças ,  
E Senhor de Pariz , com ardilosa  
Politica , inda lá no seu retiro ,  
Quer aos da Liga incertos , que a derrota  
Se esconda ; contra hum golpe tão funesto  
Elle os quer segurar , imaginando ,  
Que em occultar talvez sua desgraça ,  
Elle então a repara ; por cem ruidos  
Mentirosos quer ver , se assim reanima  
D'elles o zelo ; mas opposta a tantas  
Cautelas a verdade , desmentindo  
A' sua vista os seus projectos falsos ,  
Voa de boca em boca , e ao mesmo tempo  
Os coraçoes de todos defalenta.

A

A Discordia bramou , e redobrando  
 As suas raivas = Não verei ( diz ella )  
 Destruida por certo a minha obra ;  
 Não tenho n'estes muros infelizes  
 Derramado os venenos , incendiado  
 Tantos fogos , o meu poder firmado  
 Com tanto sangue , a fim de ver agora  
 Levar Bourbon da França o vasto Imperio  
 Por terrivel que seja , eu tenho inda arte  
 De enfraquecello ; se vencer não pude ,  
 Poderei abrandallo : mais esforço  
 Se não opponha ao seu valor supremo ;  
 A si mesmo , e não mais , agora Henrique  
 Sim tenha que vencer , e tremar de va-  
 Só do seu coração ; vou a aracallo  
 E a vencello tambem por elle mesmo  
 Fallou : e de improvizo , lá das margens  
 Do Sena , sobre hum carro todo tincto  
 De sangue , que a destrahir foubera o odio  
 Em huma espessa nuvem , que terrivel  
 Torna pallido o dia , ella em fim parte ,  
 E em demanda do Amor voa apressada ,

A

Q. CAN



## CANTO IX.

## A R G U M E N T O.

*Descreve-se o Templo do Amor. A Discordia implora o seu poder para abrandar o valor de Henrique IV. Este Heróe he retido algum tempo com Madama de Estrée, tão celebre debaixo do nome da Bella Gabriella. Mornay o arranca do seu amor, e o Rei volta ao seu exercito.*

**N** Os ditosos confins da antiga Idalia ;  
 Onde a Europa termina , a Asia começa ,  
 Hum Palacio (a) se eleva antigo , e sempre  
 Dos tempos respeitado. A natureza  
 N'elle poz os primeiros fundamentos ;  
 Depois a arte polindo aquella simples

Ar-

(a) Esta descripção do Templo do Amor, e a pintura d'esta paixão são inteiramente allegoricas. Se há posto em Chypre o lugar da Scena, como em Roma a morada da Politica, porque os Povos d'aquella Ilha passaraõ em todo o tempo pelos mais dados ao amor, assim como a Corte de Roma há sido reputada pela mais politica da Europa. Deve-se pois respeitar aqui o Amor, não como filho de Venus, e como hum Decs da fabula, mas como huma paixão, representada com todos os prazeres, e todas as desordens, que a accompanhaõ.

Architettura , vio-se , que excedia  
Da natureza o empenho ; seus vizinhos  
Campos , de verdes murtas abastados ,  
Nunca a injúria sentirão dos invernos.  
Madurecer se vêm , por toda a parte ,  
Vém-se brotar , em todo o tempo , tanto  
Os fructos de Pomona , como os mimos  
De Flora. A terra inculta não attende ,  
Para crear as suas sementeiras ,  
Aos desejos dos homens , nem á ordem  
Das estações. Em hũa paz profunda  
Parece alli gozar o homem tudo ,  
Quanto , do mundo nos primeiros dias ;  
Quiz com mão liberal a natureza  
Conceder aos mortaes ; repouso eterno ,  
Dias serenos , ares sempre puros ,  
Os gostos , e prazeres promettidos  
Da abundância , os bens todos finalmente  
D'essa idade primeira , excepto a bella  
Innocencia. Por toda a parte se ouve  
O som d'esses concertos admiraveis ,  
Com que amole harmonia affim' inspira  
Doces languores ; ouvem-se os amantes ;  
E o canto singular das suas Damas ,  
Com que celebraõ d'elles a vergonha ,  
E a fraqueza lhes louvaõ : cada dia

São vistas , com as testas adornadas  
De flores , implorar de seus queridos  
Amantes os favores ; e á porfia  
Appressadas marcharem ao seu Templo  
Por instruidas serem na grande arte  
De agradar , e enganar. A lisongeira  
Esperança , de hum rosto sempre affavel ;  
Pela mão os conduz ao Altar mesmo  
Do Amor. Perto do Templo estão as Graças ;  
Meias nuas , ás suas vozes juntaõ  
Das danças os primores : sobre hum leito  
De branda relva , placido , e contente ,  
Ouve o molle Aperite as suas doces  
Cançoens , tendo dos lados o Segredo  
Sempre mudo , o Sorriso que enfeitiça ;  
Os Cuidados , a terna Complacencia ,  
As amaveis Delicias , os Desejos  
Mais doces inda , mais enganadores ;  
Do que os mesmos Prazeres inconstantes ;

D'este Templo famoso he esta a entrada  
Deliciosa ; porém se accaço hum passo  
Mais audaz avançando-se penetra  
Té a abobeda sagrada , e ao Sanctuario  
Se leva , que espectáculo funesto  
Os olhos horroriza ! Dos prazeres

Não]

Naõ he mais effa copia amavel bella ;  
Concertos amorosos já mais se ouvem :  
As Queixas , os Desgostos , a Imprudencia ;  
O Sufo , alli transformão a morada  
Deleitosa em habitação de horrores ;  
O taciturno Zelo com o rosto  
Macilento , e sombrio , vai de hum passo  
Vacillante seguindo huma Suspeita ,  
Que o guia. O Odio , a Raiva , derramando  
O seu veneno , marchaõ diante d'elle ,  
Tendo o punhal na mão ; eis a Malicia ,  
Que os vê passar , de hum perfido sorriso  
Applauda a sua infame , e indigna tropa :  
Segue-a o Arrependimento , detestando  
Seus furores , e em pranto humedecidos  
Seus olhos , os abaixa , e em fim suspira.

No meio d'esta Corte assim de horrores ;  
Infeliz companhia dos prazeres  
Dos homens , he ahi , que Amor tem feito  
Sua eterna morada : este arriscado  
Infante já cruel , já carinhoso ,  
Traz da terra os destinos inviziveis  
Na sua fraca mão ; com hum sorriso  
Elle dispensa a paz , ou manda a guerra ,  
E espalhando por toda a parte as suas  
Doçuras enganosas , elle anima

O

O Universo, e continuamente affixe  
 No coração de todos; sobre hum Throno  
 Luzente, contemplando elle as conquistas  
 Do seu braço; a seus pés via sujeitas  
 As mais soberbas testas; enão fero  
 Com suas crueldades mais, do que inda  
 Com os seus beneficios, dava mostras  
 De alegrar-se do mal, que havia feito.

Conduzida a Discordia de improvizo  
 Pela Raiya, os Prazeres apartando,  
 Abre livre passagem, quando agita  
 O facho acceso, que na mão sustenta.  
 De sangue tincto o rosto, em ira os olhos  
 Inflammados, lhe diz: Onde, irmão, se achão  
 Tuas setas mortaes? Para quem guardas  
 As frechas invenciveis? Ah! se accesa  
 A tocha da Discordia, a teus furores  
 Meu veneno fatal sempre juntaſte;  
 Se tantas vezes pude a teu respeito  
 Turbar a natureza, corre, vóa  
 Sobre meus passos; vem; e a minha injuria  
 Sabe vingar; hum Rei já victorioso  
 Despedaçado, tem minhas serpentes;  
 Elle por suas mãos a oliva ajunta  
 Aos loiros triunfantes; a clemencia;

Com



Com hum passo tranquillo indo marchando  
Com elle ao sedicioso infauſto ſeio  
De huma guerra civil , favorecida  
Dos regios eſtendartes , que tremulaõ  
Por toda a parte , intenta reunir todos  
Os coraçoes , ſendo eſtes divididos  
Sõmente para mim ; huma victoria  
Inda não alcancei , e já por terra  
Vejo o meu Throno em pó ; Henrique leva  
Aos muros de Pariz o raio ardente ,  
A combater já parte o Heróe famoſo ,  
A vencer , e perdoar ; de cem cadeias  
Fortes me vai prender ſeu braço activo :  
A ti toca impedir eſta torrente  
No ſeu curso ; tu podes de tão nobres  
Triunfos envenenar a fonte toda :  
Vai pois , Amor , debaixo do teu jugo  
Elle gema abatido ; proſtra , vence  
O ſeu valor no ſeio da virtude :  
Lembre-te , que és aquelle , cujo braço  
Hercules fez cahir ſem ſuas forças  
Aos pés de Omphale. Não ſe vio Antonio ;  
Nos teus ferros de todo enfraquecido  
Abandonar por ti graves cuidados  
Do Univerſo ? fugir eſtando á viſta  
De Augusto , e por ſeguir-te ſobre as ondas ;  
Cleo-

Cleopatra preferir a todo o Imperio  
Do mundo ? Pois , Amor , para venceres  
Te resta Henrique só depois de tantos  
Guerreiros. Que nas suas mãos soberbas  
Os loiros se lhe murchem , vai , procura ;  
Vai do myrto amoroso a frente altiva  
Cingir-lhe ; entre os teus braços adormece  
Sua audacia guerreira ; tu de arrimo  
Ao meu Throno abalado serve agora ;  
Teu Reino he o meu , e a minha causa he tua.

D'esta forte fallava aquelle monstro ,  
E a retumbante abobeda os accentos  
De sua voz tremenda repetia ;  
Amor , que recoitado sobre as flores  
O ouvia , de hum sorriso fero , e doce ,  
Responde ás suas furias ; entretanto  
Elle se arma das suas frechas de oiro ;  
Elle dos vastos Céos as azuladas  
Esferas rompe já , e precedido  
Das danças , dos prazeres , e das graças ;  
Dos Zefiros nas azas vóa aos campos  
Francezes , em demanda só de Henrique.

Na carreira se alegra de ver logo  
A Simois fraco , e o campo , onde foi Troia ;

Elle

Elle fe: ri ao ver n'esses lugares  
Affamados as cinzas inda quentes .  
Dos Palacios , por suas maós extinctos ;  
Elle divisa ao longe aquelles muros  
Erguidos sobre as aguas , seus soberbos  
Edificios , do mundo esse prodigio ,  
Veneza em fim , de quem Neptuno admira  
O destino ; que impéra sobre as ondas ,  
Represadas pela arte no seu seio.

Elle desce , e demora-se nos campos  
Da Sicilia , onde a Theocrito , e Virgilio ;  
Elle mesmo inspirára ; e onde se conta ,  
Que do amoroso Alfeo em outro tempo  
Elle as aguas por novos subterraneos  
Caminhos conduzira ; sem demora  
Da amavel Arethusa elle deixando  
As praias , vóa aos campos de Provença ;  
Onde Vaclusa (b) está , mimoso asylo ,  
Lugares , em que o graó Petrarcha soube  
Nos seus bons dias suspirar seus versos ,  
E seus amores ; elle então divisa  
As muralhas de Anet (c) edificadas

Nas

(b) Vaclusa junto a Gordes em Provença , celebre pela  
morada , que fez Petrarcha nas suas visinhanças.

(c) Anet foi edificado por Henrique II. para Diana de Po-

Nas margens do Euro , cuja altiva , e nobre  
Estructura elle mesmo dispuzera ;  
Por suas destras mãos alli , com arte.  
Estampadas as cifras de Diana ,  
Distinctas se conservaõ ; de passagem  
As graças , e os prazeres derramaraõ  
Sobre o tumulto d'ella as tenras flores ,  
Que dos vestigios seus hiaõ nascendo.

Aos campos d'Ivry chega finalmente  
O Amor. Posto que o Rei se achava prompto  
A partir , com designios superiores ,  
Da guerra a imagem se confundindo  
Com os prazeres , quiz por hum momento ;  
Que ao seu trovaõ se desse algum repouso ;  
Mil guerreiros mancebos , caminhando  
Por meio dos alqueives , perseguiaõ  
juntamente com elle os habitantes  
Dos bosques. Sente Amor , ao avistallo ;  
Inhumana alegria ; logo as frechas  
Elle aguça , as cadeas já prepara ,  
Agita os ares , que elle mesmo havia .  
Serenado ; elle falla , de improviso  
Se armaõ os Elementos , e de hum pólo

A

tiers , cujas cifras estaõ dispostas em todos os ornatos d'este  
Castello , o qual não he longe das planices de Ivry.

A outro vão chamando as tempestades ;  
A sua voz se vê , que manda aos ventos  
Juntar as nuvens , derramar na terra  
As torrentes nos ares suspendidas ,  
E que , com os relampagos , e raios ,  
A noite fação vir ; ás suas ordens  
Fieis os Aquiloens tem já soltado  
Suas azas , nos Céos escurecidos  
A mais horrenda noite então succede  
Ao dia mais brilhante , a natureza  
Geme por fim , e o Amor já reconhece.

Nos sulcos enlodados da campanha  
Alagada , sem guia , sem escolta ,  
Incerto marcha o Rei ; n'este momento  
Amor accende a luz , faz com que brilhe  
Esse prodigio novo diante d'elle ;  
Apartado dos seus , por esses bosques  
Escuros , segue Henrique este inimigo  
Astro , que inda nas sombras resplandece ;  
Bem como algumas vezes os viajantes  
Turbados vão seguindo esses ardentes  
Fogos , que a terra exhala ; fim , os fogos ,  
Cujo vapor maligno , e passageiro  
N'esse instante , em que a luz lhes communica ;  
N'esse mesmo os conduz ao precipicio.

Pous

Pouco antes a fortuna a estes climas  
 Miseraveis havia conduzido  
 De huma illustre mortal os tenros passos;  
 No fundo de hum Castello solitaria,  
 E tranquillae, apartada dos tumultos  
 Da guerra, alli seu Pai ella aguardava,<sup>(d)</sup>  
 Que fiel a seus Reis, envelhecido  
 Nos perigos, do grande Henrique havia  
 Seguido os estendartes; o seu nome  
 Era d'Estrée; (d) a mão da natureza  
 A havia enriquecido dos sublimes  
 Dons sem medida. Tanto não brilhava;  
 Lá nas margens do Eurotas deliciofo,  
 A que se vio culpada formosura  
 Traidora a Meneláo. Menos tocante,  
 E menos bella em Tharso (e) deixou ver-se  
 A que soube domar, e render soube  
 O Senhor dos Romanos, quando attentos  
 Das ribeiras do Cidno os habitantes,

Nas

(d) Gabriella d'Estrée de huma antiga casa de Picardia, filha, e neta de hum Graõ Mestre de Artilharia, casada com o Senhor de Liancourt, e depois Duqueza de Beaufort &c. Henrique IV. se namorou d'ella durante as guerras civis: elle se desfarçava a'gumas vezes por ir fallar com ella. Hum dia se desfarçou em traje de paizano, e passou por entre as guardas inimigas, não sem risco de ficar prisioneiro.

(e) Cleopatra indo a Tharso, onde Marco Antonio a havia chamado, fez esta viagem em huma Náo brilhante, ornada de oiro, e das mais bellas pinturas: as vélas eraõ de purpura; as cordas de oiro, e seda. Cleopatra estava vestida, co-

Nas mãos tendo o thuribulo, a tiverão  
 Por Venus. Ella entrava em humidade  
 Muito para temer-se; essa que rende  
 O jugo das paixoens inevitavel;  
 Seu coração se achava sem nascido  
 Para amar, mas altivo, e generoso;  
 Os votos até alli de algum amante  
 Não tinha recebido. Era não menos,  
 Que a fresca rosa em sua primavera,  
 Quando encerra ao nascer a formosura,  
 De que he dotada; aos ventos namorados  
 Os thesoiros encobre de seu feio,  
 E se abre raõ fomite aos doces raios  
 De hum dia magestoso, e esclarecido.

Amor, que entãõ se aprompta a sorprendella;  
 Com hum nome supposto vai render-se  
 Junto a ella; sem facto elle se mostra,  
 Sem frechas, sem aljava: elle de hum simples  
 Menino toma a voz, toma a figura:  
 = Se há visto ( entãõ lhe diz ) sobre a visinha  
 Ribanceira, avançar-se a estes lugares,  
 Quem

mo entãõ se representava a Deoza Venus; suas Damas figuravaõ as Ninfas, e as Graças; a pòpa, e pròa estavaõ cheias de bellos Infantes desfarçados em Amores. Ella marchava com toda esta equipagem sobre o rio Cidno ao som de mil instrumentos de musica. Todo o Povo de Tharso a reputou por Deoza, e Antonio desceu do seu Tribunal para lhe fazer ao encontro.

Quem venceu a Mayenne = Assim fallando ;  
Elle no coração lhe insinuava  
Hum desejo , ou paixão desconhecida  
De agradar a este Heróe ; de nova graça  
Seu rosto se animou ; e o Amor mesmo ,  
Já de vella tão bella se gloriava ;  
De tantos attractivos soccorrido ,  
Que se não prometteria ! Elle a encontrar-se  
Com o Monarcha os passos lhe dirige.  
O simples artificio , com que o adorno  
Ella em si há formado , parecia  
Aos olhos , que se enganaõ , hum effeito  
Da natureza ; o oiro de seus loiros  
Cabellos , que se espalhaõ , ondeando  
A' vontade dos ventos , humas vezes  
A garganta lhe cobre , e os dois thesoiros  
Nascentes ; outras vezes patenteão  
O indizivel encanto. Mais amavel  
Sua grave modestia inda a fazia ,  
Naõ aquella sombria austeridade ,  
Que affugenta os Amores , e inda a mesma  
Formosura ; hum pudôr sim doce , e brando ,  
Innocente , pueril , que torna o rosto  
Colorido com hum rubor divino ,  
Que motiva o respeito , que os desejos  
Inflamma , que inda mais augmenta o gosto  
D'aquelle , que feliz pôde vencella,                      In



Inda faz mais o Amor , mas que milagre  
Lhe será impossivel ! Elle encanta  
Com hum forte attractivo estes lugares ;  
As murras enlaçadas , que obediente  
A terra de improviso vai brotando  
De seu prodigo seio , estendem logo  
Em torno d'esta estancia as suas folhas :  
Quem passa á sombra d'ellas , por occultos  
Laços sente prender-se ; entre o deleite ,  
E a turbação já mais póde apartar-se ;  
Debaixo d'esta sombra , fugitiva  
Corre hum fonte , affás encantadora ;  
Os ditosos amantes docemente  
Engolfados , alli a longos tragos  
Bebem do seu dever o esquecimento ;  
Por toda a parte Amor faz , que se sinta  
O seu poder ; alli tudo apparece  
Mudado , os corações não tem socego ;  
Todos envenenados são do encanto ,  
Que respiraõ ; em fim tudo alli falla  
De Amor. No prado os passaros redobraõ  
Os beijos , as caricias , e os seus cantos ;  
O ardente cegador , que antes da aurora  
Se encaminha a cortar essas , que o Estio  
Creou , loiras espigas , se perturba ,  
Suspira , e se detem ; impaciente

Seu

Seu coração com seus novos desejos;  
 Fica encantado n'estes deliciosos  
 Retiros; suspirando em fim não pode  
 Prosseguir na colheita. Junto d'elle  
 A Pastora esquecida dos rebanhos,  
 Da tremula mão sente já cahir-lhe  
 O fuso: como a hum poder tão forte  
 Se pode oppor d'Estreé! Per hum encanto  
 Invencível se vê toda attrahida;  
 N'este dia funesto, ah! que inimigos  
 Vai combater! a sua mocidade,  
 O Heróe, o Amor, e o seu coração tenho!

O valor immortal de Henrique he certo,  
 Que o chamava em segredo algumas vezes  
 Para as suas bandeiras vencedoras;  
 Huma invizível mão he, quem o obriga;  
 E faz, que se demore; na virtude  
 Em vão procura o apoio; ella o abandona;  
 Céga sua alma, em fim, não vê, não ouve,  
 Mais, que d'Estreés, não ama, não conhece.

Longe d'elle entre tanto os Chefes todos  
 Cheios de admiração já se perguntão,  
 Onde o Principe está; pelos seus dias  
 Elles tremem, e ficam consternados:  
 Quem

Quem o pudera crer ! Neste momento  
Muito houve que temer-se pela gloria  
De Henrique , em vão se busca , seus soldados ;  
Postos sem elle em marcha , o valor perdem ,  
Sem o seu Rei parecem já vencidos.

Mas o Genio feliz , que assim preside  
A' França , não soffreu por muito tempo  
Taõ aggriscada ausencia ; dos Céos desce  
A' voz de Luiz , e a dar soccorro ao filho  
Vem de hum rapido voo ; entaõ chegado  
A este triste hemispherio , olhou em roda  
Por toda a terra , a ver , se n'ella hum sabio  
Poderia encontrar ; não o procura  
N'esses lugares sempre respeitaveis ,  
Em que habita a abstinencia , que ao silencio ,  
E ao estudo se consagraõ ; a Ivry parte :  
Alli , onde a licença , onde a arrogancia  
Do vencedor guerreiro se enfurece ,  
Seu voo terminou o sempre fausto  
Anjo da França ; fim , no centro mesmo  
Das bandeiras dos filhos de Calvino  
Dirigio-se a Mornay ; (f) n'isto quiz elle

P

En-

(f) He errôneo o pensamento do A. , quando 'affirma ,  
que a razão só , e o discurso bastão a dirigir as nossas acçoens  
Póde fim o homem obrar sem a influencia da graça , algumas  
acçoens na ordem natural , mas nunca ellas serão dignas de

Ensinar-nos , que muitas vezes basta ,  
 Para nos conduzirmos , o discurso ;  
 Como no Gentilismo a razão fora ,  
 A que a Platão guiara , e a Marco Aurelio ;  
 Vergonha que serão dos Christãos sempre.

Mornay soube , não só prudente amigo ,  
 Mas austero Philosopho , a grande arte  
 De arguir , e de agradar ao mesmo tempo ;  
 Melhor que seus discursos , instruhia  
 Seu exemplo ; as mais solidas virtudes  
 Forão os seus , e os unicos amores ;  
 Ancioso de trabalhos , insensível  
 A's delicias , com passo firme andava  
 Junto dos precipícios , o ár da Corte ;

humas superior recompensa. A prova que elle produz he igualmente futil: nunca se virão no gentilismo virtudes solidas, e dignas do Christianismo. O mesmo Platão, e Marco Aurelio mancharão suas maximas Philosophicas com mil erros praticos. He por isso que d'estes sabios diz o Apostolo, que Deos os entregou a seus reprovados sentimentos por não terem reconhecido a liberal mão do Céo, que sobre elles derramou as suas luzes. Além de que, he muito verosimil, que estes Philosophos tivessem conhecimento da revelação, donde podião tirar essas bellas maximas, que nós deixamos, e de que não se souberão aproveitar. Platão, além de outros sabios Gregos, peregrinou por diversos paizes, e penetrou até o Egypto, como estreve Diogenes Laercio na sua vida: alli, elle podia ter perfeito conhecimento da Lei Moysaica: os Romanos, e como não Marco Aurelio este grande Imperador? foram mil vezes atterrados pela fatal voz dos pregadores Evangelicos, que combaterão na mesma Roma os seus erros.

(Nota do Editor)

E o seu sopro empestado não puderaõ  
Inficionar já mais a sempre austerã  
Innocencia do seu coração casto.  
Assim, bella Arethuza, as tuas aguas  
Afortunadas correm para o seio  
FuriOSO de Amphitrite, hum crystal puro;  
As ondas sempre claras, a quem nunca  
Os amargos mares corromperão.

O excellente Momay, sendo-lhe guia  
A Prudencia, transporta-se aos lugares,  
Onde em braços a repida moleza  
O vencedor retinha dos humanos,  
E n'elle subjugava juntamente  
Os destinos da França; a cada instante  
O Amor, suas victorias augmentando,  
Mais feliz o fazia, porque a gloria  
O inflammasse melhor: quando os prazeres  
Tem quasi sempre termos tão succintos,  
Seus momentos alli se repartião,  
E preenchiaõ seus dias deliciosos.

No meio d'elles, eis que ardendo em ira,  
Amor descobre de Momay ao lado  
A severa Prudencia; elle pretende  
Lançar sobre hum guerreiro tão illustre

Hum tiro vingador; imaginava  
 Encantar seus sentidos, procurando  
 Ferir seu coração; mas seus encantos;  
 Suas iras Mornay sabio despreza;  
 He sobre suas armas, que se embotaõ  
 De Amor as fétas fracas; elle aguarda,  
 Que o Rei, sem companhia, se offereça  
 A seus olhos; talvez quando contemple  
 Por desafogo aquelles bons lugares.

No fundo dos jardins, onde humma fonte  
 Mais crystalina corre, alli debaixo  
 De hum amoroso myrto, doce asylo  
 Do segredo, d'Estree ao Régio amante  
 Prodigal dispensava os seus agrados;  
 Elle desfalecia junto d'ella;  
 Elle ardia em seus braços; já mais nada  
 Alterava os encantos das suaves  
 Doces conversações; seus olhos cheios  
 De venturosas lagrimas estavaõ,  
 D'essas lagrimas fim, que dos amantes  
 Fazem toda a delicia. Elles sentiaõ  
 O lethargo, os desmaios, os transportes;  
 Os furores, que hum tenro amor inspira,  
 Que elle só faz gostar, que elle só pode  
 Descrever; os Prazeres brincadores,

Os

Os Amores pueriz o Heróe desfarmaõ ;  
Hum lhe toma a coiraca inda cuberta  
De fangue , outro lhe tira fóra a espada  
Formidavel ; assim se divertiaõ ,  
Tendo nas fracas mãos aquelle ferro  
Do Throno apoio , affombro dos viventes ;

A Discordia de longe entaõ insulta  
A fraqueza do Heróe ; por hum susurro  
Seu barbaro prazer ella declara ;  
A fêra actividade se aproveita  
Dos seus instantes ; corre em fim da Liga  
A irritar as serpentes ; ah ! que em quanto  
Bourbon repousa , e dorme , se desperta  
Dos inimigos seus a raiva toda.

N'esses jardins , em fim , onde desmaia  
Sua virtude , vê , que lhe apparece  
Mornay , e ao vello , cobre-se de pejo ;  
Hum do outro só por só , teme a presença ;  
Chega-se o sabio a elle , e hum pensativo  
Silencio guarda ; mas hum tal silencio ,  
E suas vistas baixas bem se fazem  
Do Principe entender , e affis se explicaõ :  
Sobre o sombrio rosto , em que reinava  
A austeridade , Henrique facilmente

Sua

Sua vergonha lê, sua fraqueza;  
 Raras vezes se estimaõ dos defeitos  
 As testemunhas, sim, e a qualquer outro;  
 Que não fosse Mornay, levára Henrique  
 Muito a mal o cuidado: — Cáro amigo  
 ( O Rei diz ) minha colera não temas;  
 Quem meu dever me ensina, está seguro  
 De me agradar; o coração se busca  
 Do teu Príncipe, vem, porque elle he digno  
 Inda de ti; o ver-te só me basta;  
 Porque a mim mesmo tu me restituas;  
 Eu já torto a cobrar toda essa gloria,  
 Que me há roubado o Amor; d'este ledargo  
 Vergonhoso fujamos á ignominia,  
 Fujamos em fim d'hum lugar funesto,  
 Onde meu coração sobrefaltado  
 Inda ama essas cadeias, que arrastara;  
 O meu maior triunfo, de hoje em diante,  
 Seja o vencer-me, vamos; sim, nos braços  
 Da gloria fique Amor escamecido,  
 E o terror em Pariz logo espalhando,  
 Com o sangue Hespanhol o erro apagremos.

Mornay, a estas palavras generosas,  
 Conheceu o seu Rei — Sois vós ( diz elle )  
 Que appareceis de novo, como augusto

Apoiá



Apoio , e defensor da França inteira ;  
Vencedor de vós mesmo , vós Rei fostes  
Do vosso coração ; á vossa gloria  
Hum novo resplendor o Amor augmenta ;  
Se quem o não conhece he venturoso ,  
Illustre , e esclarecido , he quem o vence.

Affim fallou , e o Rei d'estes lugares  
Já se apressa a partir ; Oh Céos ! Que pena ,  
Enternecem as suas despedidas !  
Cheio do amado objecto , a quem adora ,  
E a quem foge , se vai a condemnar-lhe  
As lagrimas , que verte ; ah ! que elle mesmo  
As derrama tambem ; vê-se obrigado  
Por Mornay , por Amor vê-se attrahido ;  
Retira-se , mas toma , em fim já parte  
Desesperado. Oh dor ! n'este momento  
D'Estree desfalcida , sem sentidos  
Fica , sem côr , sem vida ; de huma noite  
Repentina seus olhos bellos se ornaõ ;  
Amor , que o percebeu lançou aos ares  
Hum espantoso grito ; o Heróe se assusta ;  
Elle recea , que huma noite eterna  
Leve Ninfa tão bella ao seu dominio ,  
E que apague os encantos para sempre  
D'aquelles olhos , que excitar devião

Na

Na França tanto ardor ; elle em seus braços  
 A recebe , eis que logo aquella amante  
 A' doce voz do amado vai abrindo  
 As palpebras defuntas , e o nomeia  
 Por seu querido bem ; torna a chamallo ;  
 Mas em vão ; com os olhos inda o busca ,  
 E de repente os fecha : o Amor banhado  
 Das lagrimas , que o Heróe alli vertera ,  
 A luz , que lhe fugia , brandamente  
 A torna a revocar ; de humma esperança  
 Enganadora mostra-lhe a docura ,  
 Do mal , de que em anctor , elle a consola.

Mornay sempre inflexivel , e severo ;  
 Entre tanto ao seu Rei penalizado  
 Incitava , a virtude em fim , e a força  
 O caminho lhes mostrão ; quem os guia ,  
 Com os loiros nas mãos , he a bella gloria ;  
 Raivoso o Amor de ver-se effim vencido  
 Do dever , a occultar logo se apressa ,  
 Longe d'Anet , as iras , e a vergonha.

CAN

# CANTO X.

## ARGUMENTO.

*Volta o Rei ao seu exercito. Elle torna a dar principio ao sitio. Combate singular do Visconde de Turenna, e do Cavalheiro d'Amat. Fome horriavel, que assola a Cidade: O Rei alimenta os mesmos habitantes, a quem põe sitio. O Céu recompensa em fim as suas virtudes. A verdade vem illustrallo. Parizolhe abre as suas portas, e se finaliza a guerra.*

**P**erdidos na moleza os arriscados  
Momentos, causa fôrça de que os vencidos  
Já da sua fraqueza se esquecessem;  
Para novas acçoens se vai dispondo  
Mayenne; huma esperança, que renasce;  
O Povo alenta, e ao mesmo tempo o engana;  
Impaciente Bourbon, pois nada o impede,  
Parte logo a acabar sua conquista;  
Admirado Pariz torna de novo  
A ver seus estendartes vencedores,  
O Heróe junto a seus muros torna a ver-se,  
N'aquelles mesmos muros, nos quaes inda

Fu-

Fumando está seu raio , e que elle nunca  
 A reduzir a cinzas se há disposto ,  
 Por ter baixado a elle o Anjo da França  
 A socegar-lhe as iras , e a impedir-lhe  
 O braço vencedor propinquo ao estrago.

Já no campo do Rei se ouvem os gritos  
 De alegria ; impacientes o despojo  
 Anhelaõ todos ; justo affômbro occupa  
 Os da Liga , entre tanto que turbados  
 Com Mayenne se juntaõ a Conselho :  
 Contrario allí d' Aumale a todo o voto ,  
 Que fosse timorato , fortemente  
 Esta falla lhes fez bem resolluto :  
 = Nós inda não sabemos occultar-nos ;  
 Vem a nós o inimigo , he pois preciso ,  
 Que para elle marchemos , que para elle  
 Hum furor venturoso se dirija :  
 A ardencia impetuosa dos Francezes  
 Eu bem conheço ; a sombra dos seus muros  
 Lhes sopita a virtude ; se se ataca  
 O Francez , elle está meio vencido ;  
 A desesperação , ah ! quantas vezes  
 Tem ganhado as batalhas ! Eu espero  
 Tudo de nós , dos nossos muros nada ;  
 Herões , que me esouteaes , vaei aos campos

De

De Marte ; os vossos Chefes são ( O' Povos  
Que nos quereis seguir ) os vossos muros .

Calou-se a estas palavras : os da Liga  
Em silencio parece que lhe accusão  
A audacia de imprudente ; de vergonha  
A d'Aumale se affoma, o sangue ao rosto ;  
E nos olhos de todos perturbados  
Elle leu impaciente o temor d'elles ,  
E a repulsa ; = Está bem , pois se a seguir-me  
( Elle torna ) valor em vós não acho ,  
A esta affronta , Francezes , eu não quero  
Sobreviver ; se acaso he que os perigos  
Vós temeis , eu só vou , vai só d'Aumale  
Offerecer-se a elles , e enfiar-vos  
Ao menos a morrer , quando não vença . =

As portas de Pariz em hum instante  
Elle abrir faz ; do Povo , que o rodeia ,  
Elle despade a escolta , e se adianta :  
Hum Rei de armas , Ministro dos combates ,  
Que até as tendas do Rei lhe há precedido ,  
Entraõ grita em voz alta = Qualquer , que ama  
A bella gloria , venha ; sim , dispute  
N'este lugar a honra da victoria ;  
Inimigos , d'Aumale vos espera . =

A' voz do desafio, os Chefes todos  
 De zelo arrebatados, já querião  
 Provar o seu valor contra d'Aumale;  
 Perante o Rei alli se disputavaõ  
 Sobre a illustre ventagem; todos tinhaõ  
 O preço do valor bem merecido,  
 Mas Turenna fômente foi, quem pôde  
 Obter honra tão grande; o Rei há posto  
 Nas suas mãos da França toda a gloria;  
 Vai ( lhe diz ) d'hum soberbo essa arrogancia  
 Reprime, pelo teu Paiz combate,  
 Pelo Principe teu, e por ti mesmo;  
 Ao partir do teu Rei recebe as armas:  
 Isto dizendo Henrique, lhe confere  
 A sua espada = O' grande Rei ( Turenna  
 Lhe responde, abraçando-o pelos joelhos )  
 Vossa esperança não será frustrada,  
 Juro-o por este ferro, e por vós juro =  
 Fallou: o Rei o abraça, e já se lança  
 Turenna para a parte, onde d'Aumale  
 Impaciente esperava, que a seus olhos  
 Hum guerreiro valente apparecesse;  
 De Pariz todo o Povo correu logo  
 A's muralhas; os Chefes, e os soldados  
 De Henrique, junto d'elle se puzeraõ;  
 Sobre os dois combatentes se fixaõ

As

As vistas todas ; cada qual procura  
Ver o seu defensor em hum d'aquelles ;  
E então não fô com gestos , mas com vozes ,  
Imagina excitár-lhe o valor forte.

Sobre Pariz no em tanto se elevava  
Huma nuvem fatal , que parecia  
O trovaõ conduzir , e a tempestade ,  
Seus lados denegridos , e abraçados ,  
Abertos de improvizo ja vomitaõ  
N'este lugar os monstros dos Infernos ;  
O horrivel Fanatismo , a sempre infame  
Discordia , a melancolica , severa  
Politica , de hum coração falsario ,  
De hum olhar ao revez , mesmo o Demonio  
Dos combates , furores respirando ;  
Deoses embriagados fô de sangue ,  
Deoses dignos da Liga. Elles aos muros  
Da Cidade se lançaõ , alli chegaõ  
Em favor de d'Aumale , depois logo  
Ao combate se apressaõ. Eis que do alto  
Dos Céos abertos , n'esse mesmo instante ,  
Sobre o Throno dos ares , desce hum Anjo  
De luz cercado , envolo em resplandores ,  
Que com azas de fogo vai abrindo  
Sua carreira , atroz de si deixando

O Occidente illustrado com os fulcos  
 Luminosos, de que elle está cingido ;  
 A oliveira sagrada elle sustinha  
 Em huma mão , annuncio prodigioso  
 De huma paz desejada ; em outra o ferro  
 Do Senhor das vinganças refuzia ,  
 A espada , que vibrara em outro tempo  
 O Anjo exterminador , quando se acharão  
 Condemnados á morte devorante  
 Pelo Eterno os primeiros , que nascião  
 De huma raça insolente. Logo á vista  
 D'esta espada suspensos , desarmados  
 Os monstros infernaes , desfalecidos  
 Se mostraõ , o terror logo os sorprende ,  
 Hum poder invencivel lança em terra  
 As armas vis d'aquella infame tropa.  
 Assim do seu Altar , tincto de sangue  
 Dos humanos , cahio o Dagon fero ,  
 O Deos dos Philisteos , apenas a Arca  
 Do Deos dos Deozes fora alli trazida ,  
 E áquelle cego Povo apresentada.

Pariz , o Rei , o exercito , os Infernos ,  
 E os Ceos fictado tinhaõ suas vistas  
 Sobre o illustre combate ; os dõis guerreiros  
 Na carreira entraõ logo ; foubé Henrique

De



De huma acção de honra abrir-lhes o caminho;  
C'o pezo de hum escudo elles seus braços  
Não opprimem , tambem se não occultaõ  
Debaixo d'esses bustos de aço , ou bronze ,  
Que forão n'outro tempo ornato honroso  
De antigos Cavalleiros , para a vista  
Brilhantes , para o ferro impenetraveis ;  
Quizeraõ rejeitar hum apparato ,  
Que demora o combate , e que o perigo  
Faz que seja menor ; as suas armas  
São só a espada ; abjecta outra defeza ,  
Expostos corpo a corpo já se avançaõ :  
= O' Deos ( Turenna exclama ) que és agora  
Arbitro do meu Rei , d'esse Céos desce ,  
E julga a sua causa ; por mim hoje  
Peleja , que o valor , sem ter a tua  
Maõ protectora , he em vão quanto trabalhar ;  
Eu de mim nada espero , e se confio ,  
He na tua justiça. = Entraõ d'Aumale  
Respondeu = Do meu braço tudo espero ;  
De nós he , que depende esse destino  
Dos combates ; em vão hum timorato  
Implora o Deos Supremo ; bem tranquillo  
Nos Céos elle a nós mesmos nos entrega ;  
O partido mais justo he do que vence ,  
E o valor he sómente o Deos da guerra. =

Fal

Fallou: e de hum aspecto todo cheio  
 De soberba, elle vê a segurança  
 Modesta, com que o seu rival se porta.

Mas a trombeta soa; ambos avançam,  
 O combate fatal em fim começa;  
 Tudo, quanto já mais em si puderam  
 O valor, a destreza, a agilidade,  
 A constancia, a paixão, o ardor, a força,  
 Se vio de ambas as partes neste choque  
 Admiravel; cem golpes eram dados,  
 E reparados logo ao mesmo tempo;  
 Com furor humas vezes hum sobre outro  
 Se lança, mas com passo mui ligeiro  
 Se desvia o contrario; mais unidos  
 Outras vezes parece, que se apertam;  
 Espantoso prazer he vellos ambos  
 No perigo maior; da gosto vellos  
 Como se observam, como entam se medem,  
 Se temem, se demoram, se arremecam;  
 O ferro scintillante desviado  
 Com arte, nos fingidos movimentos  
 Engana a vista absorta, e confundida:  
 Tal se ha visto do Sol a luz brilhante  
 Quebrar seus raios na agua transparente,  
 E por outros caminhos ja rompendo

Do

Do crystal puro repassar aos ares :  
O expectador attento , forprendido ,  
Naõ o podendo crêr , a todo o instante  
Via dos combatentes logo a queda ,  
Para logo a victória ; mais ardente  
He d'Aumale , mais forte , e mais furioso ;  
He mais destro Turenna , porém menos  
Impetuoso ; senhor dos seus sentidos  
Sem colera animado , pouco a pouco  
Faz cançar o seu rigido contrario :  
D'Aumale em vaõs esforços exaurido  
Tem logo o seu vigor , e assim seu braço  
Já fatigado ao seu valor não serve ;  
Turenna , percebendo-lhe a fraqueza  
Reanima-se então , e vai sobre elle ;  
De tal forte o carrega , que de hum golpe  
Por fim mortal o peito lhe traspassa :  
Envolvido nas ondas do seu sangue  
D'Aumale cahe : do Inferno os monstros todos  
Tremem , e estes lugubres accents  
Lá nos ares se ouvirão = Já da Liga  
Se há destruido o Throno para sempre ,  
Tu o levas , Bourbon , o no To Reino  
Acabou = Todo o Povo corresponde  
Com gritos lamentaveis. Já d'Aumale ,  
Sem vigor estendido sobre a areia ,

Q

Amca-

Ameaçando a Turenna , em vão o ameaça ;  
 Sua espada terrível já se observa  
 Da mão cahir-lhe ; sim , fallar pretende ;  
 Mas na boca languente a voz lhe espira ;  
 O horror de ser vencido he quem o aspecto  
 Lhe faz ser mais feroz ; ergue-se , e toma  
 A cahir ; abre hum olho agonizante ,  
 Vê a Pariz , e morre suspirando :  
 Mayenne desgraçado assim o viste ;  
 Tu tremes , tua proxima ruina  
 Ah ! que n'este tão horrido momento  
 Se está offerecendo a teus sentidos.

Os soldados no em tanto conduziaõ  
 Aos muros de Pariz , a passos lentos ,  
 O corpo miseravel de d'Aumale ; (a)  
 Por entre hum Povo cheio de tristeza  
 ( Que horror ! ) este espectáculo funesto ;  
 Esta pompa fatal foi caminhando ;  
 Vê cada qual tremendo aquelle corpo  
 Desfigurado , o rosto denegrido ,  
 Tincto de sangue ; a boca hum pouco aberta ;  
 Inclinação a cabeça ensanguentada ,

E

(a) O Cavalheiro d'Aumale foi morto n'este tempo em S. Denis , e a sua morte debilitou muito o partido da Liga. O seu duelo com o Visconde de Turenna não he mais , que hum jogo , mas estes combates particulares ulavão-se então.

E cubertos de pó os olhos, onde  
A morte em seus horrores mais se empenha;  
Já se não ouvem gritos, não se observão  
Lágrimas, a vergonha, o abatimento,  
A piedade, o temor contem as queixas,  
Os suspiros suffocão; tudo treme,  
Cala-se tudo; hum ruído enraão terrivel  
O horror d'este silencio augmenta logo;  
Os gritos dos fiantes se levantão  
Até os Céos; os soldados, e seus Chefes  
Ao Rei supplicão, instão pelo assalto:  
Bourbon n'este momento lhes modera  
A colera, e valor; sentio, que ainda  
Dentro em si elle amava a ingrata Patria,  
Elle salvalla quiz da propria furia;  
Prompto em favorecer os seus Vassallos,  
Quando era d'elles mais aborrecido;  
A tempo que perderem-se procuraão,  
Elle os quer só ganhar; feliz se julga,  
Se com sua bondade sujeitando  
A fêra audacia d'estes infelices,  
Os pudesse forçar, a que rogassem  
D'elle o perdaão; podendo destruillos,  
Faz, com que lhe resistão; aos furores  
Lhes deixa em fim Bourbon entregue o tempo  
De assim se arrependem: há previsto,

Q

Que

Que sem affaltos pôde , sem combates ;  
 Opprimillos ; que a fome , que a penuria ;  
 Mais fortes do que as armas , sem trabalho  
 Lhe entregaraõ hum Povo sem alentos ,  
 Nutrido na abundancia , costumado  
 Ao luxo , que vencido de seus males  
 Pela indigencia , humilde chegaria  
 A implorar a seus pés toda a clemencia :  
 Porém o falso zelo ( ah ! Quem tão duro  
 Deixara de ceder ! ) o soffrimento  
 Lhes ensina , e que a tudo elles se arrisquem

Os sediciosos pois , a quem poupava  
 Huma mão vingadora , inda se atrevem  
 A tomar por fraqueza , o que he virtude  
 N'hum poderoso Rei ; do valor d'elle  
 Esquecidos , soberbos abuzando  
 De tantas graças , já de novo insultaõ  
 O seu senhor , affrontaõ , a quem mesmo  
 Soube vencellos , chegaõ finalmente  
 A infamar-lhe a vingança por ociosa.

Mas quando, em fim , do Sena , posto em fúio,  
 As aguas conduzir já não puderaõ  
 Para a grande Cidade o costumado  
 Tributo das copiosas sementeiras

Dos seus contornos , quando a fome infauſta ,  
E pallida , em Pariz apparecia ,  
Moſtrando a triſte morte , que apoz d'ella  
Marchava , então ſe ouvírao eſpantofos  
Alaridos ; Pariz de deſgraçados  
( O ſoberbo Pariz ) ſe vio encher ſe ,  
Dos que com voz languente , a mão tremendo ,  
Para a vida o ſuſtento em vão pediaõ :  
O meſmo rico , vendo ſeus eſforços  
Baldados , para logo ſente a fome  
No meio dos theſouros. Não haviaõ  
Nem mais divertimentos , nem mais jogos ;  
Ou feſtas , onde todos adornavaõ  
De roſas , e de murtas as cabeças ;  
Onde em grandes prazeres ( que ſão ſempre  
De pouca duração ) os mais ſelectos  
Vinhos , e os mais magnificos manjares ,  
Debaixo das abobedaſ doiradas ,  
Em que habita a moleza , deſaſiavaõ  
Do inerte paladar o goſto enfermo.

Com horror , todos eſſes voluptuoſos  
Então ſe vio , que , pallidos , no aſpecto  
Deſfigurados , tendo a morte á viſta ,  
No centro da opulencia perecendo  
De miſeria , deſteſtaõ por inutil  
De ſeus bens a abundancia ; aquelle velho ;

Cujá fome termina já seus dias,  
 Vê que espira no borgo sem soccorro  
 O cáro filho; alli desfalecendo  
 Huma familia inteiza perde a vida;  
 Mais adiante, lançados sobre a terra  
 Mil outros infelices, disputando  
 Estão inda nos ultimos instantes  
 Sobre fardidos restos, vãs reliquias  
 De hums alimentos vis. Estes espectros  
 Famintos, ultrajando a natureza,  
 Vaõ demandar ao seio dos sepulchros  
 O sustento; dos mortos, e já podres  
 Ossos, como se fosse hum puro trigo,  
 Dispoem ( que horror!) o pão: que não obriga  
 A tentar as misérias mais extremas!  
 Das cinzas de seus Pais elles se nutrem,  
 Porém esta ignavia detestável  
 Mais lhes apressa a morte; (b) este alimento  
 Em fim lhes serve de ultima comida.

Com tudo os Sacerdotes, (c) esses impios  
 Fanaticos Doutores, que bem longe

De

(b) O Embaixador de Hespanha foi, o que aconselhou, a que dos ossos dos mortos fizessem pão; mas isto servio de abbreviar mais os dias a muitos milhares de homens.

(c) Se he certo o que se afirma d'estes Ecclesiasticos, he

esse



De terem também parte nas misérias  
 Publicas , dirigindo seus paternos  
 Cuidados tão sómente para as proprias  
 Necessidades , todos na abundancia  
 Viviao sempre , á sombra dos Altares ; (d)  
 Attestando a paciencia do Deos , que elles  
 Tanto ultrajavao , promptos acudiao  
 Por toda a parte a dar esforço ao Povo  
 Para a constancia : a hums , a quem a morte  
 Hia a cerrar os olhos , patenteavao  
 Suas mãos liberaes dos Céos as portas ;  
 Ao mesmo tempo a outros , d'hum austero  
 Golpe de olho profetico , mostravao  
 O raio abrazador todo eminente  
 Sobre hum Principe herege ; os numerosos  
 Soccorros , sem demora alli chegados ,  
 A pôr salvo a Pariz , em fim té prompto  
 Do Céu o Manná , cahindo já sobre elles ;  
 Ah ! Que estes contos vaos , estas promessas  
 Estereis , mais , e mais inda encantavao

A

esse facto hum argumento forte da sua avareza , e inhumanidade ; mas os costumes ( como já n'outra parte se advertio ) em nada podem detrahir á doutrina sancta do Evangelho , que tão claramente recomenda a compaixão para com os nossos semelhantes , a quem manda amar como a nós mesmos , e por consequencia soccorrellos na sua miseria , e indigencia. ( Nota do Editor )

(d) Fez-se revista ( diz Mezeray ) nas casas dos Ecclesiasticos , e nos Conventos , e se acharão todos com provimento , inda os mesmos Capuchinos , para mais de hum anno.

A tantos desgraçados, muito facéis  
De se enganarem; elles seduzidos  
Pelos Padres, também amedrontados  
Dos Dezeséis, submissos, e contentes,  
Aos pés d'elles morrião; na verdade,  
Porque a vida abandonão, são felices,

D'hum montão de Estrangeiros a Cidade  
Repleta estava; tigres, que em seus seios  
Nossos Avós nutrirão; mais terriveis,  
Que a mesma morte, a guerra, e do que a fome:  
Huns que vieraõ das Belgicas campanhas  
Outros lá dos penhascos, e dos montes  
Da Helvecia, (e) todos barbaros, que ostentaõ  
A guerra por officio, e as suas vidas  
Não duvidaõ vender, a quem lhes pague;  
D'estes novos tyrannos as famintas  
Tropas põem cerco ás cazas, e furiosas  
Rompem as portas; dentro aos affustados  
Hospedes, vão ferir com mortaes golpes  
Não por lhes arrancar os seus inuteis  
Thesoiros; não porque roubar pertendaõ  
Com huma mão adultera huma filha

Cho-

(e) Os Suíços, que estavam em Pariz a soldo do Duque de Mayenne,ahi commetterão terriveis excessos; he sobre elles sumaria, que cahê o nome de barbaros, e não sobre a sua Nação, por ser esta huma das mais respeitaveis do mundo.

Chorosa á pobre Mãe, que treme em furtos;  
 Sim, a necessidade, de hum fome  
 Taõ cruel, que os devora, mostra n'elles  
 Suffocar qualquer outro sentimento,  
 Só porque se alimentem por hum pouco  
 De tempo; este era o fim de huma espantosa  
 Diligencia; indo apoz d'esta fortuna,  
 Crueldade não houve, nem supplicio,  
 Que d'elles o furor não inventasse.

Hum mulher (f) (O Deos!) he necessario  
 Conservar na lembrança a narrativa  
 Horrenda d'hum historia taõ funesta!  
 Hum mulher se achou destituida  
 D'hum resto de alimento, por huns d'estes  
 Corações inhumanos; dos bens, que ella  
 Vio, que a cruel fortuna lhe roubara,  
 Hum filho lhe restava, já propinquo  
 A espirar, como a Mãe, ella furiosa  
 Com hum punhal na mão chega-se ao filho  
 Innocente, que os braços lhe estendia:  
 A infancia, sua voz, seus attractivos,  
 Sua miseria á Mãe enfurecida

Mãe

(f) Esta historia he contada em todas as memorias do  
 tempo. Similhanes horrores acontecerão tambem no filo da  
 cidade de Sancerre.

Mil lagrimas lhe arrancô ; ella volta  
 Sobre elle então seu rosto perturbado ,  
 Cheio de amor , de raiva , de piedade ;  
 E de pezar ; o ferro por tres vezes  
 Se lhe escapa da mão defanimada ;  
 Arrebatou-se em fim dos seus furores ,  
 E com tremula voz amaldiçoando  
 O hymeneo , e o ter sido ella fecunda ;  
 = Cáro filho ( lhe diz ) tu , que sãste  
 D'estas minhas entranhas desgraçado ,  
 De balde recebeste a triste vida ;  
 Os tyrannos , e a fome bem depressa  
 Ta roubação ; mas filho , porque he justo  
 Que vivas ? Para errante , e sem ventura  
 Andares em Pariz chorando sempre  
 Sobre as suas ruinas ? Não , morre , antes  
 De sentires meu mal , e as tuas penas ;  
 Torna-me a vida , e o sangue , que te há dado  
 Tua Mãe ; este meu infeliz peito  
 Te sirva de sepulchro ; hum novo crime  
 Veja ao menos Pariz em seus trabalhos .  
 Dizendo estas palavras delirante ,  
 E furiosa , no peito de seu filho  
 A mão tyranna enterra , estremecendo  
 O ferro parricida ; para junto

Do fogo ella o corpinho ensanguentado  
 Conduz , e com o braço , pela sua  
 Cruel fome impellido , entraõ prepara  
 Sofregamente a barbara comida.

Attrahidos da fome os impetuosos  
 Soldados , a guiar tornaõ seus passos  
 Para esta habitação toda de horrores ;  
 He d'elles o transporte semelhante  
 A' alegria cruel , que occupa os Ursoes  
 E os Leoens , quando cahem sobre a preza ;  
 Huns , e outros á porfia vem furiosos  
 E mettem dentro as portas ; mas que espanto !  
 Que terror ! Junto a hum corpo ensanguentado  
 Se mostra á vista d'elles perturbada  
 Huma mulher , de sangue toda immunda ;  
 — Sim , he meu proprio filho , crucis monstros !  
 Sois vós , que no seu sangue haveis tingido  
 Minhas mãos ; de sustento pois vos sirvaõ  
 A Mãi , e o filho ; acaso estaes receando ,  
 Mais do que eu , ultrajar a natureza ?  
 Que horror eu vejo em vós , que assim parece  
 Vos gela a todos ? Tigres , taes regalos  
 Para vós se dispõem — Este discurso  
 Insensato , que a colera lhe inspira ,  
 D'hum punhal he seguido , que em seu peito

El-

Ella crava : agitados , e confusos  
Do horror d'este espectáculo , já fogem  
Estes monstros crueis espavoridos :  
Não ouzaõ mais olhar para esta casa  
Terrivel ; pensaõ ver cahir sobre elles  
Fogo celeste , e o Povo já cansado  
De ver o horror fatal do seu destino ,  
Erguia as mãos ao Céu , pedia a morte.

Até as tendas do Rei foraõ as queixas ;  
Seu coração moveu-se , compungiraõ-se  
Suas entranhas ; sobre o infiel Povo  
Elle se vê chorar : O' Deos ( diz elle )  
Deos , que nos corações sempre estás lendo  
Que vês tudo , o que eu posso , que conheces  
Quanto emprehendo ; tu és o Juiz da causa  
Entre Henrique , e os da Liga ; a ti , bem sabes ;  
Que eu 'as mãos innocentes erguer posso :  
Eu estendia os braços aos rebeldes ;  
Não cáiaõ sobre mim suas desgraças ,  
E seus crimes. Mayenne por seu gosto  
Estas victimas há sacrificado ,  
Elle impute , se quer , tantos desastres  
A' obrigação precisa ; he esta a escusa  
Dos tyrannos ; as penas , as miserias ,  
Elle faça augmentar de meus Vassallos

Porto

Por elle seduzidos ; inimigo  
 Elle he d'elles ; ser Pai a mim me toca ;  
 Alimentar meus filhos me pertence,  
 E arrancallos dos lobos devorantes :  
 O meu Povo deveu aos meus favores  
 O armar-se contra mim ; eu por salvall'o  
 Arrisquei perder o meu diadema ;  
 Elle viva , eu o quero ; não importa  
 A que preço ; inda mesmo a pezar d'elle ;  
 Salvemo-lo com tudo dos que forão ,  
 E saõ seus verdadeiros inimigos :  
 E se muita piedade em fim me custa  
 O meu Imperio , ao menos me contento ;  
 Que em meu tumulto possa ler-se hum dia  
 = Henrique hum inimigo generoso  
 De seus Vassallos , que antes ha querido  
 Velloz salvos , do que reinar sobre elles. =

Fallou : e ordena logo (g) se avisinhe  
 Sem estrondo o exercito às muralhas  
 Da Cidade faminta ; que se levem  
 Aos Cidadãos da paz bellos annuncios ,  
 E que , em vez de vingança , só se tracte

De

(g) Henrique IV. foi tão bom , que permitia aos seus Offi-  
 ciales ( como diz Mezeray ) que mandassem refrescos às  
 Damas , e aos seus amigos antigos : a exemplo dos Officiaes  
 os soldados o fazião tambem.

De beneficios. Promptas obedecem  
 Ao supremo preceito as suas tropas:  
 Os muros se guarnecem n'hum instante  
 De immenso Povo; então se vêm sobre elles  
 Chegar a passos lentos esses corpos  
 Inanimados; pallidos; trêmentes;  
 Taes, como se fingia, em outro tempo,  
 Que dos Reinos efeutos elles Magos  
 Ao seu mando-fazião vir as fômbas,  
 Quando com sua voz elles detinão  
 Do Coccyto as correntes; e chamavão  
 Os infernos, e as almas vagabundas:

De que excessivo affombro não se occupão  
 Estes agonizantes, quando admirão,  
 Que se aprompta a nutrillos elle mesmo;  
 O inimigo cruel? Atormentados,  
 Destruídos pelos seus bons defensores;  
 Achaão nos que os perseguem a piedade;  
 Todos estes successos elles tinham  
 Por incriveis; os piques formidaveis  
 Vaão diante de si; viaão os bronzes,  
 Instrumentos que são das tyrannias  
 Da sorte; as lanças, sempre conductoras  
 Do estrago, agora viaão, que, auxiliando  
 De Bourbon a vontade generosa,

nao

Nas



Nas pontas de hum ensanguentado ferro  
 A vida lhes traziaõ ; Pois são estes  
 ( Elles dizem ) aquelles crueis monstros !  
 Este o Tyranno aos homens tão terrivel ?  
 O inimigo de Deos , que assim nos pintaõ  
 De colera tão cheio ? Ah ! que he esta  
 A mais brilhante imagem do Deos vivo !  
 He hum Rei bemfeitor , sacro modelo  
 Dos mais Principes ; nós viver debaixo  
 Das suas leis já mais lhe merecemos ;  
 Elle triunfa , e perdoa ; a quem o offende  
 Elle ama ; possa todo o nosso sangue  
 Firmar o seu poder. Nós muito dignos  
 Da morte , de que Henrique nos izenra ;  
 Consagremos-lhe o resto d'esses dias ,  
 Que elle nos há piedoso conservado .

D'aquelles coraçoes enternecidos  
 Esta foi a linguagem : mas quem pôde  
 D'hum inconstante Povo assegurar-se ,  
 Cuja fraca amisade em vaõs discursos  
 Se dissipa ; que algumas vezes se ergue ,  
 Mas que sempre a cabir torna de novo !  
 Os Sacerdotes , esses que mil vezes ,  
 Por meio da eloquencia mais funesta ,  
 Accenderaõ os fogos , que violentos

Com

Consumiraõ a França , a este Povo  
Humilhado se vão mostrar em pompa  
= Combatentes sem animo ( lhes dizem )  
E Christaõs sem virtude , de que indigno  
Encanto vos deixaes enganar todos ?  
As palmas do martyrio já vós fracos  
Desconheceis ? Soldados do Deos vivo ,  
Quereis antes viver para ultrajallo ,  
Do que morrer por elle ? Desde o Empyreo  
Vós está Deos mostrando as suas c'roas ;  
Christaõs , não esperemos , que hum Tyranno  
Nos haja de perdoar ; á sua Seita  
Criminosa retnir-nos só pertende ;  
Com effes pois seus proprios beneficios  
Traçtemos de o punir ; os Templos Sanctos  
D'esse seu culto heretico salvemos. =  
Assim he que prérgavaõ : suas vozes  
Fanaticas , senhoras do vil Povo ,  
E terriveis aos Reis , calar faziaõ  
A voz dos beneficios recebidos ;  
Tornando alguns entãõ á antiga furia ,  
Promptamente em segredo se accusavaõ  
De deverem a vida ao grande Henrique.

Por entre estes clamores , e por entre  
Estes gritos odiosos , a virtude

D'ef-

D'este Reî até os Céos há penetrado ;  
Luiz , que velou sempre , nas alturas  
Da abobeda divina , sobre a raça  
Dos Bourbons , de quem elle era principio ;  
Conhece em fim , que os tempos caminhavaõ  
A serem já cumpridos , e que o excelso  
Rei dos Reis o seu filho adoptaria :  
Fóra do coração lhe lançou logo  
Os encantos ; a fé enxugar veio  
Os seus olhos de lagrimas banhados ;  
Veio a doce esperança juntamente  
Com o amor paternal , que conduziraõ  
Seus passos junto aos pés do Deos Eterno:

He no meio das luzes d'hum perenne ,  
E puro fogo , que ( antes lá dos tempos )  
O seu Throno immutavel Deos há posto :  
Debaixo de seus pés o Céu se forma ;  
De differentes astros sempre o curso  
Regulado o annuncia ao Universo ;  
Hum Poder , hum Amor , á Intelligencia  
Associados não sãõ , mas divididos ,  
Compõem a sua essencia ; na doçura  
De huma paz immortal , de huma torrente  
De gostos os seus Sanctos engolfados ,  
Penetrados não sãõ da sua gloria ,

R

Mas

Mas d'elle mesmo cheios , á porfia  
Adoraõ sua immensa Magestade :  
Em frente d'eile estaõ os abrazados  
Seraphins , a quem elle há commettido  
Do Universo os destinos ; elle fallã ,  
E vaõ elles mudar da terra a face ;  
Das potencias do seculo faõ elles  
Que a raça diminuem , entre tanto  
Que os humanos , infame jogo do erro ;  
Dos eternos conselhos sempre accusaõ  
O sublime ; por elles se vio Roma  
Castigada , e sujeita ; aos bravos filhos  
Do Norte foi entregue toda a Italia ,  
Hespanha aos Africanos , e a Cidade  
Sancta , aos que de Mafoma o rito seguem ;  
Todo o Imperio há cahido , todo o Povo  
Há tido seus Tyrannos ; porém esta  
Impenetravel , justa Providencia  
Não deixa prosperar sempre a arrogancia ;  
Sua bondade algumas vezes pende  
A inclinar-se aos humanos , e entraõ passa  
Dos Reis o Sceptro ás mãos mais innocentes.

Eis o Pai dos Bourbons já se apresenta  
A seus olhos , e em meio dos suspiros  
Com voz enternecida assim lhe falla :

Pai

— Pai do Univerſo, eu ſei, que algumas vezes  
Honras de huma ſó viſta os Reis, e os Póvos;  
Olha o Povo Francez, como rebelde  
Ao ſeu Principe he; ſe elle quebranta  
As tuas leis, por fiel he que aſſim obra;  
Cégo pelo ſeu zelo não attende,  
Que te deſobedece; em ſó vingar-te  
Pensa, quando traidor a ti ſe mostra:  
Vê eſſe Rei triunfante, que he da guerra  
Raio, exemplo, e terror, gloria do mundo;  
Com tal virtude pois hás tu formado  
Seu coração, e agora aſſim o entregas  
Aos laços do erro? He ponto mui preciso,  
Que obra das tuas mãos a mais perfeita  
Offereça ao ſeu Deos, ao Deos, que adora;  
Huma impura, e culpavel homenagem?  
Ah! ſe ignorar teu culto o grande Henrique;  
Por quem o Rei dos Reis quer, ou pretende  
Ser adorado? Ah! digna-te dar luzes  
A hum nobre coração, que foi criado  
Para te conhecer; hum filho á Igreja  
Benemerito dá, e hum Rei á França:  
Dos da Liga obſtinados deſordena  
Os projectos; dá o Principe aos Vaſſallos;  
E os Vaſſallos ao Principe; tu podes  
Fazer, que os corações todos unidos

R. 2

Tua

Tua justiça adorem, e te offereção  
Hum mesmo sacrificio em Pariz todos.

De seus rogos o Eterno já se deixa  
Penetrar ; por palavra , que se digna  
Dar-lhe da sua boca , elle o assegura :  
A' sua vóz Divina os mesmos astros  
Se abaláraõ , tremeu com ella a terra ,  
Os Ligados tremeraõ ; de improviso  
Henrique , que nos Céos havia posto  
Toda a sua firmeza , bem prezume ,  
Que o Altíssimo por elle se interessa.

De repente a verdade , essa que há muito  
Se espera , dos humanos sempre amada ,  
Muitas vezes porém desconhecida ,  
Para as tendas do Rei desce da altura  
Lá dos Céos ; logo hum véo espêssô a impede  
De ser vista de algum ; de instante a instante  
As sombras , que a escurecem , vão cedendo  
A' clara luz dos fogos , que as dissipa  
Pouco a pouco ; ella em fim se manifesta  
A seus olhos , de a verem já contentes ,  
Naõ com falso brilhante , sim com hum claro  
Esplendor , que já mais naõ alucina.

Henr

Henrique , cujo peito sempre illustre  
Para ella era formado , vê , conhece ,  
Adora em fim a sua luz eterna ;  
Com fé confessa já , que he muito affirma  
Do homem a Religião , que ella confunde ,  
Ella affusta a razão ; já reconhece  
A Igreja , cá na terra combatida ,  
A Igreja huma fô sempre , dilatada  
Por toda a parte ; livre , mas debaixo  
D'hum Chete ; em fim a Igreja , que respeita ;  
Que adora , nos milagres dos seus Sanctos ,  
Do seu immenso Deos toda a grandeza.

Christo por nossas culpas renascida  
Viçtima , distribuido em hum vivente  
Sustento aos seus amados , e escolhidos ,  
Desce sobre os Altares : consternados  
De Henrique os olhos , elle então descobre  
Debaixo alli do pão , que não existe ,  
Hum Deos Eterno ; rende-se obediente  
Seu coração , entrega-se aos mysterios  
Sanctos , a seu juizo incomprehenfíveis.

Luiz n'este momento , em que completa  
Seus desejos , Luiz , na mão trazendo  
A oliveira da paz lá dos Céos desce

Em

Em demanda do Heróe , que tanto estima ;  
Aos muros de Pariz vai elle mesmo  
A conduzilla ; os muros abalados  
A' sua voz se abrião : elle em nome  
Do Deos, que faz, que os Reis a reinar cheguem,  
Entra então ; (b) os da Liga confundidos ,  
As armas humilhando aos pés de Henrique ,  
Com lagrimas os banhaõ ; ficaõ mudos  
Os Sacerdotes ; pallidos , e cheios  
De susto os Dezeseis , em vão procuraõ  
Para occultar-se as grutas mais distantes ;  
Todo o Povo , mudado n'este dia ,  
O seu Rei verdadeiro reconhece ,  
Seu vencedor , seu Pai o acclamaõ todos :

Desde então se admirou feliz , glorioso  
Hum reinado , que tendo seu principio  
Taõ tarde , taõ depressa teve o termo :  
O Hespanhol affustou-se ; Justamente  
Roma já mitigada , não duvida  
Adoptar a Bourbon ; Roma se há visto

D'el-

(b) Este bloqueio, e esta fome de Pariz tem por Epoca o anno de 1590, e Henrique IV. não entrou em Pariz se não no mez de Março de 1594. Elle se havia feito Catholico em Julho de 1593, mas foi preciso trazer para aqui estes tres grandes acontecimentos, porque se escrevia hum Poema, e não hum historia.



D'elle amar-se. A Discordia tornou logo  
A entrar na noite eterna ; em fim Mayenne  
A hum Rei reconhecer foi reduzido ;  
E já mudado em tudo , submettendo  
Seu coração fiel , suas Provincias ,  
Do mais justo dos Principes foi elle  
O Vassallo melhor , que a França vira.

F I M.

*Erratas.*

Pag.		linh.	Erros	Emendas.
28	Nota (f)	4	Quintins	Quintino
29		11	o fogo	o jogo
—		13	Montesquieu	Montesquiou

835513







710

13

Falkner Greirson

9.7.1984

[ZAH.]

